



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL - PPGMS

RODRIGO MARTINS CHAGAS

ESTÁDIO DE SÃO JANUÁRIO: O JOGO DA MEMÓRIA, DA HISTÓRIA E DA  
CULTURA

RIO DE JANEIRO

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ESTÁDIO DE SÃO JANUÁRIO: O JOGO DA MEMÓRIA, DA HISTÓRIA E DA  
CULTURA

Dissertação apresentada pelo aluno Rodrigo  
Martins Chagas, como requisito para a  
obtenção do título de mestre, pelo Programa  
de Pós-Graduação em Memória Social, da  
Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro

Linha de Pesquisa: Memória e Patrimônio.  
Orientador: Prof. Dr. José Ribamar Bessa  
Freire

Rio de Janeiro

2019

C426 Chagas, Rodrigo Martins  
ESTÁDIO DE SÃO JANUÁRIO: O JOGO DA MEMÓRIA, DA  
HISTÓRIA E DA CULTURA / Rodrigo Martins Chagas. --  
Rio de Janeiro, 2019.  
120

Orientador: José Ribamar Bessa Freire.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação  
em Memória Social, 2019.

1. Estádio São Januário. 2. História. 3. Memória  
Social. 4. Patrimônio. I. Freire, José Ribamar  
Bessa, orient. II. Título.

Aprovada em: 27 de Fevereiro de 2019

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire (Orientador) UNIRIO/UERJ

---

Prof. Dr. Amir Geiger UNIRIO

---

Prof. Dra. Rosângela de Sena Almeida FAETERJ

---

Prof. Dr. Sérgio Luiz Pereira da Silva UNIRIO

(Suplente)

*“El deporte y la política se cruzan por la afinidad de sus estructuras de juego o enfrentamiento, y el carácter de <representantes> con que se adornan o legitiman sus protagonistas”. (VERDÚN, 1980, p.11)*

## RESUMO

O estádio Vasco da Gama popularmente conhecido como São Januário é historicamente um dos mais importantes estádios brasileiros desde a sua fundação em 21 de Abril de 1927 até os dias atuais. Nesses mais de noventa anos, foi palco de inúmeros eventos de grande relevância ocorridos no nosso país. Nele, o presidente Getúlio Vargas promulgou a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e instaurou a Justiça do Trabalho. Nele, o maestro Villa-Lobos orquestrou eventos orfeônicos. Ele abrigou a Primeira Semana de Educação com a presença do ministro Gustavo Capanema, do presidente Vargas além de inúmeros docentes e discentes num diálogo sobre os rumos da educação nacional. Enfrentou o preconceito social, quando acolheu jogadores negros, pobres, suburbanos e analfabetos. Aberto à cultura popular, sediou desfiles de carnaval, entre os quais um em caráter experimental com a primeira dama Darcy Vargas, e o outro, oficial, em 1945, que teve como vencedora a Escola de Samba Portela com o tema "Brasil Glorioso". Além disso, serviu como centro de treinamento para as principais seleções do mundo durante a Copa das Confederações 2013 e a Copa do Mundo em 2014, reascendendo a tradição do estádio em sediar eventos internacionais como o Campeonato Sul-americano de 1949. Por essa razão, foi proposto o tombamento de todo o estádio como patrimônio de valor histórico, cultural, esportivo e social, todo movimento foi realizado para esse propósito junto ao INEPAC e IPHAN, porém o mesmo até o instante momento foi tombado somente pelo município do Rio de Janeiro. Este trabalho de pesquisa, apoiado em documentação de arquivos, em revisão bibliográfica e em entrevistas, enfoca a trajetória do Estádio Vasco da Gama ( São Januário), palco de eventos históricos que o ligam à história política, social, cultural e futebolística do país.

**Palavras- chave: Estádio São Januário; História, Memória Social; Patrimônio**

## **ABSTRACT**

The stadium Vasco da Gama popularly known as São Januário is historically one of the most important Brazilian stadiums since its foundation on April 21, 1927 to the present day. In more than ninety years, it was the scene of countless events of great relevance that took place in our country. In it, President Getúlio Vargas promulgated the Consolidation of Labor Laws (CLT) and established Labor Justice. In it, the maestro Villa-Lobos orchestrated orpheonic events. He hosted the First Education Week with the presence of President Gustavo Capanema, President Vargas and countless teachers and students in a dialogue about the directions of national education. He faced social prejudice when he welcomed black, poor, suburban and illiterate players.

Opened to popular culture, it hosted carnival parades, among which one was an experimental one with the first lady Darcy Vargas, and the other, official, in 1945, which won the Portela Samba School with the theme "Brazil Glorioso" . In addition, it served as a training center for the world's top teams during the 2013 FIFA Confederations Cup and the 2014 World Cup, re-capturing the stadium's tradition of hosting international events such as the 1949 South American Championship. For this reason, it was proposed that the whole of the stadium be declared as heritage of historical, cultural, sporting and social value, all movements were carried out for this purpose with INEPAC and IPHAN, but the same time until the moment moment was registered only by the municipality of Rio de Janeiro. This research, supported by documentation of archives, in bibliographical review and in interviews, focuses on the trajectory of Vasco da Gama Stadium (São Januário), stage of historical events that connect it to the political, social, cultural and soccer history of the country.

**Keywords: São Januário; history; social memory; heritage**

## RESUMÉ

Le stade Vasco da Gama, plus connu sous le nom de São Januário, est historiquement l'un des stades les plus importants du Brésil depuis sa fondation le 21 avril 1927 à nos jours. En plus de quatre vingt dix ans, cela a été le théâtre d'innombrables événements d'une grande importance qui se sont déroulés dans notre pays. Dans ce document, le président Getúlio Vargas a promulgué le Recueil des lois du travail (CLT) et créé la justice du travail. Le maestro Villa-Lobos y organisait des événements orphoniques.

Il a animé la première semaine de l'éducation en présence du président Gustavo Capanema, du président Vargas et d'innombrables enseignants et étudiants, dans un dialogue sur les orientations de l'éducation nationale. Il a affronté les préjugés sociaux lorsqu'il a accueilli des joueurs noirs, pauvres, banlieusards et illettrés.

Ouvert à la culture populaire, il a accueilli des défilés de carnaval, dont l'un expérimental avec la première dame Darcy Vargas et l'autre officiel en 1945, qui a remporté l'école Portela Samba sur le thème "Brazil Glorioso". En outre, il a servi de centre de formation pour les meilleures équipes mondiales lors de la Coupe des Confédérations de la FIFA 2013 et de la Coupe du Monde 2014, reprenant ainsi la tradition du stade d'accueillir des événements internationaux tels que le Championnat d'Amérique du Sud en 1949. Pour cette raison, Il a été proposé que l'ensemble du stade soit considéré comme un patrimoine de valeur historique, culturelle, sportive et sociale. Tous les mouvements ont été réalisés à cet effet avec INEPAC et IPHAN, mais le même moment n'a jusqu'à présent été enregistré que par la municipalité de Rio de Janeiro. Cette recherche, étayée par une documentation d'archives, une revue bibliographique et des entretiens, porte sur la trajectoire du stade Vasco da Gama (São Januário), stade d'événements historiques qui le relie à l'histoire politique, sociale, culturelle et du football du pays.

**Mots-clés: São Januário; histoire; mémoire sociale; patrimoine**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estádio Vasco da Gama .....	12
Figura 2 - Inauguração do Estádio de São Januário.....	14
Figura 3 - Etapa de elaboração da Memória Social do Estádio de São Januário.....	17
Figura 4 - Discurso proferido no Estádio do Clube de regatas Vasco da Gama, durante as manifestações do Dia do dia do Trabalho-01/05/1940.....	21
Figura 5 - Projeto Museu Amigo do Idoso.....	34
Figura 6 - Biblioteca do CRFB.....	36
Figura 7 - Suspeitos de assassinar Matinada.....	41
Figura 8 - Desfile das Escolas carnavalescas em São Januário.....	42
Figura 9 - Maestro Villa-Lobos em São Januário. ....	54
Figura 10 - Coral orfeônico do Maestro Villa-Lobos.....	57
Figura 11 - São Januário, 1935- Congresso de Educação.....	64
Figura 12 - Placa homenageando Vargas em São Januário:.....	68
Figura 13 - Entrada principal do Estádio de São Januário em dia de jogo.....	69
Figura 14 - Candido José de Araújo.....	75
Figura 15 - Carlos Alberto jogador do Fluminense.....	79
Figura 16 - Torcedores do Vasco, protestando contra o racismo.....	81
Figura 17 - Zizinho, Leônidas e Jair, símbolos do negro e do mestiço no futebol brasileiro.....	83
Figura 18 - Goleiro Barbosa com o uniforme do Vasco.....	91
Figura 19 - Bellini.....	93
Figura 20 - Placa em homenagem aos campeões de 1958 e a Bellini.....	96
Figura 21 - Romário atuando pelo Vasco.....	97
Figura 22 - Juninho Pernambucano comemorando a Copa Mercosul.....	99
Figura 23 - Roberto Dinamite.....	101

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1. O "Gigante da Colina": memória social e patrimônio.....	20
1.1- Acervo do CPDOC-FGV: futebol, memória e patrimônio.....	20
1.2- A Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital.....	22
1.3- Arquivo do Centro de Memória do Vasco.....	23
1.4- Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ.....	25
1.5- Museu do Futebol em São Paulo.....	29
CAPÍTULO 2. O Estádio do Vasco: centro de cultura e memória.....	38
2.1- Campo de Futebol: espaço, tempo e imaterialidade.....	44
2.2- Entre o espetáculo e o civismo.....	53
2.3- A Construção de um clube e o futebol no Brasil.....	71
CAPÍTULO 3. O negro, o racismo e o futebol.....	78
3.1- O mito da “democracia racial”.....	83
3.2- Quando o racismo entra em campo.....	84
3.3- A punição de Barbosa em 50.....	87
3.4- A narrativa dos jogadores.....	90
CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
Anexos.....	117

## INTRODUÇÃO

*“Mas o diabo é que precisamos por tudo em termos de memória. Amigos, sou dos que creem que o homem é, sobretudo, passado. O presente pouco importa e o futuro menos ainda. As coisas só tomam o seu exato valor quando evocadas. É a memória que potencializa todas as nossas experiências de vida e de futebol”.*  
(RODRIGUES, 1994: 71)

As “*Novas Crônicas de Futebol*” de Nelson Rodrigues, publicadas em diferentes jornais do Rio, foram reunidas posteriormente no livro “*A Pátria em Chuteiras*”. Em uma delas, citada na epígrafe, escrita para sua coluna no *Jornal dos Sports* (9/9/1961), ele chama a atenção para a construção daquilo que entende como memória, justamente no dia do jogo Vasco x Fluminense, no Maracanã, o que permite retomar suas reflexões anteriores sobre o papel do estádio como lugar de memória e a relação com a torcida. Nelson Rodrigues observa diferenças fundamentais entre estádios de grande porte e estádios de pequeno porte em outra crônica na *Manchete Esportiva* (24/12/1955). Para ele, um estádio grande como o Maracanã, cria “uma distância irreduzível” entre o torcedor e os jogadores, que desumaniza o jogo e “retira das criaturas todo o seu conteúdo poético e dramático”, porque “tudo é tão vago, longínquo, utópico. No Maracanã, a memória se dilui, a paisagem fica de fora, excluída, barrada”, Por isso, Nelson faz “a apologia do campo pequeno, lírico, aconchegante e cálido como um galinheiro”, onde “todos os caminhos estão abertos para a emoção direta e integral” tornando “tudo mais próximo, fraterno e tangível”. Segundo ele, “o cheiro que não existe no estádio grande, passa a conferir ao futebol outra medida”, é possível sentir pelo olfato “o cheiro do suor dos jogadores”, verificar se estão realmente suando a camisa (RODRIGUES, 1994: 9 e 10).

A abordagem de Nelson Rodrigues sobre o estádio como lugar de memória tem o valor de um discurso literário e pode nos servir como ponto de partida para introduzir outros autores que dentro da academia refletiram sobre o tema com outros critérios, especialmente no campo do conhecimento denominado de Sociologia do Futebol, que tem na UERJ um Núcleo coordenado por Maurício Murad. Antes porém parece oportuno realizar aqui uma breve apresentação do Estádio de São Januário, que já foi capaz, no passado, de receber 40 mil espectadores e hoje teve sua capacidade reduzida

para 21.880 torcedores a fim de atender determinação do Corpo de Bombeiros. Reúne, portanto, em sua história características de estádio grande e de estádio pequeno de acordo aos critérios do cronista esportivo, o que repercute sobre a visão que se tem do futebol e do país.

O futebol é a modalidade que possui maior destaque nos meios midiáticos e simultaneamente a identidade da nação está associada a essa modalidade esportiva. Daí a imagem de Nelson Rodrigues que se refere à “Pátria em chuteiras”. Em muitos livros e periódicos, conseguimos localizar escritos que corroboram a relevância do estádio de São Januário para o país, e desse modo, mostrar a força que o futebol possui para além de seus espetáculos futebolísticos.

Outro aspecto a ser pensado é o valor simbólico que o estádio Vasco da Gama, (Figura 1), possui não somente no futebol brasileiro como também para a população nacional. Ao sediar inúmeras partidas nacionais e internacionais, além de eventos cívicos que foram marcantes para o país, este estádio de futebol exprime de certa forma o *ethos* brasileiro, a luta contra preconceitos, pela democracia e respeitabilidade independentemente de credos, raças ou posições políticas. A história de São Januário, portanto, diz respeito não apenas ao Vasco, aos vascaínos, mas a todos os brasileiros.



Figura 1: Estádio Vasco da Gama- Fonte: Rodrigo Martins (2017)

O estádio ainda hoje, apesar de quase centenário, continua sendo o maior estádio particular do estado do Rio de Janeiro<sup>1</sup>, servindo ainda como centro de treinamento para importantes seleções na Copa das Confederações (2013) e na Copa do Mundo (2014).

A notável presença desse estádio no campo simbólico e na memória social da sociedade brasileira poder ser notada na abundância de referências ligadas a ele nos diversos meios da vida coletiva do Brasil. É como diz Freire (2018) “Sempre me intrigou como os apaixonados por futebol não esquecem detalhes de uma antiga partida, firulas de um drible, erros de arbitragem”. Essa referência se dá em alusão aos colecionadores e apaixonados pelo futebol, em especial a Carlos Zamith, escritor, colecionador e guardião da memória do futebol no Amazonas, a quem lhe rendeu esse texto:

“Essa mesma paixão encontrada na memória oral da banca de tacacá está presente no *Baú Velho* de Carlos Zamith, que bate um bolão, "mexendo papéis antigos" para desenhar "um mapa de sonhos", como naquele outro baú do poeta. Ele era um colecionador nato que arquivou jornais, revistas, artigos, fotos, charges, e foi identificando e classificando esse material, criando uma espécie de museu do futebol amazonense. O *Baú Velho* se tornou um lugar de memória da nossa cultura popular” (FREIRE, 2018).

Sendo assim, podemos dizer que histórias e memórias serão imortalizadas, independente do local em que se encontrem. E a história do estádio de São Januário faz parte desse universo primoroso que ascende a nossa história, tanto social quanto desportiva.

De acordo com Venâncio (2014, p.111), o estádio de futebol de São Januário, “é e sempre será um grande motivo de orgulho para os vascaínos [...]. A construção carregará todo o simbolismo que fez do Vasco um gigante, ao se tornar o único clube de origens populares entre os grandes do Rio de Janeiro”.

---

<sup>1</sup> São Januário há mais de 90 anos permanece como o mais antigo estádio particular da cidade (Net Vasco,2018)



Figura 2: Inauguração de São Januário. Fonte: Incondicionalmente Vasco (2019)

Podemos de igual modo, explicitar esse apreço e paixão pelo “caldeirão” do Gigante da Colina através de uma quantidade significativa de canções criadas pelos torcedores que fazem referência ao clube e também à história do estádio do Vasco da Gama.

No vasto acervo, um vascaíno apaixonado relembra saudoso alguns versos que embalavam a sua infância:

“Quando o meu Vasco joga,  
 Eu vou para incentivar  
 Ganhando ou perdendo  
 Não paro de cantar  
 No dia em que eu morrer,  
 Quero levar no meu caixão  
 Uma cruz de malta  
 em cima do meu coração  
 Alegria, Alegria  
 Olê Olê Olá  
 Vamos Vasco toda vida  
 Jogando para ganhar”  
 (VASCAÍNO, 2018)

Após ouvir essa música, observei que a torcida organizada denominada Guerreiros do Almirante continua cantando essa canção (de uma forma um pouco diferente), mas que mostra o papel do torcedor, a rivalidade contra o Flamengo, eterniza os ídolos cruzmaltinos Sabará, Chamorro, Parodi, além de deixar claro que nem a morte é capaz de destruir o amor dos vascaínos por seu time.

No dia 21 de abril de 2017, o estádio de São Januário completou noventa anos de existência, data de grande relevância para um campo de futebol com tantas memórias

materiais e imateriais em sua história. Esse acontecimento aumentou de forma representativa a veiculação de informações sobre este estádio, particularmente sobre o contexto social no qual foi concebido e a constante luta contra as desigualdades raciais. Conhecer o passado histórico do clube corroborou com a escolha do meu objeto de estudo e, por conseguinte para o desenvolvimento dessa pesquisa. Entre elas o fato de ser morador da cidade do Rio de Janeiro e de, nos meus hábitos diários, “me esbarrar” com fatos ligados a este estádio ou simplesmente passear próximo a sua sede, no imperial bairro de São Cristóvão.

Sou carioca, constantemente caminho ao redor do estádio, imaginando tempos de outrora, a construção de São Januário, o ir e vir de personalidades como Getúlio Vargas, Villa Lobos, crianças cantando, o barulho ensurdecedor das torcidas, aplausos, vaias, além de ser torcedor confesso do Club de Regatas Vasco da Gama e apaixonado por futebol, certamente estão entre as razões em focalizar meu estudo nessa modalidade de esporte. Tema, inclusive, que abordei indiretamente em meu Trabalho de Conclusão de Curso no qual discuti as *brincadeiras* indígenas, tenha sido um propulsor na preferência por esse assunto.

Por essa razão, meu trabalho de conclusão de curso abordou as brincadeiras, das quais o futebol faz parte como qualquer menino que joga pelada sabe, embora conceitualmente brincadeira não se confunda com esporte. Na minha monografia no curso de licenciatura de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), centrei nos jogos infantis indígenas, lembrando aqui um deles jogado com bola.

Numa narrativa mítica, o pajé Tarakwaj, da etnia Kamaiurá, do Xingu, contou em 1977 à linguista Lucy Seki como eles inventaram a bola, confeccionada com leite de mangaba. Eles o ferviam e, em seguida moldavam a resina como uma esfera até endurecer.

O pajé explica que:

“Essa pequena bola de borracha, branca, oca por dentro, era elástica, e quicava quando batia no chão. Com a bola inventaram os jogos e as regras. Cada time entra em campo com seis ou oito jogadores, que ficam em fila, afastados uns dos outros em cerca de um metro. Na brincadeira de bola Kamaiurá, a bola só pode ser tocada com os joelhos e com a cabeça. “O gol” acontece quando a bola acerta outra parte do corpo do adversário”. (SEKI, 2010, p.245, 2012)

Dessa forma, constatamos como a bola rola no gramado desde tempos míticos. Vale ressaltar que as discussões acerca do futebol são importantes para a produção desse trabalho, pois estimularam as minhas indagações. Para além das questões epistemológicas, igualmente contribuíram as ligações afetivas e as memórias que permeiam em cada parte do estádio São Januário, sua encantadora fachada, as cadeiras sociais do clube e em cada torcedor e indivíduo que frequenta esse local. Todos esses elementos, com suas próprias histórias fazem de meu objeto de pesquisa uma figura representativa na esfera esportiva nacional e no imaginário do brasileiro.

Fundamentado no que foi explicitado acima, esquematizo o meu objeto de análise destinado a verificar o teor teórico e imagético que estabelece o estádio Vasco da Gama - São Januário - como um patrimônio na área da cultura e representativo no campo simbólico da sociedade nacional.

Ao longo desse estudo, conduziremos nossas indagações para as memórias do período de construção do estádio vascaíno, bem como dos eventos políticos ocorridos desde a sua inauguração nos anos 20 até época atual com o objetivo de mapear as ligações socioculturais que compreendem as modificações urbanísticas, sociais e políticas de seu entorno desde a sua abertura, em 1927, até o tempo presente e de examinar como ele se mostra no imaginário social dos indivíduos.

Para robustecer a concepção de meu objeto de estudo e visibilizá-lo como um guardião de memórias locais, da memória de um corpo social e de uma atividade esportiva e cultural que se delinea em diferentes proporções, produzi uma pequena linha do tempo (Figura 3) que representa uma provável trajetória com as etapas ocorridas no estádio de São Januário até 1945. Compreenda-se que essa linha do tempo tem uma função didática com a finalidade de melhor compreensão e clareza visual. Todavia, entendo que tal recurso se concebe em níveis e que estes níveis se entrelaçam de uma maneira tal que não é possível identificar o momento ou o local em que se encerra um e começa o outro, na medida que, penso que as fronteiras do tempo e do espaço não podem ser compreendidas aqui como procedimentos sedimentados ou estratificados.

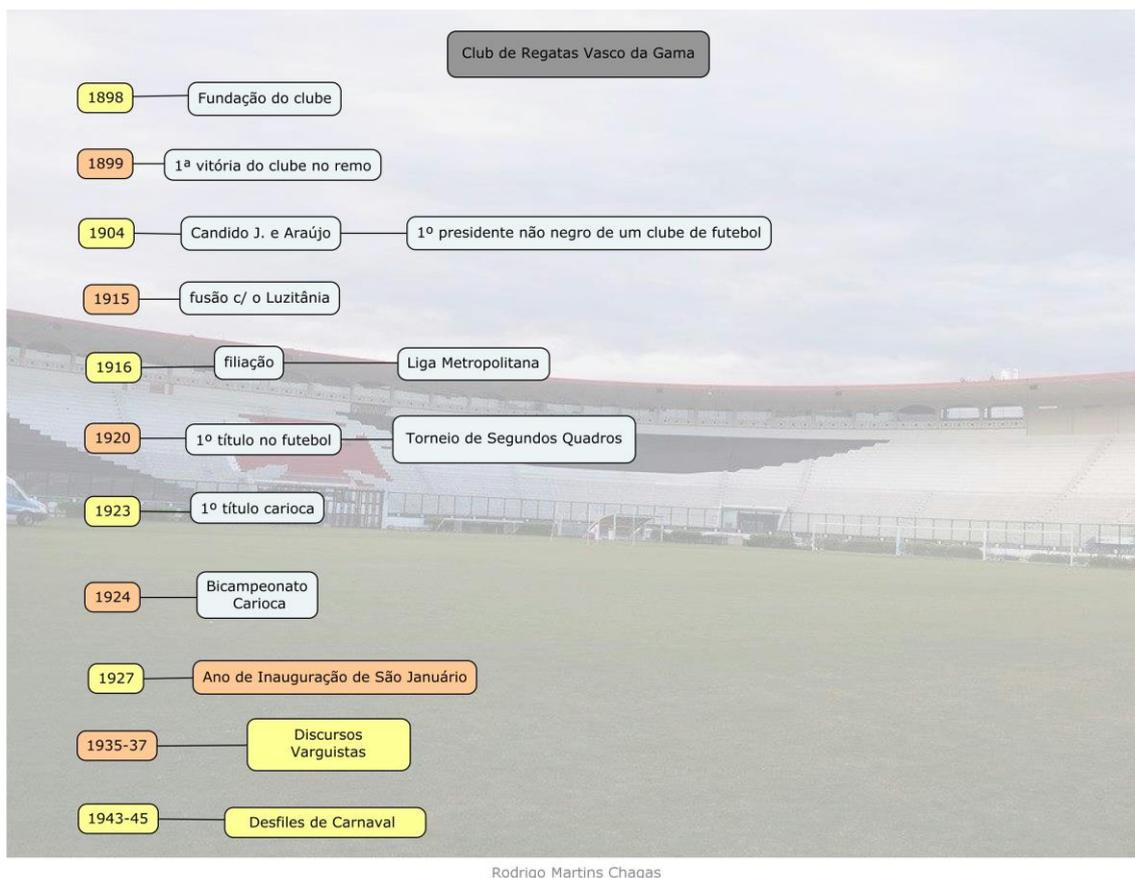


Figura 3: Etapa de elaboração da Memória Social do Estádio de São Januário. Criado pelo autor (2017)

Nesse entendimento me dedico à ideia de construção do estádio de São Januário nos anos 20, como uma espécie de acontecimento fundador<sup>2</sup> em torno da qual se reúnem entrelaçamentos e vínculos desse tecido de memórias coletivas e individuais, elementos importantes da rede de rememorações que forma o meu objeto de pesquisa.

Vale ressaltar que as datas destacadas (Figura 3) foram as que se apresentaram no decorrer dos estudos em função dos documentos consultados, incluindo mesmo aquelas omitidas ou silenciadas auxiliaram de alguma maneira à concepção de emaranhado de memórias do estádio de São Januário.

Dessa maneira, algumas indagações se impõem para orientar a pesquisa: Em que medida o Estádio São Januário é um lugar de memória? Quais lutas políticas e sociais foram travadas naquele palco? Qual o seu papel como símbolo da luta contra o racismo, o preconceito e a discriminação? Em que medida ele pode também, contraditoriamente, ter servido de palco para as manifestações do Poder político? Como o estádio era

<sup>2</sup> Ricouer (2007, APUD ALMEIDA, 2014) defende o pensamento que certo acontecimento transfigura-se de tal forma representativa para uma época ou grupo social que este pode se estabelecer de forma concreta na memória social como um marco de fundação.

representado na visão oficial do Estado Novo de Vargas? Qual a representação que os torcedores e os moradores do bairro têm de sua história? O que existe já arquivado e musealizado sobre a história do estádio? Quais os objetos e documentos, manuscritos e imagéticos, que permitem reconstituir essa trajetória e como estão conservados? Em que proporção a construção do estádio se justificou ou de alguma maneira influenciou na importância que ele possui na memória nacional futebolística e social?

Outras indagações foram se apresentando no decorrer desse estudo na medida em que algumas disciplinas que cursei no PPGMS trouxeram preocupações teóricas introduzidas por autores que trabalham com a memória e o patrimônio.

Esses questionamentos estão automaticamente ligados à abordagem teórica e metodológica usada no referido trabalho com uma revisão bibliográfica do que já foi publicado, um levantamento do que existe nos arquivos do clube e na hemeroteca da Biblioteca Nacional e a realização de algumas entrevistas com dirigentes e torcedores antigos para recuperar a memória oral. Teoricamente, além do diálogo com os autores discutidos nas disciplinas de mestrado do PPGMS como Nora (lugar de memória), Walter Benjamin (teses sobre filosofia da história), Bourdieu (Poder simbólico), acompanhamos a produção do Núcleo Permanente de Estudos da Sociologia do Futebol, criado em 1990 no Departamento de Ciências Sociais do IFCH da UERJ, coordenado por Maurício Murad, especialmente os trabalhos que relacionam futebol com a cultura brasileira.

Desse modo, o primeiro capítulo fez um balanço das fontes documentais e dos acervos por mim consultados durante todo esse período, a saber: 1) O CPDOC-FGV localizado em Botafogo, 2) o Núcleo de Sociologia de Futebol da UERJ, 3) o acervo do Club de Regatas Vasco da Gama no Centro de Memória do clube, localizado em São Januário, 4) a Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, além do 5) Museu do Futebol localizado em São Paulo que foi visitado virtualmente. Reconheço porém, que poderia ter me apropriado de mais obras acadêmicas com a temática do racismo no esporte para corroborar com a minha dissertação, na medida que autores como Santos (2011) com o livro, “Entre Rivais: Futebol, Racismo e Modernidade”, “Negro Macumba e Futebol” de Rosenfeld (2013) ou mesmo de Votre e Silva (2006) com a obra: “O Racismo no Futebol” retratam com propriedade essa questão.

No segundo capítulo é tratado a parte teórica, com a apresentação de alguns autores do campo da memória e do patrimônio que ajudaram a pensar a documentação sobre a história do Club Vasco da Gama e do estádio de São Januário como um lugar

de memória discutindo as noções de espaço e tempo que são fundamentais na formação da memória social relacionada ao futebol, onde os ritos e crenças dos eventos esportivos amplificam sua grandeza e seu espaço na memória nacional.

Finalmente no terceiro capítulo será destacado o papel do estádio São Januário na luta contra o preconceito e o racismo dominante no Brasil, inclusive na área do futebol que era então o “esporte bretão”, equiparado ao golfe e ao críquete, frequentado por uma elite abastada. Aqui será discutido o papel dos jogadores negros, suburbanos, pobres e analfabetos que entraram pelas portas abertas do Estádio, contribuindo para transformar o futebol num esporte popular.

Observar o campo<sup>3</sup> da esfera esportiva proporciona aos homens e ao corpo social, entre outros aspectos, a oportunidade de se pensar e de operar de forma palpável com a finalidade de amplificar suas competências. Dessa forma, acredito ser imprescindível pensar sobre alguns princípios que orientarão essa pesquisa. Um aspecto a ser refletido é o âmbito simbólico atribuído ao futebol praticado até então pelos atletas do gênero masculino e como o mesmo ecoa o imaginário social do país.

---

<sup>3</sup> Almeida, ao analisar a teoria geral da economia dos campos (importante aqui para entender o estádio do Club de Regatas Vasco da Gama como campo da esfera política, esportiva e social) afirma que essa teoria permite “descrever e definir a forma específica de que se revestem, em cada campo os mecanismos e os conceitos mais gerais[...].Compreender a gênese social de um campo é apreender aquilo que faz a necessidade específica que faz a crença que o sustenta, das coisas materiais e simbólicas[...]”. Bordieu, afirma que a autonomização dos campos de produção cultural deriva de um lento e longo trabalho de alquimia histórica no qual ocorre o que ele chama de “depurações”. De depuração em depuração, as lutas que tem lugar no campo de produção demarcam os espaços mostrando o que é essencial e o que são situações específicas. É sempre que se institui um desses universos relativamente autônomos - campo artístico, campo científico, campo político. O processo histórico aí instaurado atinge o mais alto grau de especificações. (BOURDIEU, 1989, apud ALMEIDA,2014).

## **CAPÍTULO 1. O “GIGANTE DA COLINA”: MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO**

Esse primeiro capítulo tece algumas considerações sobre a concepção de lugar de memória e as suas dimensões não tangíveis que possibilitam problematizar a questão e incursionar pelo debate que diferencia história e memória. As noções de espaço e tempo que são vitais na formação da memória social são de grande valia no contexto da sociedade contemporânea, igualmente para esse estudo.

O processo de construção do estádio do Vasco da Gama e, posteriormente, a extensão de suas funções para o campo político e cultural com os eventos ocorridos no interior do seu campo, por exemplo servir de palanque para os discursos de Getúlio Vargas para a instauração da Justiça do Trabalho, como cenário de elaboração das diretrizes da educação nacional, entre outras serão temáticas tratadas ao longo desse capítulo.

Esses elementos são de vital importância para compreender todo o quadro e o contexto político para suscitar debate a respeito do objeto de estudo desse referido trabalho no âmbito da memória social. Cabe aqui destacar os acervos documentais que nos permitiram focar o Estádio São Januário como patrimônio cultural e histórico.

### **1.1. Acervo do CPDOC-FGV: futebol, memória e patrimônio**

O primeiro acervo que nos interessa discutir é o do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) vinculado à Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

Localizado na rua Jornalista Orlando Dantas, 60, no bairro de Botafogo, o CPDOC, desde 1973, vem enriquecendo seu acervo com documentos, audiovisuais e imagens que retratam a história do Brasil. O Guia de Arquivos organizado pela instituição facilita o acesso a diversos documentos, doados por variadas figuras públicas históricas do país. O CPDOC, conforme o site constitui, “atualmente, o mais importante acervo de arquivos pessoais de homens públicos do país, integrado por aproximadamente 200 fundos, totalizando cerca de 1,8 milhão de documentos”(FGV,2018).

Dentre suas linhas de investigação, o CPDOC, prioriza as elites políticas, a história institucional e o pensamento social brasileiro. Com o passar dos anos ele foi aumentando a sua atuação acadêmica:

“Ao completar 30 anos, em 2003, o CPDOC inaugurou suas atividades de ensino, com a criação do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais que segue uma linha interdisciplinar, característica do CPDOC. [...] Em 2005 ampliou sua atuação no ensino, criando a Escola Superior de Ciências Sociais (bacharelado)[...]” (CPDOC, 2018).

Esse acervo foi importante para a minha pesquisa, pois reúne diferentes documentos sobre o período da Era Vargas (especialmente discursos, fotografias, vídeos) e da apropriação político-cultural do São Januário pelo Estado. Entre os diversos exemplos, cito os originais do discurso de Vargas, proferido no estádio do Vasco da Gama, durante as manifestações do Dia do Trabalho.

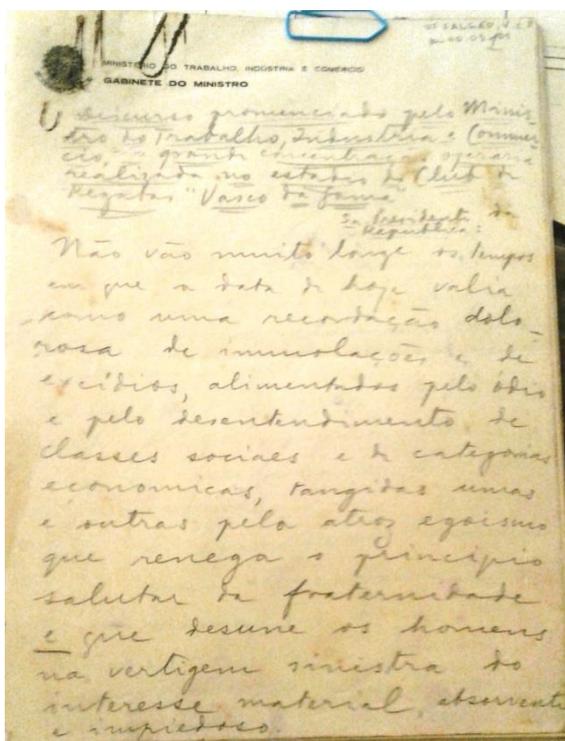


Figura 4: Discurso proferido no Estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama, durante as manifestações do Dia do Trabalho - 01/05/1940. Fonte: Arquivo CPDOC (2017)

Vale destacar, de igual modo, projeto “Futebol Memória e Patrimônio” cujo objetivo é registrar um conjunto de depoimentos orais de atletas brasileiros que disputaram as Copas do Mundo de 1930 até 2010. De acordo com o CPDOC (2018) a ideia é “fornecer subsídios documentais para que se possa articular, em uma perspectiva crítica e diacrônica, a memória esportiva à memória coletiva e à história do país [...]”.

Por meio desse projeto, foi possível uma quantidade significativa de registros de vídeo e áudio de ex-atletas que participaram da Copa do Mundo a partir de 1954, entre eles grandes jogadores negros: Paulo Isidoro, Marco Antônio, Carlos Alberto Torres e Djalma Santos. Outras entrevistas serão adicionadas ao acervo, que deve ser permanentemente atualizado.

## **1.2 A Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital**

Além do acervo do CPDOC da FGV, é importante salientar também a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, que por meio da informatização armazena em seu portfólio um precioso arquivo histórico. O portal da Hemeroteca Digital (2018) informa que “pesquisadores de qualquer parte do mundo podem ter acesso, inteiramente livre e sem qualquer ônus, a títulos que incluem desde os primeiros jornais criados no país [...] a jornais extintos no século XX [...]”

A busca pode ser realizada por meio de itens como, título, período, local de publicação e palavra(s). E é possível realizar a busca por palavras em função da tecnologia de Reconhecimento Óptico de Caracteres que possibilita para quem pesquisa uma maior possibilidade de êxito na pesquisa de texto em periódicos. Outro aspecto relevante da Hemeroteca Digital, reconhecida pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia e com o apoio financeiro da Financiadora de Estudos e Projetos- FINEP, é a viabilidade de impressão das páginas na própria residência. [...]

Nesse portal, pude coletar uma quantidade expressiva de reportagens que puderam corroborar com o meu trabalho sobre o estádio do Club de Regatas Vasco da Gama, o racismo no futebol. Poderia dizer que a Hemeroteca reaviva uma memória esquecida com o passar dos anos, fundamental para contar a nossa história.

### 1.3 Arquivo do Centro de Memória do Vasco

Para se contar a história de um clube de futebol, são imprescindíveis, entre outros, documentos de distintas naturezas, depoimentos, memórias e um local específico que armazene o acervo para que o público, seus torcedores possam manter sempre “vivos” os grandes momentos de seu time de coração. Por outro lado, esses “lugares de memórias” são fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas e produção de conhecimentos sobre o futebol, mas igualmente a sociedade, rituais, práticas sociais, a construção da identidade brasileira, como fizeram os pesquisadores Francisco Carlos Teixeira da Silva e Ricardo Pinto dos Santos, através do projeto de pesquisa<sup>4</sup> “Memória social dos esportes: futebol e política. A construção de uma identidade nacional” (2006).

É com essa finalidade que o Centro de Memória do Club de Regatas Vasco da Gama foi construído em 2014 com todo o seu acervo preservado nesse ambiente. Vale salientar que um dos grandes tesouros do memorial vascaíno, é a caixa “Memória Social dos Esportes- São Januário- Arquitetura e História”, vinculado ao Laboratório da História do Tempo Presente UFRJ que foi elaborado no ano de 2002. Nela, além do livro ilustrado contando a história do estádio e do futebol, possui também 3 cds-roms, que “reproduzem milhares de documentos inéditos, como fichas de atletas desde o início do século, restauradas integralmente, fotos croquis e caricaturas[...]”(FAPERJ, 2018).

Retomando para o evento festivo, no dia da inauguração, muitos dirigentes e torcedores do clube estiveram presentes, como Roberto Dinamite, na época presidente do Vasco, um dos maiores ídolos da história do clube. Na ocasião o craque deu o seguinte depoimento:

“O espaço nos ajudará a resgatar aquilo que é mais importante dentro do Vasco: a sua história. Não falo apenas do meu período, mas da história de uma maneira geral. Queremos recuperar tudo que mostre a importância do clube, que é uma grande potência. É um motivo de muito orgulho. A história está na vida de todos nós.

---

<sup>4</sup> Os resultados das pesquisas realizadas pela equipe de pesquisadores, vinculados ao Laboratório de História do Tempo Presente da UFRJ, podem ser conferidos no livro “Memória social dos esportes – Futebol e política: a construção de uma identidade nacional”, volumes 1 e 2.

Tivemos grandes ídolos, grandes presidentes, grandes torcedores e grandes momentos”. (SITE OFICIAL DO VASCO, 2018)

O Centro de Memória do Vasco clube é gerenciado pelo historiador Walmer Peres, é ”o grande coração do centro de memória cruzmaltino”, como afirmou João Ernesto (2018). Para Walmer Peres (2018):

“A minha emoção é dupla, pois sou vascaíno e historiador. O nosso trabalho aqui é fundamental para o Club de Regatas Vasco da Gama. Trataremos diretamente com o que é mais importante, ou seja, com a sua história. Aqui nós digitalizamos e conservamos o acervo. Com a inauguração das novas instalações, estamos iniciando um novo marco da história do clube. O torcedor tem agora um espaço digno para ter acesso a história do Vasco” (SITE OFICIAL DO VASCO, 2018).

João Ernesto (2018) então vice-presidente de Relações Especializadas do clube, diz que o Centro de Memória abriga atualmente o maior acervo futebolístico do país, com mais de 40 mil documentos, todos disponíveis para consulta, constituindo-se num importante espaço de salvaguarda da memória do time e do esporte no Brasil (SITE OFICIAL DO VASCO,2018). O acervo é constituído por bandeiras, faixas, camisa, troféus, documentos internos, revistas, fotografias, além de inúmeros materiais doados por torcedores.

Para formar o acervo, os dirigentes do clube estão investindo em pesquisas e parcerias. Foi o que fez Ricardo P. dos Santos (integrante do CM do Vasco) ao viajar para Barcelona. Na ocasião, o historiador conversou com Jordi Penas (diretor social do time espanhol), conheceu a estrutura do Centro de Memória e adquiriu cópias de raros materiais sobre os confrontos entre Vasco da Gama e Barcelona, documentos administrativos e fotográficos de Roberto Dinamite – quando este atuou pelo clube catalão.

O trabalho cruzmaltino rompeu fronteiras e o professor Ricardo Pinto dos Santos, integrante do projeto vascaíno, viajou para Barcelona e se encontrou com o Diretor Social do Clube Jordi Penas, com a finalidade de “[...] conhecer a dinâmica de trabalho do clube catalão, no que diz respeito à história.” Adentrando à sede do clube, Ricardo foi recepcionado por Jordi Penas, que dentre outras coisas serviu para estreitar relações e falar também sobre o projeto vascaíno. O Vasco sempre pioneiro no

futebol, mostrou que no quesito de acervo de documentos, está na frente do estruturado Centro de Documentação espanhol, visto que o mesmo ainda não possui os documentos digitalizados como o do Vasco (SITE OFICIAL DO VASCO,2018).

O clube adquiriu naquela ocasião raro material e de qualidade sobre os confrontos entre Vasco da Gama e Barcelona, sem contar uma significativa quantidade de documentos administrativos e fotográficos de Roberto Dinamite de quando atuou pelo clube catalão. Esse material muito em breve estará presente no centro de memória e também disponível para o acesso de todos, segundo informações de Ricardo Santos, que concluiu que “pretende levar o projeto do Centro de Memória do Vasco da Gama para outros locais, com a intenção de aprender novas técnicas e mostrar o que o cruzmaltino tem feito”.

#### **1.4 Núcleo de Sociologia de Futebol da UERJ**

Ressaltando ainda o interesse da academia pelo futebol, destaco o importante Núcleo Permanente de Estudos de Sociologia do Futebol, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Criado em 1990 os pesquisadores vêm desenvolvendo diversos estudos e reunindo um rico acervo a respeito da história futebolística do país, publicando livros, revistas materiais, produzindo cinematográficos e realizando entrevistas com grandes personalidades do esporte.

Foi um projeto idealizado e já pensado há muitos anos e que, em 1990, finalmente, pôde ser concebido e possibilitou o livre ingresso para alunos e professores de qualquer área acadêmica, pois como o Núcleo se caracterizava por ser transdisciplinar em torno de múltiplas questões e com diversas significações referentes ao futebol, isso era um facilitador para atrair interessados das mais diferentes áreas (MURAD,1999).

De caráter transdisciplinar o Núcleo foi pensado com o objetivo de priorizar estudos e pesquisas “em torno das problematizações plurais, multissignificativas, emergentes do futebol”, conforme explica Maurício Murad (1999: p. 207). Para o pesquisador, o Núcleo de Futebol, desde sua criação, está aberta às:

“diferentes áreas do saber, além da sociologia, por considerarmos o futebol um conjunto múltiplo de objetos interativos, que já se oferece como interpretação, uma vez que tudo já significa, conforme postulação inspirada na filosofia

de Nietzsche. Iniciamos debates e articulações, dentro e fora da UERJ, com professores e professoras, alunos e alunas e demais interessados de outros setores da cultura brasileira como jornalismo, música popular, cinema, literatura, teatro. A partir desse ponto inicial, começaram a se organizar algumas linhas de pesquisa, além de um acervo documental, incluindo depoimentos diversos, gravados em áudio e vídeo. Passo a passo, fomos acumulando experiência e conhecimento, ampliando, assim, o alcance de nosso trabalho. Gradualmente foram acontecendo orientações de monografias de graduação, espaço na mídia além do imaginado e participação em colóquios e congressos no Rio de Janeiro, em outros estados e até mesmo em outros países” (MURAD, 1999, p. 208).

É importante salientar que até o início de 1990, embora existissem pesquisas e publicações relacionadas ao esporte mais popular do país, tanto dentro quanto fora das universidades, o tema *futebol* não despertava o interesse acadêmico.

O pioneirismo do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ foi justamente construir um local de pesquisas constantes a respeito desse esporte, que é uma das mais aclamadas expressões da cultura do país.

Maurício Murad (1999) relata as dificuldades para a implementação de um núcleo de estudos sobre o futebol na UERJ. Não foi nada fácil a institucionalização, desse espaço de pesquisas pois muitas barreiras tiveram que ser superadas nas áreas metodológicas, técnicas, acadêmicas, como também na esfera política, visto que era algo novo na época, extremamente popular para os padrões elitistas das universidades e, também existia certa influência política.

O Núcleo obteve destaque entre 1990 à 1994, em razão da Copa do Mundo nos Estados Unidos, quando o Brasil alcançaria o tetracampeonato e também quando se celebrava o primeiro centenário do futebol brasileiro.(MURAD,2017,p.153), conseguindo respeitável impacto midiático tanto nacional quanto internacionalmente.

O mesmo autor afirma que:

“Naquele mesmo ano, o Núcleo de Sociologia do Futebol organizou, na UERJ um grande evento acadêmico e cultural, que teve altíssimo impacto nos meios de comunicação. Vinte foram as unidades acadêmicas envolvidas e durante quarenta dias o futebol “dominou” as atividades universitárias.(...) Palestras, debates, filmes, peças de teatro, shows de música, exposições de fotografia, pintura, jornais e revistas. Muita gente visitando a universidade - jogadores, treinadores, comentaristas, intelectuais, estudantes, homens, mulheres, idosos, crianças. Um acontecimento! Acadêmico e cultural! O nome do projeto? Futebol, cem anos de paixão brasileira. Murad” (2017,p.154).

Ainda em 1994, a editora Manchete convidou o professor Maurício Murad para fazer um livro da história do futebol brasileiro, para que mesmo pudesse alçar ainda mais fama entre os jovens, tanto das escolas públicas quanto das particulares. Com muitos anos de pesquisa e possuidor de um vasto material elaborou o livro “Todo esse lance que rola: uma história de namoro e futebol”, que em seu conteúdo mescla de documentário com ficção, na qual narrava a origem social do nosso futebol por meio do relacionamento amoroso entre dois jovens. Apesar de ter sido convidado para esse projeto pela Editora Manchete, acabou escrevendo o livro pela Editora Relume-Dumará. (MURAD,2017).

O livro alcançou enorme êxito, sendo utilizado em muitos colégios do país, sem contar que chegou na final do concurso do Ministério de Educação e Cultura chamado “Sala de Leitura”. Esse livro foi fundamental para o fortalecimento do Núcleo.

Nesse ano também após muitas reuniões com membros do Núcleo de Sociologia de Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi concebida a Revista Núcleo de Campo. No mês de Junho de 1994 foi produzida o primeiro exemplar da Revista, intitulada: “Futebol 100 anos de Paixão Brasileira”, contendo cinco artigos, 78 páginas e número zero como edição inicial; (MURAD,2017).

Ao se pensar como seria a Revista, ficou decidido que se colocaria uma entrevista ou reportagem, na qual indivíduos ou temas ligados ao futebol seriam abordados. A edição zero por exemplo, trouxe na íntegra uma transcrição de um evento acadêmico que foi feito para homenagear o jornalista João Saldanha que tinha acabado de falecer.

A Revista Pesquisa de Campo durou até o ano de 1997, com cinco números, por causa da escassez de recursos da UERJ. As cinco edições foram as seguintes: “Brasil Futebol Tetracampeão do Mundo” (primeira edição), “Futebol e Cultura Brasileira” (segunda edição), “Futebol: Síntese da Vida Brasileira” (sendo essa classificada como número 3 / 4 para que não houvesse engano com o seguimento da numeração), além do quinto número, intitulado: “Futebol e Cidadania” (MURAD,2017).

No embalo do lançamento da Revista Pesquisa de Campo, o Núcleo apresentou ao setor de Sociologia do IFHC vinculado ao campo das Ciências Sociais, a ideia da implementação de uma disciplina chamada “Sociologia do Futebol”, para que todos os

alunos do IFHC, pudessem ter a oportunidade de cursar, a saber: História, Filosofia, Sociologia, Ciência Política e Antropologia.

Em caráter experimental, a primeira turma da disciplina Sociologia do Futebol foi criada no segundo semestre e contou com 40 estudantes inscritos e de apenas 20 vagas faltando para completar uma segunda turma, que nem se sabia se teria, pois como tudo ainda era muito embrionário, era difícil fazer previsões futuras

O professor Murad traz dados muito consistentes relativos a disciplina:

“Em mais de 10 anos de existência passaram pela disciplina cerca de 750 alunos e alunas-55% de mulheres;45% de homens- e já na terceira edição a disciplina de eletiva simples passou a eletiva universal, ou seja, aberta a todos os estudantes/ou professores de dentro e de fora da UERJ” (MURAD, 2017,p.159).

É importante salientar que a ementa da disciplina era composta de quatro itens curriculares, totalizando uma carga horária de 60 horas. São eles: 1) O lugar teórico da Sociologia do Futebol;2) História social do Futebol; 3) O futebol na cultura brasileira; 4) O campo prático da Sociologia do Futebol.

E como material de apoio para auxiliar na disciplina, uma vez que não existia nenhum livro com essas características no mercado, o professor Murad, após pedidos de seus alunos, fez um livro com temas alusivos à disciplina, chamado “Dos Pés à Cabeça: elementos básicos de Sociologia do Futebol”, publicado pela editora Irradiação Cultural. E como o livro foi um sucesso de vendas e que gerou uma grande repercussão, acabou servindo para solidificar de vez o Núcleo de Sociologia de Futebol da UERJ.

Para que o Núcleo pudesse seguir com o andamento das suas funções era fundamental fazer parcerias tanto dentro quanto fora da academia. Somente assim se poderia obter a legitimação desejada e ao mesmo tempo fortalecer o Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ (MURAD,2017).

Num primeiro momento o Núcleo obteve parceiros na própria universidade nos mais diversos setores da UERJ. Posteriormente alargou sua parceria com outras universidades do Rio de Janeiro e mais adiante com a de outros estados. Vale salientar que os meios midiáticos, assim como atletas, artistas entre outros, também estavam no universo de parcerias idealizadas pelo Núcleo de Sociologia de Futebol da UERJ.

O Centro de Tecnologia Educacional (CTE) foi uma parceria assertiva na medida que auxiliava o Núcleo na elaboração de pesquisas como também no registro de documentos de todas essas trocas de informações que o NSF estava realizando.

Foram gravadas em áudio e vídeo muitos materiais de palestras, entrevistas e aulas. Dessas gravações era copiada uma fita editada e outra também bruta com todo o material gravado (MURAD,2017).

Dentre as obras produzidas, o documentário a respeito de Chico Buarque de Holanda, intitulado “Futebol e Música Popular Brasileira”, em que o cantor concede uma entrevista exclusivamente para o filme, foi um dos grandes marcos do Núcleo. Sem contar a importante colaboração que o Núcleo de Sociologia do Futebol teve na produção do filme “O Futebol” dos cineastas Arthur Fontes e João Moreira, filme este que foi premiado no Brasil e no exterior. Outro grande feito do Núcleo foi na produção de peças teatrais e musicais dentro da própria UERJ, sob o aspecto do futebol e suas diversas temáticas.

O professor Murad conclui seu pensamento registrando que estão surgindo cada vez mais novos pesquisadores da temática e com isso frutifica-se uma gama maior de pesquisas, trabalhos acadêmicos, obras publicadas e palestras (MURAD,2017).

### **1.5 Museu do Futebol em São Paulo**

A quinta instituição que despertou o interesse de nossa pesquisa foi o Museu do Futebol. Localizado em São Paulo, foi construído com a filosofia de preservar a memória do futebol brasileiro. Ele tem como principal finalidade a comunicação, manutenção e estudo permanente sobre essa modalidade esportiva que em certo sentido personifica a nossa cultura. Os idealizadores do museu buscam estabelecer com o público uma comunicação aberta para o fortalecimento dos que todos tenham acesso conhecimentos produzidos e troca de saberes por meio temática futebolística. (SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

É importante salientar que esse importante museu fundado no dia 28 de Setembro de 2008 possui numa área de mais de 6000 m<sup>2</sup>, está localizado na entrada principal do estádio do Pacaembu (Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho) na parte inversa das arquibancadas. Possui em seu espaço físico, uma exposição central que

discorre sobre a história do futebol no nosso país, sendo um dos museus mais visitados do Brasil.

Para que isso seja possível, alguns pontos são fundamentais nesse processo, a saber:

“O DIÁLOGO: promoção do acesso e da participação de todos os públicos, interno e externo, respeitando a diversidade; a SUSTENTABILIDADE: fazer uma gestão eficiente de recursos físicos, humanos e financeiros; a TRANSPARÊNCIA: tornar públicos os processos, ações e resultados; a GOVERNANÇA CORPORATIVA: melhorias contínuas nos processos de gestão; o DINAMISMO: ser proativo nas propostas e soluções para o cumprimento da missão; e a EXCELÊNCIA: ser incansável na busca da qualidade”(SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

Nessa exposição permanente conta-se o surgimento do futebol famoso esporte nacional, como o mesmo se inseriu na nossa cultura se tornando um importante personagem da nossa história.

Nesse ambiente, o visitante encontra um espaço chamado de Grande Área, sala que abriga uma gama de peças, coleções que nos remontam aos nossos laços com esse esporte, a saber: brinquedos, selos, figurinhas, botões, entre outros. O visitante tem a sensação de retornar ao passado, devida à inúmera quantidade de peças existentes.

No primeiro andar, o público é recebido pelo rei do futebol, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Nesse local denominado Pé na Bola, ele chama a atenção para os pés das crianças, pois é desde jovem que os pequenos aprendem a se identificar com o futebol.

Logo em seguida, na sala Anjos Barrocos encontramos réplicas diversas dos nossos maiores craques e um pouco de suas histórias. Entre eles, estão: Zagallo, Gilmar, Julinho Botelho, e mais 24 atletas homenageados. Vale lembrar que o time também é formado por duas campeãs, Formiga e Marta, que desde o ano de 2015 também compõem esse timeço.

Mais adiante, na sala denominada Sala dos Gols, o convidado pode ver grandes lances do mundo do futebol. A sala do Rádio homenageia esse veículo, muito importante nos anos de 1930 e para a massificação do futebol, como também os grandes

locutores do esporte. Neste andar ainda existe mais um espaço temático, a sala da Exaltação, onde o visitante consegue sentir toda a emoção que as torcidas fazem nos estádios, com seus espetáculos e cânticos habituais.

No andar seguinte, o âmbito histórico é mostrado nessa exposição. O visitante através de um conjunto de salas descobre como o futebol começou no nosso país e se tornou a modalidade favorita dos brasileiros. A sala Origens, é constituída por um conjunto imagético de diversas fotografias distribuídas numa linha do tempo que abarca o fim do século XIX até o começo dos anos de 1930, período este em que o futebol era jogado pela elite e ainda não era profissional. Todavia, um texto adverte “Mas, nos chãos das fábricas, ruas e bairros populares, o povo, trabalhador, pobre e mestiço, também entrava no jogo e disputou a sério o direito de poder jogar futebol [...]” (SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

Na Sala dos Heróis, pode-se ver nos anos 30 e 40 um Brasil etnicamente plural, que está incutido em nossas expressões artísticas, alimentação, música, dança também no futebol. Tarcila do Amaral, Sérgio Buarque de Holanda, Leônidas da Silva, Carlos Drummond de Andrade, entre outras grandes personalidades nacionais estão entre os 20 homenageados. A seguir, na sala Rito de Passagem, o visitante pode reviver todo o drama da inexplicável derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950. Esse torneio deixou profundas marcas no nosso futebol e, ainda hoje aquela derrota é lembrada.

Na sala seguinte, denominada Sala das Copas do Mundo, podemos visualizar as nossas cinco conquistas mundiais, como também todas as edições já realizadas, na qual, a nossa seleção participou de todas. Tem também um espaço reservado para o fatídico jogo contra a seleção alemã na Copa do Mundo de 2014, afinal, não só de glórias vive o futebol.

No espaço Pelé e Garrincha o público pode observar mais de perto como essas duas lendas brilharam no esporte, em especial nos anos 60/70. Atuando juntos pela seleção jamais perderam um único jogo. Foram atletas tão espetaculares que acabaram tendo essa sala como uma forma de homenageá-los. Já na sala Passarela Radialista Pedro Luiz, é um ambiente destinado ao famoso e tradicional bairro do Pacaembu, onde está alocado o Museu do Futebol.

A sala seguinte, A Sala dos Números e Curiosidades caracteriza-se por um ambiente descontraído com placas que explicitam os grandes feitos, as regras do esporte, frases marcantes ditas ao longo tempo no mundo do futebol, entre outras

anedotas. Para se aprender as táticas do esporte, são usadas mesas de pebolim nesse local.

Na outra sala, chamada de Sala Dança do Futebol, é destinado à filmografia, em que o visitante pode assistir temas ligados ao esporte. O clássico Canal 100, também está presente com grande relevância. Desde o ano de 2015, os filmes: Campeonatos, Jogo Bonito e Pioneiras, mostram a luta das mulheres nesse esporte ainda tão masculino.

Finalizando a visita da exposição de longa duração, temos duas salas, a Sala Jogo de Corpo, em que existem recreações para o público visitante, como o Chute a Gol e o Campinho Virtual, além da Sala Homenagem ao Pacaembu, que possui ricos detalhes tanto na área de fotografia, quanto de arquitetura.

No campo pedagógico o Museu possui o Programa Educativo, com profissionais que realizam atividades lúdicas com finalidade de entreter e também passar conhecimento dos acervos que o Museu possui. Com isso acaba provocando curiosidades e estimulando a pensar sobre a temática do futebol, tudo sempre de uma forma bastante descontraída.

O visitante pode conhecer o espaço toda terça à sexta e com roteiros diversos, variando sempre de acordo com o perfil de cada visitante. Essas dinâmicas ocorrem das 14h às 15:30h e a visitação no fim de semana começa a partir das 11h (SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

O site da instituição possui informações pertinentes a respeito do futebol, como também artigos variados sobre o tema, entre outros o artigo “João Saldanha entre livros”, em que o Centro de Referência do Museu enumerou algumas obras importantes desse grande personagem do esporte, como por exemplo, o Trauma da Bola: a Copa de 82, livro lançado em 2002, no qual Saldanha explicita por meio de suas crônicas feitas para o Jornal do Brasil os principais problemas que ocasionaram o desempenho ruim daquele grande time no mundial realizado na Espanha, que para o autor eram dois: uma preparação inadequada no aspecto físico dos jogadores e também incerteza dos onze titulares da equipe (SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

Outra obra citada no artigo é: “João sem medo: futebol, arte e identidade”. Nela o autor esmiúça os artigos de Saldanha escritos para a Copa de 82 e verifica que apesar de no “Trauma da Bola” parecer ter um ar pessimista, João Saldanha tinha muita confiança na conquista da Copa do Mundo por parte da seleção brasileira. Outro livro recomendado é “Vida que segue: João Saldanha e as Copas de 66 a 70”, na qual

apresenta as mesmas ideias do O Trauma da Bola: a Copa de 82, no sentido de narrar o quão sofrido foi a eliminação do Brasil, no torneio, naquele que ficou marcado como o que praticava o verdadeiro “futebol-arte”. Outro grande trabalho de Saldanha que o artigo disponibilizado no site do museu do futebol, sugeriu foi: “As cem melhores crônicas comentadas”, esse livro foi organizado pelo autor Alexandre Mesquita, em que o historiador estudou crônicas de Saldanha produzidas entre 1960 à 1990, de periódicos importantes, como o Jornal O Globo, Revista Placar, Última Hora e Jornal do Brasil (SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

Além desses livros, existem biografias como “A Hora e a Vez de João Saldanha”, elaborada por Pedro Zamora, é importante salientar que ela foi a primeira biografia sobre este grande ícone esportivo. Nela Pedro descreve as principais características do torcedor, cronista, botafoguense e grande amigo João Saldanha. Nesta obra de 10 capítulos, ainda têm declarações de grandes estrelas do futebol que afirmam que João Saldanha é que deveria ter sido o grande comandante da seleção canarinho durante as eliminatórias para a Copa do Mundo no México (SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

Em “João Saldanha sobre as nuvens de fantasia”, outro livro referendado, que fala sobre os grandes personagens do Rio de Janeiro, não somente Saldanha, como Grande Othelo, Oscar Niemeyer, Chico Buarque e Vinícius de Moraes; Já em “João: Uma vida em jogo”, André Iki Siqueira mostra João Saldanha da mocidade até o período de grande fama como treinador de futebol e jornalista. Para que isso ocorresse, André pesquisou em acervos, conversou com amigos de Saldanha e membros da família, além de muitas fotos inéditas até então.

O livro “Quem derrubou João Saldanha”, é uma biografia específica do período em que ele treinou a seleção e o que gerou sua saída da mesma. E encerrando as indicações biográficas do artigo do site do Museu do Futebol, temos “As feras do Saldanha: o João Sem Medo por suas mulheres”, em que a autora Thereza Bulhões presta uma homenagem a esse mestre por meio de suas ex-esposas, a saber: “Hilda Lips, Ruth Viotti, Thereza Bulhões (organizadora do livro), Maria Sylvia e Helô Andrade [...]” (MUSEU DO FUTEBOL, 2018).



Figura 5: Projeto Museu Amigo do Idoso. Fonte: Museu do Futebol (2018)

E com relação ao museu, um dos grandes pontos positivos é a sua acessibilidade, pois permite que os visitantes que possuam qualquer tipo de deficiência possam adentrar a instituição, “dispondo de recursos variados, tanto de acessibilidade física (escadas rolantes, elevadores, piso podotátil, cadeira de rodas) quanto de acessibilidade comunicacional (audioguias em inglês, espanhol e para cegos, maquetes táteis, materiais sensoriais, etc. (...))” (SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

Ainda nos projetos inclusivos, a instituição possui o Museu Amigo do Idoso, em que visa não somente um atendimento qualitativo para este público, como também um troca de saberes entre eles e os profissionais do Museu. Atento com as estatísticas populacionais, que indicam que o número de idosos será exponencial e que práticas lúdicas e inserção dos mesmos em atividades são fundamentais. Tanto que o Museu no ano 2016 começou uma atividade diferente e inclusiva, contratou de forma remunerada, dois idosos para serem residentes: Maria Elisa Ferreira Franceschini, de 66 anos e Jorge Expósito.

E o Museu do Futebol após cinco anos de sua criação, elaborou o CFC (Centro de Referência do Futebol Brasileiro) que vale destacar seu pioneirismo, visto que é a primeira biblioteca do Brasil com temas exclusivamente ligados ao futebol, contando com um generoso acervo de mais de 3 obras nacionais e internacionais.

É importante frisar que o antigo IFB (instituto da Arte do Futebol Brasileiro) e que atualmente responde pelo nome de Organização Social de Cultura IDBrasil e Educação e Esporte é quem gerencia o museu desde o dia 29 de Setembro quando foi criado. Caracteriza-se por ser uma empresa de cunho privado que realiza esse importante serviço público em prol da sociedade.

Os objetivos dessa Organização Social de Cultura são:

“[...] Manter os equipamentos e os instrumentos necessários para a realização dos serviços contratados bem como a integridade física da edificação ocupada pelo Museu. Também se compromete em gerar ações e conteúdos coerentes com as especificações da instituição que administra, ao mesmo tempo em que os divulga buscando atingir e dar acesso ao maior número possível de pessoas. Desde a inauguração, o Museu do Futebol é administrado pela Organização Social de Cultura, IDBrasil Cultura. Educação e Esporte (antigo Instituto de Arte do Futebol provém do Estado e parte provém de captações realizadas pela própria entidade[...] além da qualidade no atendimento ao público, as organizações sociais vêm oxigenando as ações do Estado na área da cultura e garantindo uma bem-sucedida parceria entre o poder público e a sociedade civil organizada” (SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

Por falar no Centro de Referência do Futebol Brasileiro ele possui a missão de realizar não somente pesquisas, como também documentação de características diversas do nosso futebol com a finalidade de enriquecer ainda mais o Museu do Futebol. Mas para que isso ocorra, o Centro de Referência é composto por pesquisadores e de gestores para a administração tanto da midiateca quanto de uma biblioteca. Sem contar também que existem profissionais gabaritados para lidar no campo da documentação.

Na midiateca, vale destacar que a mesma possui uma variedade de filmes ligadas à temática, catálogos, documentários além de ser possuidora de um dos maiores acervos de jornais e livros de futebol.

O CRF (Centro de Referência do Futebol Brasileiro) começou a ser pensado no mesmo período de criação do Museu e sua elaboração se deu dois anos antes com a colaboração da Agência Brasileira de Inovação, além de cooperação do LAB-Nau (Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo). O Centro de Referência realiza estudos importantes e “[...] estabelece parcerias com museus, memoriais, centros e grupos de pesquisas em universidades, promove palestras, seminário, encontros com o objetivo de contribuir com a troca, ampliação e divulgação de conhecimentos sobre Futebol” (SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

No âmbito da pesquisa e documentação, o CRFB tem uma gama de profissionais qualificados, tanto para a documentação de acervos do esporte, com também para a documentação. O Centro de Referência possui trabalhos individuais e coletivos (sendo estes feitos em conjunto com centros de pesquisa e faculdades). Estes estudos subdividem-se em duas categorias: 1) Na Rede, que organiza e realiza estudos de campo, com personalidades do esporte, acerca de fatos e ações que foram realizadas no futebol. Um dos métodos mais utilizados para esse estudo é o método etnográfico; 2) Memória Viva, que elabora o maior número possível de entrevistas em vídeo ou áudio. Por meio da História Oral, essa pesquisa visa armazenar a fala de personagens relacionados às ações, casos ou contextos futebolísticos ou mesmo algum conteúdo que seja de grande valia para o Museu do Futebol em SP. Todas essas pesquisas, assim que concluídas, vão para o Banco de Dados do site da Instituição (SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

Seu pioneirismo trata-se da primeira midiateca e também biblioteca pública relacionada ao futebol, com um acervo estimado em mais de 4 mil obras. Além de “[...] catálogos, filmes e documentários em DVDs, incluindo as entrevistas de História Oral, produzidas pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB)” (SITE MUSEU DO FUTEBOL,2018).

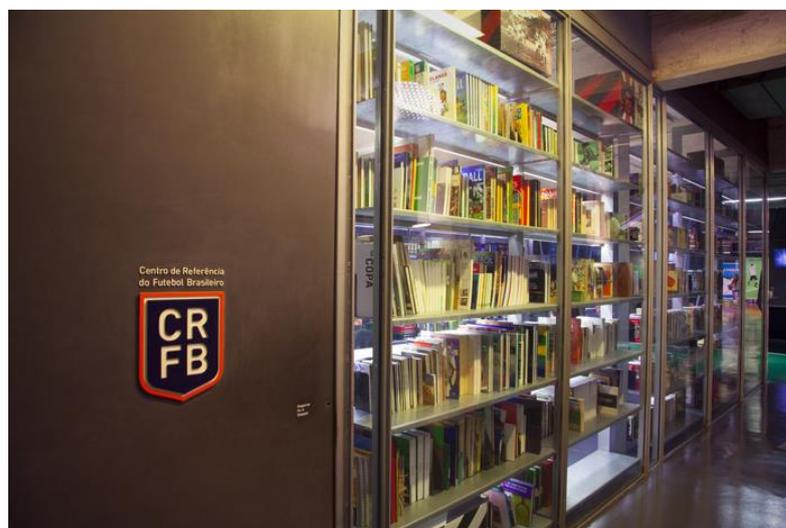


Figura 6: Biblioteca do CRFB.Fonte Museu do Futebol (2018)

Todo esse conteúdo está disponível de forma integral no Centro de Referência no “Banco de Dados” localizado no site Museu do Futebol. Com uma

excelente infraestrutura, a biblioteca possui rede WiFi sem custos para quem visita o espaço, além de computadores que possibilitam visitar o acervo ou mesmo adentrar ao meio digital. Este espaço está alocado junto a principal exposição do Museu do Futebol, dando a chance a quem visita o local, poder ter acesso a todo este material, Nessa visita pode-se fotografar também caso o visitante deseja, somente não estão autorizados os empréstimos das obras.

Os principais destaques do acervo, de acordo com o site Museu do Futebol (2018) são os seguintes:

“Principais obras da Literatura, Sociologia, História do Futebol. Livros sobre Clubes, Campeonatos, Copas do Mundo e Olimpíadas. Ficção Infantil e Biografias de atletas, técnicos e dirigentes; Álbuns de figurinhas fac-símiles e originais, desde a década de 1930; Coleção de periódicos com mais de 500 itens: Placar, El Gráfico, Manchete Esportiva, Revista do Esporte e muitos outros; Mais de 600 CDs e DVDs: documentários, filmes, curtas-metragens e gravações e gravações de História Oral são parte dessa coleção” (MUSEU DO FUTEBOL, 2018).

A Biblioteca e MEDIATECA estão disponíveis ao acesso do público, das 10 h até às 18 h de terça à sábado, não funcionando somente em dias de feriado, além das segundas e domingos. A entrada no local pode ser gratuita, porém para isso, o crachá precisa ser retirado na bilheteria do Museu do Futebol. (SITE MUSEU DO FUTEBOL, 2018)

Os cinco acervos foram aqui apresentados para contextualizar os estudos sobre o futebol e para indicar as principais fontes documentais que buscamos para situar o Estádio de São Januário como lugar de memória social.

## **CAPÍTULO 2. O ESTÁDIO DO VASCO: CENTRO DE CULTURA E MEMÓRIA**

Quando se fala de um estádio, podemos pensar que se trata de um espaço destinado exclusivamente a partidas de futebol. Não é o caso do estádio do Vasco da Gama, que historicamente foi um centro de memória e de cultura. Lá ocorreram muitas manifestações de expressão cultural, que vão desde desfiles carnavalescos, passando por apresentações de cunho artístico, literário, pedagógico e político.

Em duas oportunidades -1943 e 1945- o estádio sediou as principais festividades do carnaval carioca, sendo que no ano de 1945 a Escola de Samba Portela se sagrou a campeã do carnaval carioca com o samba enredo “Brasil Glorioso”, cuja letra está marcada por arroubos considerados “nacionalisteiros” e “patrioteiros” típicos do “fervor cívico” da conjuntura política da época (LANCENET, 2018).

Esse foi o samba-enredo portelense:

### **Brasil Glorioso**

Ó meu Brasil glorioso  
És belo, és forte, um colosso  
É rico pela natureza  
Eu nunca vi tanta beleza  
Foi denominado terra de Santa Cruz  
Ó pátria amada, terra adorada, terra de luz  
Nessas mal traçadas rimas  
Quero homenagear  
Esse meu torrão natal  
És rico, és belo, és forte  
E por isso, és varonil  
Ó pátria amada. Terra adorada, viva o Brasil

Fonte: Site Galeria do Samba (2018).

Naquele fevereiro, os confetes e serpentinas foram manchados de sangue. O músico portelense e torcedor fanático do Vasco da Gama, Paulinho da Viola, era apenas uma criança quando sua futura escola de samba conquistava mais um título carnavalesco, mas tempos depois relembriaria com carinho essa conquista em uma música produzida em parceria com Aldir Blanc, outro “vascaíno doente”, chamada “Botafogo Chão de Estrelas”, onde além de relatar fatos de sua mocidade, registra o falecimento do sambista Matinada que morreu depois de um desentendimento com um rival (GLOBOESPORTE, 2018).

Vivia-se ainda sob o autoritarismo (Estado Novo), instaurado pelo governo de Getúlio Vargas (encorajado pela ascensão de regimes autoritários na Europa) e, conforme explica Calabre “Desde os primeiros tempos no poder, Getúlio Vargas demonstrou preocupação especial com as atividades culturais, principalmente com aquelas ligadas às classes populares ou ao grande público”. Decorre daí o seu interesse, por exemplo, na “oficialização dos desfiles das escolas de samba<sup>5</sup>, com a qual o governo incentivava, apoiava e também controlava as manifestações carnavalescas populares” (CALABRE, 2003: p. 6).

É bem verdade que em 1945 a guerra e Vargas saíram de campo, mas estádio vascaíno não, tanto é que foi utilizado, nos anos 40, quando o carnaval e as agremiações não estavam ainda marcados pela mega-produção da indústria cultural e midiática. Eram escolas de samba que estavam começando suas trajetórias, na medida que não tinham legitimidade, enfrentavam o preconceito, a discriminação, não tinham popularidade ainda sob um olhar social que impunha restrições a tais manifestações.

Conforme explica o historiador Guilherme Garal:

“As escolas precisavam de legitimidade, de conquistar espaços na sociedade de respeitabilidade para sua ação. Já que a maioria dos sambistas era de negros, mulatos que viviam nos subúrbios e morros. O viés do carnaval era um espaço de criar essa legitimidade social. Estar afinado como discurso político era um espaço de criar essa legitimidade social. Estar afinado com o discurso político era fundamental para que as escolas tivessem aceitação’ PORTAL GLOBOESPORTE.COM, 2018).

---

<sup>5</sup> O primeiro desfile oficial das escolas de samba do Rio de Janeiro foi realizado em 1935 (CALABRE, 2003).

Nesse período, as escolas realizavam seus desfiles no centro da cidade, mas precisamente na Avenida Rio Branco. No entanto, nesse ano, o mundo se encontrava convulsionado pela Segunda Guerra Mundial, da qual o Brasil participou enviando tropas para a Itália. Entendeu-se, assim, que não existia clima muito propício para um evento popular, num ambiente aberto, ainda mais com a participação do Brasil naquele cenário. Questões de segurança se impunham. Foi então que a União Nacional dos Estudantes (UNE), em parceria com a Liga de Defesa Nacional, que já era responsável pelos desfiles de carnaval, pensaram no estádio vascaíno, que além de já ter sido utilizado em 1943 de forma experimental como passarela do samba, foi palco de inúmeros eventos políticos do país. Esse acontecimento é explicado pelo historiador do Centro de Memória do Club de Regatas Vasco da Gama Walmer Peres:

“Foi em São Januário porque o estádio vascaíno era naquele período o principal para a realização de grandes eventos. Eventos estes que iam além da esfera, abrangiam a política e a cultura, por exemplo. A Portela foi a grande campeã. Aliás, era o Expresso da Vitória do Samba. Ganhava tudo na época.” (GLOBOESPORTE.COM, 2018).

Participaram tão somente, oito escolas de samba, entre elas: “Depois Eu Digo”, “Cada Ano Sai Melhor”, “Portela” e “Mangureira”. Existem poucos registros do desfile das escolas de samba no São Januário, pois a empresa na época não concordava com a realização do carnaval no estádio. Silêncio, essa seria a resposta dos meios de comunicação, todavia variadas manchetes noticiaram a morte de Matinada na casa do Vasco da Gama. Foi dessa forma que a imprensa lembrou o espetáculo.

Buscamos documentação na hemeroteca da Biblioteca Nacional, mas poucos registros foram feitos pelos jornais do carnaval em São Januário, na medida que os meios de comunicação daquele período não eram favoráveis à sua produção. Nesse carnaval participaram oito escolas de samba, das quais quatro foram identificadas: “Depois Eu Digo”, “Cada Ano Sai Melhor”, “Portela” e “Mangureira”. As escolas restantes são de origem desconhecida (GLOBOESPORTE.COM, 2018).

O tratamento dispensado pela mídia foi um silêncio olímpico em relação a essa festa popular ou quando mencionava era para fazer registros jornalísticos cheios de preconceitos.

O assassinato de Matinada, foi noticiado de forma incessante, com manchetes e chamadas de primeira página, principalmente por uma parte da imprensa desfavorável aos desfiles de carnaval e que hiperdimensionava o fato para associar o carnaval à violência, à marginalidade. Naquela ocasião membros da “Cada Ano Sai Melhor”, da comunidade do São Carlos tiveram um desentendimento com integrantes da “Depois eu Digo”, do morro do Salgueiro (GLOBOESPORTE.COM, 2018).

Matinada foi morto durante esse conflito. Avelino dos Santos, mestre-sala conhecido como Bicho Novo, foi acusado de ser o autor do crime, mas posteriormente solto, após ter comprovado sua inocência. A respeito dessa campanha difamatória de alguns setores da imprensa, Cabral (1996) lembra que alguns jornais (entre eles “O Radical”) e rádios saíram em defesa dos sambistas.



Figura 7: Suspeitos de assassinar Matinada. Foto: Reprodução/Diário de Notícias.(2018)

Luis Carlos Magalhaes presidente da Portela acrescentou:

“Imagina um crime dentro de São Januário, maior estádio da época, palco de tantas atividades cívicas do Estado Novo de Getúlio Vargas, um estádio que atraía todas as atenções nacionais, no coração do Carnaval do Brasil naquele momento, ter um crime de morte. O carnaval se notabilizou por isso” (GLOBOESPORTE.COM, 2018).

Fabio Pavão o atual presidente do Conselho Deliberativo da Portela, complementou dizendo que após esse episódio, a imagem do sambista passou a ser associada com marginalidade e pobreza e foi difundido maciçamente pela mídia, em proporção maior até do que o próprio desfile de carnaval realizado (GLOBOESPORTE.COM, 2018).

Com relação à festa, não se possui muitos registros de como o desfile foi concebido, mas conforme pesquisadores do tema, acredita-se que tenha ocorrido em volta do campo vascaíno.

Com relação ao resultado da Escola vencedora, não houve dúvidas: Portela. A agremiação recebia um importante aporte financeiro de comerciantes do tradicional bairro de Madureira. O que chama a atenção é que as letras deste carnaval eram patriotas, levando em consideração o cunho nacionalista que o país atravessava em função de sua participação na Segunda Guerra Mundial e tudo que o era relativo ao tema carnavalesco era atribuído pela Liga de Defesa Nacional, ou simplesmente, LDN (GLOBOESPORTE.COM, 2018).



Figura 8: Desfile das escolas carnavalescas em São Januário. Foto: Reprodução O Jornal. (2018)

O carnaval já mereceu a abordagem antropológica de vários pesquisadores, entre os quais Roberto DaMatta, que mostrou a importância das marchinhas para uma leitura

do Brasil, destacando que num país onde a oralidade predomina, o uso das letras das marchinhas equivale ao uso da literatura para entender os países da Europa, com forte tradição escrita. O carnaval seria assim um evento que faz o Brasil ser Brasil de fato. Se a população pode ser analisada sob um aspecto teatral, podemos mensurar que existem fatos corriqueiros e outros duradouros. Pode haver mudanças no hábito alimentar, de residência ou mesmo de vestuário. O mundo se tornou tecnológico, moderno, mas o carnaval permanece presente em nosso cotidiano (DAMATTA, 2018).

DaMatta (2018) reforça dizendo que:

“Ela tem sido uma das poucas coisas permanentemente nacionais. A repetição festiva como disse Thomas Mann, é a abolição da diferença entre o ser e o ter sido. Todo ano tem carnaval- e todo ano é o Carnaval que, talvez mais do que qualquer instituição nacional nos certifica da comunidade Brasil [...]”

As festas de carnaval são ferramentas legitimadoras de afetividades através da música, do canto e sobretudo do sorriso que quebra qualquer tipo de obstáculo vigente.

Como seria o nossa rotina diária sem essas emoções que extrapolam o real? Esse questionamento aliás, foi o principal mote do livro de DaMatta, publicado em 1979 intitulado: “Carnavais, malandros e heróis” em que o autor quis explicitar a dificuldade da sensualidade e da felicidade serem comemoradas. A diferença do carnaval para outras festividades é que nela se festeja o ilógico, somente nessa festa popular é possível uma abertura para o povo ter voz, para o povo que nos primeiros carnavais era depreciado quando realizava seus desfiles (DAMATTA, 2018).

Essa festa é caracterizada por ser cíclica, ou seja, ela é isenta de qualquer data fixada. O período da mesma é marcada pela relação entre Deus e homens, gerando com isso um contexto de cunho transcendental. Os desfiles carnavalescos são produzidos por meio de entidades privadas que em sua maioria é composta por indivíduos de baixa renda. Essas entidades em sua grande maioria podem estar alocadas na localidade de seus idealizadores, o que salienta ainda mais essa marca identitária e ao mesmo tempo aberta a todos, movida com o intuito de obter relações sociais e características ordenadoras diversas (DAMATTA, 1997).

É importante mencionar que os desfiles são feitos hoje com a mescla de indivíduos pobres e artistas importantes do país, como astros da televisão, do teatro, do futebol e do rádio e nesse evento a população se divide para escolher uma escolar para

torcer, nos mesmos moldes que ocorre no mundo do futebol. Além do mais, como possui uma produção luxuosa para se contar as histórias nos desfiles, é curioso observar o contraste entre o participante que desfila -, em grande parte pessoas pobres, mulatas ou negras, e os personagens ricos ou mitológicos que representam (DAMATTA, 1997).

Esse efeito teatral destaca o aspecto de metamorfose do homem pobre em homem rico, que geralmente ocorre nos desfiles. Com isso, quem tem poder aquisitivo não é visto desse modo, mas sim como nobres. Se por ventura fossem vistos de acordo com sua posição social burguesa, provavelmente seriam ridicularizados e isso perderia a magia do carnaval que coloca num clima de paz os dominados e dominantes, pelo menos durante esse período.

Outro fato relevante, é que os grupos carnavalescos dançam de forma que se pode notar muito vigor e vitalidade em que cada membro participa realizando uma coreografia diferente da outra num “conjunto de passos convencionais”:

“Como o desfile carnavalesco reúne um pouco de tudo - a diversidade na uniformidade, a homogeneidade na diferença, o pecado no ciclo temporal cósmico e religioso, a aristocracia de costume na pobreza real dos atores a vários subuniversos simbólicos da sociedade brasileira, podendo ser chamado de um desfile polissêmico [...]” (DAMATTA, 2018).

O autor conclui seu pensamento dizendo que o carnaval só possui essa magia justamente por estabelecer uma posição de igual para igual na qual o corpo é pobre, porém com estética e glamour. O povo que deveria estar indignado nesse momento coloca a sua fantasia conta histórias inacreditáveis por meio de músicas carnavalescas, “o carnaval, é riso, engano e mentira. Por isso ele está dentro do Brasil.” (DAMATTA, 2018).

Os estudos antropológicos tornam evidente que o Estádio de São Januário, ao sediar a festa de carnaval, estava funcionando como um centro de expressão de outras manifestações culturais, além do futebol, construindo-se como um lugar de memória na conceituação de Pierre Nora (1993).

## **2.1 Campo de Futebol: espaço, tempo e imaterialidade**

“Pensar em memória social é pensar na estreita relação entre o espaço e o tempo. Se entendermos que memórias tanto individuais como coletivas, se constituem sobretudo da dinâmica entre as suas

dimensões, há que se perceber a importância de percorrer a profícua literatura acerca destes temas para a construção de um texto sobre memória social” (ALMEIDA 2014: 20).

Dessa forma, Rosângela de Sena Almeida aborda a questão em sua inspiradora tese de doutorado “De Copa a Copa: Memórias do Estádio de Futebol do Maracanã” defendida em 2014 no Programa de Pós Graduação em Memória Social e que muito contribuiu para os caminhos que escolhemos na pesquisa. Nesse mantivemos uma dependência explícita à tese de Rosangela Almeida Os autores aqui citados por Almeida foram por mim lidos nas disciplinas do PPGMS, mas mantive as citações a partir da mencionada tese de doutorado, como um reconhecimento à contribuição da autora para essa dissertação, ao fazer uma sistematização dessas ferramentas para a análise do Maracanã.

A autora retrata o Maracanã como sendo mais que um estádio, por haver se tornado um símbolo da cidade do Rio de Janeiro, “constituindo-se num espaço promotor de eventos esportivos na contemporaneidade que provoca experiências concretas e subjetivas” (ALMEIDA, 2014, p.7).

Segundo a autora, a relevância do estádio e o símbolo que se tornou pelo mundo afora são tantos que o transformaram num ícone internacional, pois, além de servir como palco de vários momentos históricos ele também foi o protagonista da vida de muita gente.

Alguns pesquisadores desenvolveram teses para explicar e compreender o campo de memória social em relação ao tempo e espaço. Andréas Huyssen e Pierre Nora, com pontos de vista diferentes, associam o tempo e o espaço aos locais já consagrados.

Almeida (2014, p. 21) afirma que da segunda metade do século XX em diante, vimos acontecer transformações socioculturais e políticas que mudaram decisivamente a realidade global. Essas mudanças<sup>6</sup> ocorreram, especialmente, com uma concepção de natureza social que não mais se adequava ao que estava sendo experimentado naquele tempo. O avanço do capitalismo que nasceu no período da industrialização, ganha aspecto e dimensões nunca antes pensados e que, sem dúvida, refletem nos mais

---

<sup>6</sup> Para mais detalhes sobre essas reflexões verificar os estudos Boaventura de Souza Santos (2011) e Néstor Garcia Canclini (2006).

diversos segmentos de sociedade. Essas reflexões são denominadas por alguns autores como uma ruptura das identidades sociais, uma nova significação ou um conflito de identidade do homem atual.

A compreensão da temporalidade e da espacialidade, também apresenta modificações significativas e objeto de análise de inúmeros autores, tais como: Hall (2005), Canclini (2006) e Bauman (1998 e 2000). Após os anos 90, mais precisamente depois da Guerra Fria, as tensões territoriais, religiosas e políticas que ocorreram modificaram amplamente o local e barreiras de cunho territorial dos países. Depois do término da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) a Europa apresentou em termos político-geográficos uma considerável remodelação, com a criação de novos países. Os que possuíam uma menor representatividade tanto política quanto econômica ensejavam um maior prestígio e reputação política.

Alguns autores formularam hipóteses para se elucidar e entender o campo de memória social em termos de tempo e espaço. Andréas Huyssen e Pierre Nora, com pontos de vista divergentes, associam o tempo e o espaço aos locais já consagrados.

Ao mesmo tempo também, as comunidades não dominantes demonstravam uma progressiva preocupação e a necessidade de serem ouvidas de maneira local e mundial. Novas mobilizações de cunho social obtiveram uma crescente expansão principalmente na década de sessenta do século XX, como, por exemplo, o movimento feminista (HALL, 2005.<sup>44</sup> *apud* ALMEIDA 2014: p.22) e movimentos estudantis. Todos esses eventos relacionados aos movimentos sociais que não se consideravam ouvidos em suas reivindicações e ao mesmo tempo, protestavam, buscando as ruas e outros palcos de protesto.

Segundo Almeida (2014), é precisamente nesse contexto que aflora a percepção de lugar de memória. Pierre Nora<sup>7</sup>, historiador francês, editor da *maison Gallimard* e criador da conhecida "*Bibliothèque des Sciences Humaines*", elabora com a finalidade de listar os locais e também os utensílios que abarcariam a memória nacional da França, uma compilação dividida em três partes, a saber: A República (1984), A Nação (1987) e Os Franceses (1992).

Nora sugere que entre a Memória e a história haveria uma parcela considerável de dissemelhanças e ressalta que só existe a história e que a memória não mais existiria. De acordo com o autor, era preciso para os países e para as pessoas acumular,

---

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882011000100020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882011000100020)> Acesso em 09 jan.2017

conservar objetos genuínos de suas lembranças, na medida que eles seriam de vital importância para a o restabelecimento das recordações Assim sendo, os lugares de memória, ganhariam destaque, o que comprovaria que a memória autêntica não seria mais possível, portanto haveria a necessidade de se elaborar arquivos, é importante celebrar aniversários, escrever atas, mensagens fúnebres, uma vez que essas atividades não possuíam uma autenticidade (NORA, 1993, p.13 *apud* ALMEIDA 2014, p. 22).

Nora indica que não se tem mais a memória, pois ela só é usada e exercida como um mecanismo para se identificar o corpo social e os seus cidadãos que fazem uso da história para diferenciar espaços seguros e concretos que são fontes importantes para o seu pensamento: "Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora" ( NORA,1993, p.12 *apud* ALMEIDA 2014, p.22).

Portanto, pode-se dizer que a história se anunciaria no campo de que não há mais as sociedades-memória, com o surgimento do hábito acontecendo no tempo presente. Uma vez que o hábito é superado pela contemporaneidade, os indivíduos fariam uso dos espaços de memória, vistos como locais onde se guardam as recordações nas quais elas se fixam, como por exemplo: os museus, as bibliotecas, os arquivos, os centros culturais, os monumentos, tendo em vista que "há locais de memória porque não há mais meios de memória." (NORA, 1993, p.3 *apud* ALMEIDA, 2014, p.22 e 23).

Com o intuito de observar essa ausência da memória, Pierre Nora explica que se não existe mais uma "memória autêntica e fiel", há, contudo, a chance de se ter o acesso a uma memória recomposta que nos demonstre a percepção básica de identidade. O ponto de vista dos lugares de memória é, por conseguinte, um modelo de transformação entre dois sistemas que se conectam: de um lado, a mudança nas características de pensamento na perspectiva histórica e no outro, o fim de um hábito da concepção de memória. Em suas dimensões tangíveis, tais locais endereçam a arquivos, museus, festividades, cemitérios, coleções, tratados entre outros símbolos de recordação. É necessário produzir marcos para amparar essa memória.

Divergindo do pensamento de Nora, Andreas Huyssen explicita o quão importante é a política da memória dos grupos sociais hodiernos. Huyssen salienta que questões passadas como de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva já não são tão verossímeis para os dias atuais no sentido de tentar compreender o exercício vigente da temporalidade e da mídia na forma de pensamento crítico sobre aspectos relacionados ao âmbito da memória, do tempo vivido e deslembança, na medida que as memórias

políticas de grupo étnicos e sociedades encontram-se fragmentados pouco a pouco. Isso levaria ao pensamento da possibilidade da "existência de formas de memória consensual coletiva e, em caso negativo, se e de que forma a coesão social e cultural pode ser garantida sem ela" (HUYSSSEN, 2000, p.19 *apud* ALMEIDA, 2014, p.23).

Huyssen identifica como “Boom da Memória” o deslocamento dos tempos atuais de procurar e recuperar memórias em uma aceitável experiência da nossa espécie restaurando ou dando um novo conceito às suas identidades. Ele relaciona isso com as mudanças do mundo contemporâneo, que se submete a compensar o rápido ritmo das informações, de defender-se da aniquilação do tempo, de encontrar outras maneiras de se poder contemplar, para além dos comunicados instantâneos e rápidos com a finalidade de afirmação de lugares em um mundo fracionado.

O autor também explica a atribuição da mídia neste inchaço de memória no mundo moderno e averigua o crescimento dos novos meios tecnológicos midiáticos, destacando que a atual fixação da memória é coligada ao medo de esquecer. Sendo assim, existe então o conceito de que, quanto mais elevado for o acúmulo da memória em bancos de informações e locais de acervos de imagens, mais baixa seria a expectativa da cultura operar na recordação ativa (relembração útil), fazendo desenvolver assim uma amnésia cultural. E justamente essa amnésia cultural, provém da agilidade das novidades tecnológicas, culturais e científicas, direcionadas para um corpo social de consumo e geraria uma obsolescência nas formas de vida, modificando dessa forma, a extensão do tempo presente e, de modo contraditório, conduzindo um encantamento pela memória e pelo passado.

Ao contrário de Nora, Huyssen estuda esse fenômeno como uma expectativa de reduzir a aceleração da vida corrente ao equilibrar a amnésia elaborada pelo imediatismo e também por políticas efêmeras e não apenas como uma alguma coisa prejudicial. Para ele, os indivíduos e as comunidades precisam de um passado para a concepção de suas identidades e que possam avistar o futuro.

“Paradoxalmente, não será o caso de notar que toda memória inevitavelmente depende de distanciamento e esquecimento, justo as duas coisas que vêm minar a sua pretensão de estabilidade e credibilidade, e que são ao mesmo tempo essenciais para a própria vitalidade da memória? [...] Não seria uma força constitutiva da memória o fato de ela poder ser contestada a partir de novas perspectivas e evidências, ou a partir dos próprios espaços que ela bloqueou? Dado o diálogo seletivo e em permanente mudança entre o presente e o passado, acabamos por reconhecer que a nossa vontade

presente tem um impacto inevitável sobre o que lembramos [...] É importante compreender esse processo, em vez de lamentá-lo, na crença equivocada de que seria possível uma memória fundamentalmente pura, completa e transcendente”. (HUYSSSEN, 2000, p.68/69 *apud* ALMEIDA, 2014, p.24).

O autor afirma sobre a importância da conexão dialética dos hábitos de lembrança e esquecimento para o exercício da memória, uma vez que esse seria um método vivo e modificável que possibilitaria a recordação do que se passou, a avaliação do presente e a previsão de factíveis que ainda estão por vir.

O aspecto valorativo é compreender que esse campo dinâmico da memória não é negativo e contrariamente é o propulsor de uma recordação proveitosa.

“Se nós estamos, de fato, sofrendo de um excesso de memória, devemos fazer um esforço para distinguir os passados úteis dos passados dispensáveis. Precisamos de discriminação e memorização produtiva e ademais, a cultura de massa e a mídia virtual não são necessariamente incompatíveis com esse objetivo”. (HUYSSSEN, 2000, p.37 *apud* ALMEIDA, 2014, p.24).

Huyssen procura elevar as transformações que ocorrem no presente e que nos proporcionam uma probabilidade construtiva; também refuta o temor pelo esquecimento, como se o mesmo fosse um defeito da cultura em que é necessário, por meio de uma exacerbação da memória, achar uma resposta. Percebe o esquecimento como um aspecto proveitoso, visto que ao diferenciar os passados úteis dos dispensáveis, se está selecionando quais passados têm que ser preservados e quais podem cair na esfera do esquecimento.

Para corroborar com essa ideia, Benjamin (1987, p.222) nos diz que o cronista que narra os fatos, por exemplo, sem separar os grandes dos pequenos, leva em consideração a autenticidade de que nada do que um dia ocorreu pode ser considerado perdido para a história. Claro que, apenas a sociedade resgatada poderá apoderar-se do seu passado na sua totalidade. Ou seja, apenas para a sociedade redimida o passado é citável, em cada um dos seus instantes.

De acordo com Nora haveria uma memória verdadeira no passado que se deteriora com o passar do tempo. E com isso, acabam-se gerando na atualidade lugares de memória como uma possibilidade de se tentar restabelecer esse desaparecimento. Huyssen desaprova essa teoria de uma memória perdida e a perspectiva de memorização completa: “A memória é sempre transitória, notoriamente não é confiável

e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social” (2000, p.37 *apud* ALMEIDA, 2014, p.25).

Vincular historicamente o passado com o presente não significa entendê-lo "como ele de fato foi". O sentido disso é de apoderar-se de uma memória, tal como ela reaparece no instante de um perigo. É função do materialismo histórico firmar uma lembrança do passado, como ela se exhibe, no instante da ameaça, sem que se tenha noção disso. A aptidão de trazer do passado o lampejo da esperança é uma vantagem única do historiador (BENJAMIN, 1987, p. 228).

Para Andreas Huyssen é necessário desprezar a fala tradicionalista de perda e reconhecer o deslocamento essencial nas organizações de sentimento, compreensão e experiência que identificam o nosso presente. Vale-se ressaltar que, na atualidade, a memória propriamente se transforma em espetáculo e se torna objeto da comunidade de consumo.

A conexão entre espaço e tempo vem sendo objeto de pesquisa de muitos autores, sendo que nos dias de hoje essa ligação tem experimentado relevantes alterações.

Com o intuito de melhor explorar esse debate de reflexões sobre a conexão entre memória, tempo e espaço, faço uso das palavras do autor Paul Ricouer, sobre a ideia de lugar de memória.

“Da memória compartilhada passa-se gradativamente à memória coletiva e suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição: foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória, anterior às expressões e às fixações que fizeram a noção ulterior dessa expressão” (RICOUER, 2007, p.157).

Como salienta Ricouer, as experiências que foram vivenciadas e que ocorrem nos lugares propícios às festividades se estabelecem em memória compartilhada e em memória coletiva e proporcionam a composição do conceito de um lugar de memória.

“O historicismo culmina legitimamente na história universal. Em seu método, a historiografia materialista se distancia dela talvez mais radicalmente que de qualquer outra. A história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio. Ao contrário, a historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo. Pensar não inclui apenas o movimento das ideias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento para, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque,

através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada” (BENJAMIN, 1987, p.230).

Para o autor, o materialista histórico só fica próximo de um fato histórico quando o confronta em seus mínimos detalhes. Ele acaba se beneficiando desse momento para retirar uma época delimitada do curso homogêneo da história. Sendo assim, sua estratégia resulta no conjunto da obra, e na totalidade do processo histórico preservado e transcendido.

Ao passo que um realiza um empenho de cunho material e perceptível na possibilidade de se fazer a lembrança, o outro é do universo do esquecimento. Um dos fundamentos de se existir um lugar consagrado é precisamente de se implantar como um local de recordação, de conservar lembranças e, principalmente, atuar de forma clara e concreta, da etapa de elaboração de memórias.

Ricoeur elabora um primoroso e detalhado estudo sobre o diálogo acerca da temporalidade e da espacialidade e correlaciona o tempo vivido com o espaço vivido.

“A dialética do espaço vivido, do espaço geométrico e do espaço habitado, corresponde uma dialética semelhante ao tempo vivido, do tempo cósmico e do tempo histórico. Ao momento crítico da localização na ordem do espaço correspondente o da datação na ordem do tempo” (RICOEUR, 2007, p.62).

Todas essas considerações de ordem teórica nos permitem concluir que locais consagrados, como o Estádio São Januário, podem ser compreendidos como vestígios das experiências já vivenciadas, tanto individual quanto coletiva, que se conservam no tempo e nas temporalidades, no espaço e nas espacialidades.

Os lugares de memória são constituídos de aspectos que amplificam os seus sentidos e sua existência. Nora reitera que um mesmo local pode ser “material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos”.

Dessa forma, o estádio de São Januário será da esfera do simbólico, se existir sobre o mesmo uma aura imaginária, algo que gere de sua concretude, um ritual, uma significação que envolva existência. Compreenda-se que as partidas de futebol possuem uma espécie de ritual marcado pelo início, o meio e o fim dos jogos (no aspecto do jogo de futebol em si ou no ato de se assistir a partida).

Será do âmbito do funcional por sua função no espetáculo do esporte a que se remete, isto é, como um estádio de futebol, que habitualmente, realiza seu compromisso

de alocar jogos e torneios da modalidade, de forma a perpetuar o seu traço de funcionalidade. E será material, por ser uma obra arquitetônica, uma estrutura concreta, uma edificação situada no espaço urbano para abrigar um evento da esfera esportiva. As três características que representam os lugares de memória coabitam aqui:

“É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que um pequeno número uma maioria que deles não participou” (NORA, 1993, p.22 *apud* ALMEIDA, 2014, p.28).

Nora entende o desejo de memória e o propósito como parâmetros relevantes para a constituição do lugar de memória, construindo reflexões acerca das causas de sua existência e preservação na sociedade, por meio da mediação do tempo, da lembrança e do esquecimento.

“Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido no mínimo de sinais, é claro, e é isso que nos torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. Parar o tempo, impedir o esquecimento, manter viva a memória do lugar, de uma prática, enfim mesmo que aquele lugar não mais exista, torna-lo um lugar de memória é não permitir que ele efetivamente seja apagado da lembrança” (NORA, 1993, p.23).

A variação de espaços de memória oportuniza uma vastidão de compreensões e, por conseguinte, uma pluralidade de lugares. Os mesmos, não são exclusivamente aqueles dos avantajados monumentos regulamentados pela história oficial, que conservam ou se propõem a guardar uma memória nacional, podem ser também aqueles locais, indivíduos ou tarefas que no ensaio de tentar paralisar ou guardar o tempo, se estabeleceram como guardiões de memórias locais, da memória um grupo social local ou de uma atividade cultural.

Do mesmo modo, a teoria de Pierre Nora de que não existiriam mais “meios de memória” não corrobora com o nosso objeto de pesquisa, uma vez que, os jogos de futebol e os espetáculos esportivos e não esportivos realizados no estádio de São Januário se constituem de forma plural como procedimentos memoriais que acontecem

periódica e dinamicamente ressignificando o local, o espaço e o campo de futebol. (NORA,1993, p.3 *apud* ALMEIDA 2014: p.28)

Seguindo com os conceitos de Huyssen, sobre grupos sociais de consumo contemporâneo, em que até a memória se modifica em uma atração, podemos entender que os estádios de futebol e as arenas esportivas se organizam em lugares nas quais o esporte se espetaculariza, adquire visibilidade e dimensões gigantescas por meio de grandes espetáculos e dos meios midiáticos, e dessa forma, a modalidade passa a ser incluída como um meio de consumo, um produto comercial. Entretanto, Huyssen confia no prestígio da aceitação e compreensão favorável de novos princípios das emoções, compreensões e vivências humanas com relação às transformações em termos de conjunturas do mundo contemporâneo.

No caso do nosso objeto de pesquisa, sua vocação para ser um lugar consagrado que seguindo os preceitos da dialética circula entre dissemelhantes dimensões, do tangível e material ao imaterial e extraordinário, nos oportuniza imaginá-lo como lugar desencadeador de recordação geradora partícipe do processo de concepção de memórias. Compreendemos que o estádio de São Januário se caracteriza num lugar de memória, visto que, para além do sentido de tangibilidade, é notabilizado pelo aspecto do simbólico, do intangível, das experiências vividas e passadas de geração em geração.

## **2.2 Entre o espetáculo e o civismo**

Famoso não somente por sediar partidas de futebol, mas por ter sido cenário de parte importante da história do Brasil, pode-se afirmar que São Januário, manteve certa promiscuidade com o poder político e militar, em especial no período varguista. Conforme Malhano e Malhano:

“A cooperação do clube de Regatas Vasco da Gama com os poderes públicos constituídos tem sido frequente e relevante. Inúmeras vezes, por exemplo, o Estádio foi cedido, temporariamente, para a realização de festas cívicas, como as comemorações do Dia da Independência, das quais Heitor Villa-Lobos participava efetuando suas megarregências, antecipando-se aos megaeventos do final do século XX. De outras vezes, de forma mais permanente, manteve, da criação até a sua extinção por lei, a instrução militar preparatória: uma Escola de Instrução Militar, onde se formaram cerca de 10.000 soldados” (MALHANO e MALHANO, 2002, p.189).

Para Malhano e Malhano (2002), em muitas oportunidades, muitos políticos entravam no estádio Vasco da Gama por meio do acesso social localizado na Tribuna de Honra de São Januário. Em consonância com esse pensamento Machado e Banchetti (2009, p.81/82) afirmam: “Muito embora este se tratasse, antes de tudo de uma realização particular, pertencente ao Clube de Regatas Vasco da Gama, tal fato não impediria a sua apropriação pelo regime varguista”. Machado e Banchetti (2009) consideravam um contraponto, visto que era um estádio particular que seria usado em muitas oportunidades pelo Estado Novo.

Essas festividades marcaram um período importante de uso por parte dos políticos do estádio como um palanque para se relacionar com o povo, uma tradição que contou também com apresentações musicais, discursos para a nação e até mesmo uma parceria no âmbito militar. Peres (2017) afirma que: “No decorrer de 17 anos, o Vasco manteve nas dependências do estádio a Escola de Tradição Militar Nº 307, o popular tiro de guerra do Vasco”.

“As comemorações cívicas constituem terreno de domínio privilegiado das manifestações daquilo que se pretende eternizar em um povo” (Malhano e Malhano ,2002,p.190) como afirmam com um olhar mais condescendente do que crítico que pode ser observado em outros autores.



Figura 9: Maestro Villa-Lobos em São Januário.

Fonte: Site Oficial do Club de Regatas Vasco da Gama (2017)

O entusiasmo talvez derive do fato de que nesse período o maestro Heitor Villa-Lobos regeu desfiles orfeônicos no estádio cruzmaltino. Bilhão (2011, p.75) informa que: “essas cerimônias, realizadas inicialmente em espaços abertos foram transferidas para estádio Vasco da Gama”. Para Bilhao (2011):

“A realização dessas festividades interessa por dois motivos: o primeiro é que elas permitem observar a criação de um espaço cênico no qual o poder público[...] controla e disciplina a participação popular, ao mesmo tempo em que emite seu discurso pedagógico e legitimador. O segundo motivo relaciona-se à ampliação do aparato burocrático, até mesmo com gastos crescentes nos orçamentos dos órgãos envolvidos e com o desenvolvimento de know-how para a realização das cerimônias[...]” (BILHAO, 2011, p.75).

Um desses eventos, de acordo com o portal Terra (2018), ocorreu “em 1940, no dia 7 de setembro, quando concentrou mais de 40 mil estudantes de escolas com turmas de música do Rio de Janeiro”. Um dos personagens deste evento foi José Ramos Tinhorão neste período era apenas uma criança que compôs o coral de aproximadamente quarenta mil vozes, naquele 7 de Setembro de 1940.

Em entrevista ao site da Folha de São Paulo Tinhorão relembra que no dia do evento, Villa-Lobos se posicionou em um pódio de madeira que estava no meio do gramado de São de Januário:

“A um sinal dele, o estádio inteiro começou a cantar. Eu me lembro que eram canções que falavam da natureza, do Brasil” (FOLHA, 2018).

Nesse dia da “Hora da Independência”, havia um cronograma já organizado para chegada e partida de alunos que seriam conduzidos pelos bondes da Light (Companhia Carril, Força e Luz) e pelos ônibus. Borges salienta que “Os Diretores das escolas designadas para comparecerem à solenidade receberam uma gratificação em dinheiro, na base de 1\$500, por aluno, para atender as despesas do fornecimento de uma merenda aos mesmos”:

“Os alunos deveriam sair das escolas formados por grupo de vozes, respectivamente, 1.º, 2.º e 3.º e 4.º, com o objetivo de permitir a melhor organização na hora da entrada do Estádio. Cada grupo era acompanhado por professores de classes ou inspetores de disciplina escolhidos pelos Diretores das escolas. Os alunos embarcavam nas respectivas conduções rigorosamente à hora determinada, sendo o

Serviço de Educação Física responsável pelo embarque dos alunos e desfile no gramado, à saída das escolas” (Borges 2008, p.94).

Essa organização rígida demonstra todo o planejamento para que o evento pudesse ocorrer de forma ordenada, efetiva e sistemática para que o público tivesse a oportunidade de assistir mais um espetáculo cívico em São Januário que se tornou um anfitrião de momentos políticos importantes do país, visto que foi utilizado em muitas oportunidades. Nas festividades do Primeiro de Maio não era diferente. Após a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda, em 1939, o Primeiro de Maio passou a ser apresentado de maneira mais pomposa e populista e no ano seguinte, as festividades foram transferidas para os estádios de futebol (FERNANDES, 2011). Segundo Fernandes (2011), a solenidade passou a ser feita no campo vascaíno, exceto em 1943 que ocorreu no Palácio da Esplanada e em 1944 que acabou sendo feito no estádio paulista do Pacaembu.

O festejo classificado como cívico é formado por uma combinação complexa e com diversas legitimações. É velado e ao mesmo tempo revelador, a modificação é condicionada por meio da trinca de informações entre o público, os profissionais que celebram e a plateia, administradas pelo diretor da festa.

Para Malhano e Malhano (2002, p.192) é “uma forma complexa e dispendiosa de legitimar coisas e relações, a imposição de “líderes”, um novo regime político, ou a concretude de um Novo Estado Nacional já balizado por fronteiras totalitárias bem definidas”.

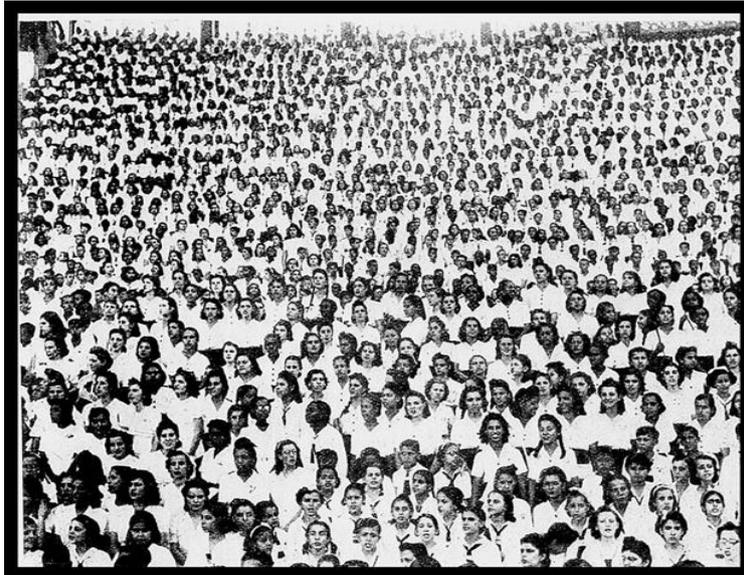


Figura 10: Coral orfeônico do Maestro Villa-Lobos.

Fonte: Site Oficial do Club de Regatas Vasco da Gama (2017)

Apesar de não serem feitas sob um monopólio do estado, as celebrações do Primeiro de Maio de 1938 se realizou sob “liberdade vigiada” da polícia, para que não houvesse nenhuma forma de ocupação ou manifestação por parte da população nas ruas no melhor estilo fascista de Mussolini (BILHAO, 2011).

É interessante perceber como um estádio foi essencial durante o período de Getúlio Vargas no poder, aliando grandes festas com atos políticos de cunho popular e tendo sempre uma grande aceitação por parte de seus adeptos. Para Malhano e Malhano (2002,p.)”As festas cívicas estabelecem material de domínio singular das manifestações daquilo que se ambiciona eternizar em uma nação.”

E conforme Bancheti e Machado, (2009, p.4):

“[...] Os festejos que sugeriam a edificação de uma relação harmônica entre o “pai dos pobres” e os grupos populares [...] podem mascarar as tensões que acompanharam esta aproximação”.

As divergências podem ser melhor analisadas nas diferentes significações que grandes cenários como Pacaembu e São Januário tinham para os encarregados que estavam situados em suas tribunas, arquibancadas e gerais (BANCHETI e MACHADO, p.4).

Toda essa magia aliando o povo e a política pode nos fazer pensar que de certa forma o futebol pode unir todos não somente durante uma partida disputada entre duas equipes rivais.

É notório que o romance com o popular passa pela criação da tradição: a cultura é originada da sociedade, em especial dos mais renegados, o futebol possui consigo o símbolo da cultura, da dança, da luta e da musicalidade, dos que dela se apoderaram em cada período seja ela nacional ou mesmo regional (HELAL, R., p.96).

Segundo DaMatta (1979), "Principalmente dessa substância diferencial, individualizadora enquanto povo, suas consistências, características e tiques inconfundíveis", gera-se como um precedente a uma doutrina, um espaço crítico para se intervir no campo do pensamento e valores acerca de uma determinada construção social de uma população, de um povo, para restabelecer, reinstaurar e conceber esse campo (MALHANO e MALHANO, 2002, p. 190).

No caso do País governado por Getúlio Vargas, é possível analisar que antes e depois do Estado Novo, esta identidade, se caracterizou de maneira notória pelas festividades cívicas, como espaço ou momento em que se teve a oportunidade de realizar uma quantidade de ações, gestos e experiências que são propiciadas e caracterizando “nossos” desejos enquanto nação. Essas comemorações, são desse modo, um seguimento nosso enquanto pátria e enquanto espécie da cultura humana. Percebemos, apoiamos e mantemos um vínculo com um Brasil em que podemos nos sentir de certa forma identificados. Nas apresentações patrióticas nós expomos em conjunto com a nossa consciência (MALHANO e MALHANO, 2002).

Recapitulando algumas de nossas particularidades, enquanto sociedade, renovamos o ideal, como nação, uma vez que praticamos uma comemoração cívica. Logo, podemos marcar um período e privilegiá-lo, ao passo em que procuramos modificar um conceito, uma ligação, um comportamento, uma ação, próprias, distintas, em âmbito coletivo, ampliando-se ao maior número possível de cidadãos, a grupo de indivíduos, obtendo uma maior propagação para uma gama crescente de pessoas que se tem possibilidade, os tornando universal. É nesse movimento de transformação que uma massa se apresenta enquanto uma só nação, se tornando diferente entre as outras. Conforme observa Silva:

“Numa sociedade em que a imagem pública e privada constituem um fator preponderante de prestígio, credibilidade e liderança, estes

elementos estão cada vez mais permeando nossas vidas, nossas formas de agir, de decidir, sob a vigilância de olhares sociais atentos e fiscalizadores. Os ritos, rituais e as cerimônias passam a ser elementos estratégicos a serviço da construção e consolidação das imagens das organizações, apoiadas na credibilidade e aceitação social das ações realizadas desenvolvidas” (SILVA,2008, p.2).

Um dos primeiros fundamentos, essenciais da organização para se legitimar o poder é a incessante e fortalecida ligação entre os procedimentos de exibicionismo e divulgação do poder, na maior parte delas, populistas, e os meios suntuosos obrigadas às formalidades, as comemorações e aquilo que é solene com a determinação de normas protocolares. Os costumes idealizados representam em um complexo de ações de comemorações codificadas, nas quais se dirigem a produzir valores e condutas de comportamento, com a perspectiva de constituir uma ligação de continuidade com um passado histórico adequado. É a situação das tradições oficiais que demonstram a possibilidade de manifestar a identidade e a união social de um período. Podemos denominá-las tradições inventadas, porque fazem uso, dentro do viável, da história como ferramenta validadora das atividades e como elemento aglutinante da comunidade.

Os autores Malhano e Malhano afirmam que “[...] a história passa a ser participante constituinte dos conceitos do Estado ou da nação, não necessariamente por aquilo que é mantido na memória do povo, mas por aquilo que foi escolhido [...]”:

“A celebração cívica representa um campo bastante complexo de inúmeras legitimações. De um lado implícito e o do outro anunciador. A hierarquia é equivalente a troca de fatos entre sujeitos, ou seja, entre oficiantes, colaboradores e espectadores, organizada pelo administrador da cerimônia que não é o chefe do espetáculo, mas sim a personalidade mais importante da homenagem ou tema de chamamento” (Malhano e Malhano 2002,p.191/192).

Trata-se de um meio múltiplo e oneroso de regulamentar elementos e ligações, a determinação de "líderes", uma nova condução política, ou a materialidade de um novo estado nacional, já definido por divisas absolutas bem estabelecidas. Organizações e regimentos, festividades e idealizações todas essas coisas culturais<sup>8</sup> estabelecem formas de responder as carências essenciais e primárias que apontam uma transformação

---

<sup>8</sup> MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica da cultura. Rio de Janeiro: Zahar,1970 apud Malhano e Malhano,2002

humana e dirigem e coagem o corpo social, o povo, na condução de uma criação da cultura, provavelmente um lugar de memória (MALHANO e MALHANO, 2002).

Como descrito por Malhano e Malhano (2002), a formação de uma nação moderna, não pode de forma alguma ser separada da etapa de concepção do próprio Estado. A nação surge como um princípio coletivo de unicidade. Pegar o controle do entendimento do acontecimento da nacionalidade aparenta ser a escolha mais assertiva. Os planos de nação evocam, em geral, o vestígio de um passado imemorial; Nos encaminha para o assunto da memória comum, coletiva.

Esse entendimento revela uma memória em constante desenvolvimento, sujeita ao diálogo da lembrança e do esquecimento. O ritual cívico dispensa o plano do aspecto social no caminho e no entendimento inventa sua mais profunda realidade. É o mecanismo que possibilita investigar com mais profundidade nesse local ideal entre o incentivo material que persegue e pressiona e uma resposta humana que distingue e liberta. A resposta social da coletividade, aparece revelando especificidades, singularidades, como cultura, princípios, ideologia. Resposta exclusiva que distancia, particulariza algum componente conhecido na infraestrutura natural. Esse mecanismo é adaptado e convertido pela sociedade em coisa social. Aparece como difusor para constituir a ideologia, convertendo-se finalmente nela mesma (MALHANO e MALHANO, 2002).

A nação brasileira, no período Vargas, se apoiava em uma abordagem acrítica do conceito de nação, que foi definida pelo professor brasileiro Paulo Bonevides como “alma, consciência, sentimento, cidadania e apotegma de valores [...]”. Nação é quando o povo está unindo com a finalidade de justiça, liberdade e irmandade. É um direito e dignidade civil na direção de princípios, no patrimônio temporal onde está situada a grandeza das tradições. Na memória coletiva de identidade na imensidão de pensamentos que se eternizam no povo.

Bonevides complementa com um discurso ideológico que foi a marca do Estado Novo:

“Nação é o culto do solo, o gênio da língua, a inspiração da poesia, a música do patriotismo, a fé da religião, a força da ideologia, a vocação da liberdade e do direito; todos esses valores que as gerações memorizam e consagram, movidas da esperança, e do propósito e do pensamento de fazê-los eternos e indestrutíveis como as forças supremas da natureza, sobre as quais não tem o homem da jurisdição

para cominar-lhes a pena capital e extingui-las”. (BONAVIDES, 2008, p.1).

Bonavides certamente desconhecia a definição do cientista político tcheco, professor no Massachusetts Institute of Technology (MIT), para quem “nação é um grupo unido por um erro comum sobre sua origem e por uma hostilidade coletiva com os seus vizinhos”, o que em certa medida é confirmado por Malhano e Malhano, para quem a cultura ou valores formam uma obrigação entre uma ameaça externa e uma resposta característica que estabelece as singularidades.

Esta resposta possibilita elaborar as circunstâncias de um senso de identidade comum. A celebração cívica, como as realizadas em São Januário, desfigura a verdade a tal resposta que enclausurada nela própria, proporcionará a criação de um lugar na qual a projeção do coletivo vai produzir e direcionar algumas exigências e estímulos. Esse atributo propicia aproximar a celebração cívica com as organizações de mudança social, conflitos populares e outras ações que pretendem desprender o sujeito da soberania das regras e de outros homens, também opressivos (MALHANO e MALHANO, 2002).

Na opinião de Malhano e Malhano (2002), durante a festividade, o corpo social tem um olhar optativo dela própria. O evento cívico é tanto meio de permanência quanto de modificação. Garante a norma, quer seja para retratá-la e fazendo uma volta às origens, tanto para negá-la, quanto para elaborar uma nova ordem.

Renova os princípios de nação de acordo com a consonância circunstancial. Exemplos são as festividades nacionais que voltaram a ser valorizadas pelo presidente Getúlio Vargas por meio de feitos em seu mandato nas várias esferas sociais, ideológicas, educacionais e políticas. Para que essa metodologia simbólica possa validar-se, sua fala deve se mostrar em aspectos harmoniosos e históricos (MALHANO e MALHANO, 2002).

Os autores citados alegam que Vargas, por exemplo, buscava se apresentar como incentivador da educação, convocando para seu governo conceituados educadores desse período. A formação do Ministério dos Negócios da Saúde e Educação Pública representava o marco inicial para um quantidade de transformações na política de educação do Brasil e além disso, o estabelecimento da capacidade do Estado, especificamente na área educacional. Responsável por reformar educacionalmente, tanto o ensino normal quanto primário em Minas Gerais, Francisco Campos foi nomeado por Getúlio Vargas como o primeiro titular do Ministério da Educação recém-criado.

Campos, acreditava que a chamada “Revolução de 1930” seria propulsora de estabelecer uma sólida organização jurídico-político-econômico e de criar as bases de um Estado Moderno, fortificado, que busca de certa forma influenciar nos campos da economia, educação e também da política. Esse processo gerou automaticamente um processo de melhora no ensino secundário, para posteriormente se ter um ensino de nível superior.

Por consequência, no dia em 18 de abril de 1931, o governo provisório, por meio do decreto nº 19.890, realizou uma ampla reforma na esfera educacional no ensino secundário ampliando para sete anos o tempo de estudo caracterizado em duas etapas, a saber: a primeira, duração de cinco anos, sendo o ensino fundamental e a outra teria um adicional de dois anos com a finalidade dos alunos poderem se familiarizarem com as futuras especializações profissionais. Ademais, o Decreto nº 19.941 também de 1931 (30/04/1931) permitia o ensino religioso nos colégios públicos (MALHANO e MALHANO, 2002).

No ano seguinte porém, um revés, Francisco Luís da Silva Campos não ocupa mais a pasta do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Mas continuou na esfera federal normalmente. Os profissionais da educação, que nesse mesmo ano corroboraram com o manifesto Escola Nova, eram partícipes de um período de visionários, ou seja, uma gama de pessoas com ideais para melhora na educação do Brasil (MALHANO e MALHANO, 2002).

No ano de 1934, foi escolhido como o novo ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema. Ficou nessa função que ocuparia até o fim do Estado Novo. No ano posterior, Capanema foi o responsável pelo Primeiro Congresso Nacional de Educação, no Rio de Janeiro. Vale destacar que o encerramento dessa festividade foi no estádio vascaíno de São Januário e que teve uma massa de 40.000 espectadores, entre eles convidados ilustres como o presidente Getúlio Vargas, como também alunos, professores e outras importantes autoridades. Sem contar é claro, as equipes do Ministério da Educação e Saúde e do Vasco da Gama (MALHANO e MALHANO, 2002).

Capanema durante todo esse período atuou de maneira bastante significativa. Desde que ele foi escolhido para essa função na Educação e Saúde Pública durante o Estado Novo, Capanema em todo esse tempo efetuou uma recomposição administrativa do Ministério e de pronto planejou a execução das Leis Orgânicas do Ensino. Tudo isso começou no fim de 1935 com a reforma do Ministério, levando para o Poder

Legislativo, delineamento que buscou adaptar-se aos modelos da Constituição de 1934. Aliás, nesse aspecto, foram realizadas as atividades Radiodifusão Educativa e o Instituto Nacional de Cinema Educativo foram, de forma oficial, adicionados nesse área do Ministério da Educação e Saúde Pública.

Os autores (2002,p.199) enfatizam que enquanto o mundo se preparava para a Segunda Guerra Mundial, o Brasil vivia o Estado Novo (1937-1945), enquadrado pela autoritária Carta Constitucional conhecida como “Polaca”, redigida por Francisco Campos apelidado de “Chico Ciência” e outorgada por Getúlio Vargas.

No entanto, surgiram algumas brechas renovadoras nessa área da educação. A Lei nº 580 estabeleceu o INEP, sendo chamado para dirigi-lo um renomado educador, Lourenço Filho, que com o seu projeto intitulado, Introdução ao Estudo da Escola Nova acabou incentivando a remodelação da escola profissional e primária. E com isso, implementou a utilização de exames para a seleção de turmas exclusivas e auxiliando o cinema educativo, os programas educativos, as agremiações escolares e a remodelação da educação de maneira exponencial. Capanema criou a Comissão Nacional de Ensino Primário, justamente com a finalidade de tentar padronizar a educação em todo o Brasil (MALHANO e MALHANO,2002).

Atividades de Ginástica Rítmica e Educação Física assim como os cantos orfeônicos e a música foram inseridas no currículo das escolas como uma das medidas das reformas educacionais, o que acabou ocasionando não somente a prática dos Jogos Escolares da Primavera como também as concentrações escolares no estádio de São Januário que eram notáveis, em conformidade do Congresso Anual da Semana da Educação, que sempre incluía em sua programação as magníficas festividades do Maestro Villa- Lobos. (MALHANO e MALHANO, 2002).



Figura 11: São Januário, 1935- Congresso de Educação.

Fonte: Memória do Torcedor vascaíno (2017)

O Ministério da Educação, assessorado por Lourenço Filho, organizou concursos de iniciação ao professorado para os que tinham acabado de se formar e abriu também os concursos de retirada de profissionais da educação de uma locação a outra, tanto nas esferas regionais, municipais ou intermunicipais. Esses concursos eram realizados habitualmente no estádio do Vasco da Gama, o que evidencia a estreita relação do campo de futebol com o campo da educação (MALHANO e MALHANO, 2002).

Para Fernandes (2011), no ano de 1939, com a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) a ordenação e a divulgação dos programas solenes do Primeiro de Maio obtiveram destaque. A grande maioria dessas festividades foram realizadas no estádio de São Januário, com ressalvas, os anos de 1943 que foi feita no Palácio da Esplanada e no ano posterior no Pacaembu, em São Paulo.

Além do mais, com exceção de pequenas alterações, essas festividades cívicas possuíam uma mesma formalidade basicamente, a saber: os comportamentos simbólicos

eram protocolares; os mecanismos de poder e legitimação eram reforçados sistematicamente; possuía uma linguagem particular; as formas de debater eram padronizadas, as falas representavam o entendimento de um corpo social coletivo; a posição de destaque do líder auxiliava a sacralização que era praticada. Além de toda a ornamentação dessas festividades mostrava a robustez e poder que o regime detinha nesse período.

A comemoração do Dia do trabalho em 1940 ocorreu no estádio do Vasco da Gama, com o ingresso franco e gratuito a todos que desejassem assistir às festividades. Na semana anterior ao evento, o programa da festa foi amplamente divulgado pela imprensa, criando-se um clima de expectativas em torno do dia. O programa cerimonial incluiu a entrega do diploma de honra que o ministro do trabalho conferiu ao industrial Dr. Paulo Seabra, por manter o refeitório e serviço de alimentação considerado modelo para seus empregados, assim como a entrega das medalhas comemorativas à União Geral do Sindicato de Empresários do Distrito Federal, representante da classe operária, e à Confederação Nacional da Indústria, representante da classe patronal. Encerrando a cerimônia, teve início o tão aguardado discurso do presidente da República, e a assinatura do decreto-lei estabelecendo o salário mínimo em todo o país. Na comemoração de 1941 foi declarada instalada a Justiça do Trabalho. Com isso, foi assinalado o início de uma nova etapa no grande trabalho de recuperação humana empreendida pelo chefe do governo. [...] Fernandes (2011, p.18/19).

Um dos pilares da festa cívica de 1941 foi o sujeitamento dos indivíduos por meio do domínio mental e corporal. Para que isso ocorresse, foram realizadas apresentações de educação física pelos funcionários fabris do exército aquartelado em Itajubá; em seguida, a performance da Escola de Educação Física do 3º Regimento de Infantaria antecedeu a ginástica interpretada pelo operariado feminino e com uma exaltação à bandeira ao final da apresentação, pelo grupo de dançarinos do Teatro Municipal. A autora Claudia Schemes apresentou a possibilidade de um controle político por meio de estímulos ao desenvolvimento de atividades morais e físicas do indivíduo (FERNANDES, 2011).

“As festas esportivas [...] mostravam a preocupação do regime em controlar o corpo e a mente dos cidadãos, entendendo que o aperfeiçoamento das qualidades físicas e morais dos cidadãos transformaria a sociedade”. (SCHEMES, 2004: 118 apud, FERNANDES, 2011, p.19).

No ano de 1942, o aspecto-cívico-militar notabilizou a cerimônia do Primeiro de Maio. A festividade teve a presença de muitos trabalhadores como os funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional que tinha acabado de ser fundada, os da Imprensa Nacional e também dos operários da fábrica de Bangu. O aspecto militar da data foi intensificado, em especial, devido a inserção do Brasil na Segunda Guerra. Por esse motivo, essa solenidade teve demonstrações das Forças Armadas, especialmente do Exército e também do Corpo de Bombeiros, além de incursões das esquadras da Força Aérea Brasileira. Outro aspecto de grande destaque desse evento foi a parada dos funcionários militares, principalmente os que compunham a equipe do Tiro de Guerra e Escolas de Instrução Militar. Ocorreu também, uma exaltação à Bandeira Nacional por participantes da Aeronáutica, Armada e Exército (FERNANDES, 2011).

Fernandes (2018,p.20) enfatiza que “procurou-se reforçar durante todo o programa cerimonial as ideias de disciplina, hierarquia, ordem, pátria em guerra, e soldados da pátria.”

A autora manifesta sua concordância com Ângela de Castro Gomes que destaca as imagens dos pelotões de trabalhadores e do soldado incorporados na defesa da nação e que foram exaustivamente utilizadas nessa data pelo presidente Vargas para legitimar o discurso na luta contra os adversários (FERNANDES, 2011).

Fernandes (2011) registra que no ano seguinte a Esplanada dos Ministérios é que foi o palco das festas. E foi classificada de festa “cívico-trabalhista”. Foi noticiado nas publicações que o dia do trabalhador teria a mesma pompa dos tempos de paz.

Nesse mesmo ano, o jornal Folha da Manhã (apud, FERNANDES, 2011,p.21), ao noticiar a solenidade, comparou a festa do Primeiro de Maio com um diálogo entre o governo Vargas e os trabalhadores do Brasil:

“As reivindicações trabalhistas custaram, em todos os países, muito sangue e muitas lágrimas [...] foi certamente inspirado por um sentimento de reconhecimento que os trabalhadores brasileiros se acostumaram a essa amistosa conversação anual com o chefe do Governo, da qual, em meio à espontânea e carinhosa aclamação, recebe a palavra de ordem, a orientação segura, um encorajamento amigo, a diretriz certa.”<sup>9</sup> (FOLHA DA MANHÃ, 1943, p.3 apud FERNANDES, 2011, p.21).

---

<sup>9</sup> Idem, ibidem.

Fernandes (2011) conclui, dizendo que em 1944, a mídia noticiou o evento do Primeiro de Maio com uma grande solenidade patriótica, foi inclusive chamada pelos jornais de "Dia do Trabalhador". Essa festividade aconteceu pela primeira vez fora do estado do Rio de Janeiro, no estádio do Pacaembu em São Paulo. Nesse dia, teve não somente a exaltação ao presidente Vargas, como também se mencionou a nação brasileira.

No ano de 1945, no estádio vascaíno de São Januário, a cerimônia foi realizada sob a configuração "cívico-artístico-desportivo". Todas as falas estavam direcionadas ao fim do governo do presidente Vargas. Nele o então presidente discursa sobre os quinze anos de seu mandato:

“E essa é a nossa obra, trabalhadores, e são os nossos títulos de confiança pública; essa é a situação excepcional que criamos para a nossa pátria e que ninguém pode ter a ousadia, o desplante de menosprezar e denegrir, mas essa obra é também do Estado Nacional. Refletindo com serenidade, sobre esse período tão malsinado de vigência da Constituição de 10 de Novembro”.<sup>10</sup> (para o discurso de Vargas e os demais discursos proferidos na festividade de 1945, p.5.) (FERNANDES, 2011).

De acordo com Malhano e Malhano (2002, p.237) esse estádio continuaria na memória dos indivíduos que tiveram sua mocidade na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente nas décadas de 10 a 30.

---

<sup>10</sup> Discurso de Vargas e demais discursos proferidos na festa cívica de 1945, p.5.



Figura 12: Placa homenageando Vargas em São Januário: Crédito Rodrigo Martins (2017)

Muitas conexões relevantes da história foram elaboradas no período varguista, como a criação dos cursos militares, que mais a frente terminaram por se transfigurar nos pelotões dos Tiros de Guerra, validando uma formação para adolescentes brasileiros, além do serviço militar obrigatório e o Dia do Soldado. Outras ideologias de cunho nacionalista, festividades do Dia da Raça Brasileira, a atuação da Comissão Rondon e o Dia do Índio, celebrando o que consideravam as origens da nação brasileira, ultrapassaram o estádio de São Januário, para as ruas de todo o Brasil (MALHANO e MALHANO, 2002).

Acredita-se que a abordagem a respeito do estádio de São Januário por meio da ligação entre memória e conservação ocorre na medida que não apenas os monumentos do passado são lugares de memória, assim como documentação da instituição, e os locais onde clube esteve sediado. A influência desses atributos fortifica etapas fundamentais da manutenção e tombamento nos órgãos específicos. A grandiosidade e a presença do estádio de São Januário já possibilitam, por ele mesmo, uma sequência dessa ligação estabelecida pelos fundamentos exigidos para o tombamento do conjunto e entorno urbanístico (MALHANO e MALHANO, 2002).

É preciso esclarecer uma coisa sobre o tombamento da fachada de São Januário (Figura 8). “Ela não está na lista de bens preservados e protegidos do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e também ao INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural), mas sim na da cidade do Rio de Janeiro. Sendo assim, o patrimônio cruzmaltino tem a proteção apenas da prefeitura” (Site Lance -2018).



Figura 13: Entrada principal do Estádio de São Januário em dia de jogo.

Crédito: Rodrigo Martins (2017)

Vale salientar que algumas manifestações culturais e sociopolíticas ao longo da existência do Club de Regatas Vasco da Gama produziram sistemas de identidade de âmbito coletivos, dessa instituição sociodesportiva. Essas ações estimularam repressões e bloqueios dos poderes dominantes de administração do futebol carioca. Deveriam e de fato se transformaram numa potência socializadora nessa esfera pública, assim que localizaram circunstâncias oportunas (MALHANO e MALHANO, 2002).

As demandas e os conflitos durante os primeiros anos de vida pública do clube, compartilharam juntos, por muito tempo as ações e manifestações políticas dos seus sócios. Carregaram em sua companhia, outros espaços interpretativos que apresentam as tradições restabelecidas nas circunstâncias conflitivas, o que nada possui de harmônico. Justamente o oposto, estabeleceram-se num infindável cenário de adversidades, bem como a definição da cultura sociopolítica de São Januário como lembrança em seu mecanismo infindável de transformar a instituição e amplificar o sentido da cultura do

corpo social da cidade do Rio de Janeiro e nacional. (MALHANO e MALHANO,2002, p.245/246)

Sendo assim, compreender a cidadania como uma organização que, num momento apropriado, parece ter prosperado no período do Estado Novo, requer algumas reflexões sobre o aspecto de igualdade, de um lado e de identidade do outro, bem como da relevância do Club de Regatas Vasco da Gama, nos instantes de cessão do estádio de São Januário para a manifestação desse procedimento.

O mecanismo de identificação é um vínculo de poder. Por um lado percebe a condição de vivência do identificado, e do outro, a atividade do identificador. A identificação efetiva a atuação dinâmica dos parceiros dessemelhantes. A cidadania fornece a intermediação dos vínculos entre os seres identificados como cidadãos, aqueles que se colocam na ordem dos direitos e deveres, portanto mantidos junto ao Estado. Destinando a si o poder de determinar quem deve ou não ser cidadão, o Estado centraliza os embates que o direito à cidadania provoca. Estado e cidadania são interdependentes na polaridade do poder. O estádio de São Januário colaborou para consolidar o vínculo jurídico dessa igualdade civil ao Estado Novo. O Estado Novo era capaz de determinar e dar publicidade dentro do estádio do Club de Regatas Vasco da Gama aos condicionantes do ato de cidadania, logo aqueles indivíduos formaram uma concepção do Estado Novo, que ia os delineando às suas preferências. (MALHANO e MALHANO,2002, p.246)

Característica dupla tem essa cidadania na identificação dos indivíduos. Por um lado, cada cidadão é singular e inigualável, por outro cada indivíduo se transformava em cidadão em supostamente semelhante a todos os outros assim vistos diante do Estado Novo, de acordo com as suas normas ou princípios civis:

“Concluimos que o discurso sobre a cidadania tinha por fim controlar a identidade social dos indivíduos ainda não constituídos como massa para o Estado Novo, e acreditava-se que o Clube de Regatas Vasco da Gama tinha, na época, capacidade para trazê-los [...]” (MALHANO e MALHANO,2002, p.242)

Se a sociedade de classes foi um importante fator histórico-social, o Estádio de São Januário também favoreceu o testemunho público da consolidação das Leis Trabalhistas e a instauração do salário mínimo para aqueles que trabalhavam no período do Estado Novo, o que permitiu uma maior definição das classes sociais com instâncias econômicas bem divergentes. No âmbito das relações sociais em conflito o ato de cidadania está inserido num campo simbólico. Simboliza tanto a realidade quanto

interpretações socialmente concebidas como intermédio entre o povo e o Estado. Parece que esse foi a função essencial realizada pelo Club de Regatas Vasco da Gama: o de mediador entre o Estado e o Povo. (MALHANO e MALHANO, 2002)

É importante salientar que devido a essa importância na esfera política, cívica e social e os títulos ganhos nas mais diversas modalidades, o clube diferentemente de seus rivais cariocas acabou batizando o bairro onde fica localizado com o nome: Vasco da Gama.

O prefeito nesse período Luiz Paulo Conde é que foi o responsável por sancionar o projeto de lei, para que o bairro Vasco da Gama saísse do papel. A ideia foi do vereador e também torcedor vascaíno Aureo Ameno, a iniciativa foi corroborada para se comemorar os cem anos do clube. (JORNAL DO BRASIL, 1998, edição 00155(1)).

### **2.3 A construção de um clube e o futebol no Brasil**

No início dos anos 20, com a ascensão do “soccer” no Brasil, um grupo de jovens remadores resolveram, através do estatuto, inserir o futebol no clube, pois no fim do século XIX o desenvolvimento do âmbito esportivo já se encontrava bem disseminada no nosso país e em especial no Rio de Janeiro, que na época era a capital federal do Brasil. (VENANCIO, 2014, p.12)

Vale lembrar que, segundo versão reproduzida por Silva (2012, p.104), o esporte foi trazido para terras brasileiras pelo jovem inglês Charles Muller e chegou ao nosso estado por meio de um filho de inglês chamado Oscar Cox. Nesse período, o <sup>\*11</sup>soccer ainda era executado de maneira informal, sem que existisse a criação de clubes na cidade para a sua realização. O profissionalismo que hoje impera na modalidade era algo distante e só existiria posteriormente.

Conforme Venâncio (2014, p.14), o Club de Regatas Vasco da Gama foi fundado no ano de 1898, mais precisamente no dia 21 de Agosto, por 62 homens, em grande maioria portugueses e luso-descendentes, que vinham para o Brasil em um número cada vez maior nesse período. O autor afirma que a ideia de criar o Vasco, surgiu de quatro jovens que almejavam organizar um clube de remo para poder disputar

---

<sup>11</sup> Soccer era nomenclatura em inglês para designar o esporte no início de sua realização no Brasil.

as competições da cidade, a saber: José Alexandre de Avelar Rodrigues, Manuel Teixeira de Souza Júnior, Henrique Ferreira Monteiro e Luís Antônio Rodrigues que trabalhavam no centro da cidade carioca e nos fins de semana tinham que ir até Niterói para praticar o <sup>12</sup>remo e por isso necessitavam de um local mais perto e após essa medida, esses jovens decidiram pedir auxílio aos colegas da colônia portuguesa do Rio de Janeiro para fundar o clube. Reproduzimos aqui a íntegra da ata da fundação do Club de Regatas Vasco da Gama que está nos seus arquivos:

"Aos 21 dias do mês de Agosto de 1898 às 2:30 horas da tarde reunidos na sala do prédio da Rua da Saúde nº 293 os srs. constantes no livro de presença, assumiu a presidência o Sr. Gaspar de Castro e depois de convidar para ocuparem as cadeiras de secretários os srs. Virgílio Carvalho do Amaral como 1º e Henrique Ferreira Alegria como 2º, declarou que a presente reunião tinha o fim de fundar-se nesta Capital da República dos Estado Unidos do Brasil uma associação com o título de Club de Regatas Vasco da Gama e sendo a necessidade em primeiro lugar eleger-se uma Diretoria convidou os Srs. presentes a se munirem de cédulas que contenham os nomes de cavalheiros que preencham os seguintes cargos: Presidente, Vice-Presidente, 1º e 2º Secretários, 1º e 2º Secretários, 1º e 2º Tesoureiros, Diretor de Regatas e um Conselho composto de cinco membros e suspendeu a sessão por 15 minutos para o fim declarado (...) Para Presidente; Francisco Gonçalves do Couto Junior, por 52 votos. Para Vice-Presidente; Henrique M. Ferreira Monteiro por 41 votos. Para 1º subsecretário; Luiz Antônio Rodrigues, por 52 votos. Para 2º subsecretário; João Belieni Salgado, por 52 votos. Para 1º Tesoureiro; Antônio Martins Ribeiro por 44 votos. Para 2º Tesoureiro; Dr. Henrique Lagden, por 44 votos. Para Diretor de Regatas, João C. de Freitas por 29 votos. Para Conselheiros: José de Souza Rosas, por 62 votos, Alberto Pinto C. de Almeida, por 61 votos, Manoel Teixeira de Souza Junior, por 53 votos, José Alexandre D'Avellar, por 61 votos, Luiz F.de Carvalho por 55 votos. Obtiveram mais votos os mais seguintes senhores: Joaquim Silveira 3 votos para Vice-Presidente, Dr. Henrique Lagden 8 votos para 1º Tesoureiro, Antônio Martins Ribeiro 7 votos para 2º Tesoureiro, Henrique Ferreira Alegria 1 voto para 2º Tesoureiro José Lopes de Freitas 25 votos para Diretor de Regatas, Henrique Monteiro 6 votos para Diretor de Regatas, José Lopes de Freitas 7 votos para Conselheiro, João C. de Freitas 7 votos para Conselheiro e Henrique Ferreira Alegria 1 voto para Conselheiro. Findado o ato eleitoral e como contra ele não houvesse reclamações o sr. Presidente proclamou eleitos os srs. acima declarados, como porém alguns deles achavam-se ausentes e por esse motivo não podia ser empossada a Diretoria e o sr. Presidente entendeu e todos os Diretores, realizando-se nessa ocasião então uma Assembleia Geral para posse da Diretoria e mais interesses sociais. Nada havendo a tratar-se o sr. Presidente declarou instalado o Club de Regatas Vasco da Gama e pediu aos srs.

---

<sup>12</sup> O remo era a modalidade esportiva mais importante desse período e era sempre assistido por parte do povo que prestigiava as regatas aos domingos.

presentes todo o auxílio possível para a prosperidade do Clube, dando por terminada a sessão às 3 horas e 15 minutos da tarde, sala da 1ª reunião do Club de Regatas Vasco da Gama em 21 de Agosto. Assinaturas de Gaspar de Castro, Virgílio Carvalho do Amaral e Henrique Alegria. (VENANCIO, 2014.p.15).

Até hoje ainda não se tem uma informação exata do ambiente na qual o Club de Regatas Vasco da Gama foi concebido, mas de uma informação não se tem dúvida, no primeiro estatuto do clube, ficou definido que o Vasco não poderá alterar seu nome e muito menos as suas cores. Em conversa com diretores e velhos torcedores ouvimos diferentes versões orais que contam a trajetória do clube. São narrativas enriquecidas com detalhes dentro dos objetivos clássicos das narrativas orais, conforme descritos pelas professoras da Universidade de Buenos Aires, Maria Eugenia Contursi e Fabíola Ferro, em seu livro “La narración. Usos y teorías”:

“ Para impactar o surpreender, ironizar, mostrar lo incomprendible, imprevisto y paradójal de la naturaleza humana. Para explicar el origen y los hábitos de los hombres y las características de las cosas. Para transmitir enseñanzas sobre este o el “outro” mundo. Para jugar y entretenerse. Para explorar con la imaginación los “mundos posibles”, los misterios del universo o los fantasmas del inconsciente. Para observar la realidad circundante. Para alabar, para criticar, para burlarse de lo demais. Y también para explorarse a si mismo. Otras veces es para mostrar estados y acciones elementales, emotivos o éticos, ejemplificadores de la maldad o la bondad, la solidaridad o el egoísmo, el heroísmo o la cobardía, la mentira o el engaño, la franqueza y la verdad, la astucia. Y también de situaciones arquetípicas (símbolos recurrentes, estructuras rituales o míticas):pasajes, aprendizajes, pruebas, conquistas.” (CONTURSI & FERRO, 2000, p.99)

E é justamente pelas narrativas pesquisadas que percebemos que, após a sua criação com o seu primeiro mandatário o português Francisco Gonçalves do Couto Junior, e seus quatro irmãos que posteriormente se associaram ao clube, o Vasco se filiou dois meses depois de sua fundação a União Fluminense de Regatas, realizando com isso o seu primeiro páreo, em 1898, mais precisamente no dia 13 de novembro.

No ano seguinte, em 4 de Junho, com o barco volúvel que possuía seis remos, o clube angariou sua primeira vitória durante a competição de Classes Novos intitulado Vasco da Gama, prestando uma homenagem à equipe composta pelos seguintes atletas: José Cunha, Joaquim Campos, José Pereira, Carlos Rodrigues, Antônio Frazão e Carlos Rodrigues. (Carver 2018).

No entanto, vários conflitos internos entre seus dirigentes e sócios, geraram a perda de materiais esportivos e embarcações, ocasionando quase a bancarrota do clube. Novas eleições foram realizadas e João Candido assumiu o cargo de forma provisória, até Antônio Mariano Rosas ganhar o pleito definitivo em 20 de Agosto de 1899, e cumpri-lo até o final do seu cargo. Em 1900, em novo período eleitoral, o empresário português Leandro Augusto Martins, que havia saído de terras portuguesas para inaugurar um estabelecimento comercial de móveis, chamado Leandro Martins, no centro da cidade carioca, onde fez riqueza e se tornou referência no período e até hoje devido à qualidade dos seus produtos, segundo Venâncio (2014, p.88).

“Com isso, após sua vitória, o Vasco já havia angariado quase que de imediato pouco mais de sete dezenas de sócios. E como grande empresário que era, Leandro Martins com ordenados próprios, obtinha os equipamentos para a reparação das embarcações e ainda foi o grande nome que conduziu o projeto de luz a gás para a sede náutica do clube que ficou totalmente pronta em 1902, feito esse que lhe proporcionou o título de grande benemérito do Vasco. No entanto em 1901, ele já não era mais o presidente, pois Francisco do Couto Junior havia regressado ao clube e reconduzido ao cargo máximo do Vasco até o fim de sua vida em 5 de março de 1902” (VENÂNCIO, 2014, p.89)

Ainda no cenário do remo, o Vasco iniciou seu pioneirismo na luta contra as desigualdades sociais, até mesmo antes do período do futebol, na medida em que elegeu o primeiro presidente negro de um clube no país.

Conforme o Centro de Memória de São Januário (2018), Cândido José de Araújo (Figura 9) assumiu o posto de presidente no ano de <sup>13</sup>1904 e conquistou de forma invicta o bicampeonato de remo (1905 e 1906). Após um breve hiato de conquistas o clube ganhou os títulos de 1912, 1914 e 1919. Nesse momento, além das inúmeras vitórias do remo, o Vasco, já realizava outras <sup>14</sup>modalidades esportivas, além é claro, de ter iniciado com o futebol, que já obtinha certa fama.

---

<sup>13</sup> A Lei Áurea havia sido assinada pela Princesa Isabel em 1888, ou seja, um pouco mais de uma década e meia após sua eleição.

<sup>14</sup> No ano de 1911 o Vasco foi campeão carioca de tiro ao alvo e já começava mais incisivo na esfera do futebol

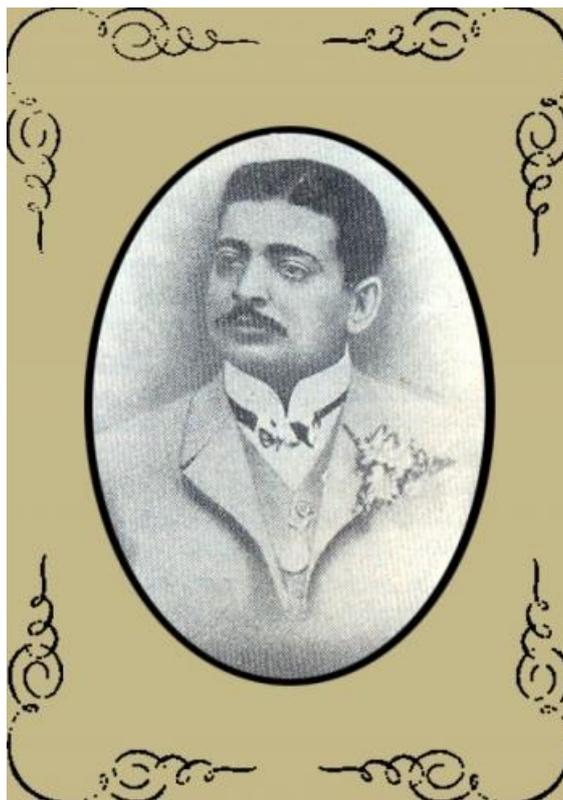


Figura 14: Candido José de Araújo.

Fonte: Site Oficial do Vasco da Gama (2017)

Quem incluiu o clube na Liga Metropolitana de *Sports Athleticos* foi o presidente do clube, na época Raul da Silva Campos, quando o Vasco firmou um convênio com o Luzitânia, após várias negociações em 1915. Ocorreram então novas brigas políticas internas que parecem pairar como um fantasma sobre o Vasco em toda a sua história até os dias atuais.

De qualquer forma, assim, o Vasco ficou habilitado a jogar na terceira divisão do campeonato estadual. A performance do time nesse primeiro campeonato foi decepcionante, acumulando um saldo negativo de 8 derrotas e apenas duas vitórias, com dez gols a favor e trinta e sete sofridos. Porém, no ano posterior a situação foi mais favorável e o time acabou subindo para a segunda divisão da competição. (Venâncio 2014, p.36).

“Aproveitando a sua fama adquirida no remo, o Vasco usou desse artifício para conseguir novos adeptos e com isso, obter força também no futebol. No ano de 1920, após alternar temporadas de vitórias e derrotas o clube finalmente consegue faturar a sua primeira conquista no futebol, a saber: o Torneio Segundos Quadros. O feito foi tão festejado pela diretoria, que medalhas de ouro foram encomendadas para serem entregues aos atletas devido a essa façanha. Nesse

momento o futebol vascaíno já se tornara um adversário temido para as equipes da zona sul do Rio de Janeiro. Logo, nesse poucos anos após a abertura do departamento de futebol, o clube já buscava elevar o seu patamar na modalidade, por isso, mapeou o mercado e negociou com alguns atletas tarimbados que haviam participado da Liga Metropolitana, para que o Vasco pudesse ir mais fortalecido para a disputa do carioca da primeira divisão”. (VENANCIO, 2014 p.40)

Segundo o autor (2014, p. 42), um detalhe importante nessa equipe era o seu treinador Ramón Platero que tinha a fama de ser o melhor do Rio de Janeiro por já ter conquistado dois títulos pela dupla <sup>15</sup>Fla-Flu. Platero treinava de forma surpreendente para época, com exercícios priorizando o lado físico e dividindo o mesmo em duas etapas. Com isso, trabalhava para que os atletas percorressem em média uns seis quilômetros e essa medida auxiliava e muito o Vasco nos jogos, pois o time sempre tinha fôlego para atuar com grande desenvoltura nos dois tempos e por essa razão o resultado não poderia ter sido outro, uma campanha invejável, a saber: nas doze partidas disputadas, o clube venceu dez jogos, empatou um e perdeu apenas uma partida e com esses resultados o time composto por Nelson, Mingote, Pachoal e cia., conquistou o campeonato carioca da segunda divisão.

“Após o título, o Vasco pôde no ano seguinte disputar a elite do campeonato estadual. E com o amadorismo cada vez menos empregado, muitos clubes pagavam seus atletas na surdina, como forma de incentivo. O Vasco diferentemente dos outros clubes grandes, não possuía nenhum atleta na seleção nacional. Seu elenco era composto por jogadores de origem modesta, que almejavam uma chance de vencerem na vida por meio do campo esportivo. A base era formada por três jogadores negros e outros sete brancos, a maioria analfabetos, vindos de clubes menores. Mas também havia exceções, como o zagueiro Mingote, o meia Arthur e o atacante Adão”.(VENANCIO, 2014 p.43).

Segundo o autor, os dirigentes vascaínos mapeavam a Liga Suburbana para garimparem valores de clubes mais modestos e com isso, formar boas equipes.

De acordo com Mário Filho *apud* Menezes (2018), os outros clubes tradicionais, sabiam dos desportistas habilidosos, mas nenhum clube se atreveria a contratar devidos aos preconceitos raciais da época. O Club de Regatas Vasco da Gama, não aderiu ao sistema de seleção de atletas, mas sim suas qualidades futebolísticas, e por esse motivo, o clube deixou de ser um mero coadjuvante, para mostrar como mais um grande clube da cidade. Destarte em 1923 o Vasco conquista o campeonato carioca daquele

---

<sup>15</sup> Platero foi campeão carioca em 1919 pelo Fluminense e 1921 pelo Flamengo

ano. Além do trabalho de garimpagem feito em ligas inferiores como mencionado anteriormente, os mercadores lusos foram peças fundamentais para o título do time. Não só corroboravam com montantes de dinheiro, como também os portugueses inscreviam os atletas como seus empregados em suas empresas, mas não exigiam que eles fossem trabalhar lá. Como os lusos eram apostadores contumazes, os mesmos obtinham ganhos econômicos com os triunfos vascaínos e repartiam os lucros com os seus funcionários, isso conseqüentemente acabou gerando um aumento significativo no número de adeptos vascaínos.

Outro aspecto de grande valia que corroborou com o título vascaíno - segundo Malhano e Malhano (2002) - foi a condição extra-campo oferecida para os atletas, que lhes garantia quartos para se prepararem para as partidas e uma nutritiva alimentação que era ofertada pelo restaurante Filhos do Céu, de qualidade para os parâmetros daquele tempo, além de um ordenado em dinheiro para os atletas todo mês, também foram aditivos para essa conquista. A contratação de jogadores negros que foram contemplados com tais regalias, num país e numa cidade marcados pelo racismo, merece uma abordagem em capítulo à parte.

### **CAPÍTULO 3. O NEGRO, O RACISMO E O FUTEBOL**

Nesse capítulo será abordada mais detalhadamente a questão do negro no futebol e como as equipes do Bangu e principalmente do Club de Regatas Vasco da Gama foram precursores na ruptura de preconceitos vigentes na época do surgimento dos primeiros clubes na cidade do Rio de Janeiro. Discutiremos como o futebol, antes uma modalidade praticada somente por famílias com uma condição socioeconômica favorável, se transformou num esporte para todos os cidadãos de um modo geral e como os negros através de Leônidas da Silva, Didi, Barbosa entre outros auxiliaram no sucesso da modalidade no país e também adquiriram uma respeitabilidade internacional.

A discriminação racial no futebol ainda é um tema de muita polêmica nos dias de hoje. A primeira questão racial documentada no futebol brasileiro, ocorreu no Fluminense. Clube da elite carioca, localizado na zona sul da cidade, seus dirigentes só permitiam jogadores do mesmo escalão. Por este motivo, um jogador do clube na época, Carlos Alberto, resolveu colocar pó-de-arroz no rosto, disfarçando assim a pele negra. O resultado acabou dando origem ao apelido que o Fluminense carrega até hoje, conforme registrado por Welle:

“O futebol em seu início no Brasil era da elite e rigorosamente amador. Criado por membros da alta sociedade carioca, o Fluminense foi o primeiro clube a mostrar preconceito racial, no começo do século passado. Tanto é, que um jogador, contratado junto ao América pelo Tricolor, um mulato chamado Carlos Alberto, antes de entrar em campo, cobria o rosto com pó-de-arroz para tentar disfarçar sua cor e não ficar constrangido pelos adversários e pelos próprios freqüentadores abastados do Flu. O problema é que o suor eliminava a artimanha do jogador, revelando sua cor”.(WELLE, 2016)



Figura 15 – Carlos Alberto jogador do Fluminense. Fonte- Site SCAV Esportes-(2018)

Gordon, (1995:75 apud Helal, 2001, p.56) afirma explicitamente que a ascensão dos negros no futebol se deu no interior de um idioma racista: as qualidades do futebol brasileiro foram essencializadas como se derivassem de “predisposições raciais”, tais como malícia, ginga musicalidade, irracionalismo, (intuição),etc.

Apesar de inúmeros casos no esporte, pouco se fez para coibir episódios ocorridos como o de Barbosa do Vasco ou mesmo o atleta Carlos Alberto do Fluminense do clássico “pó de arroz” citado no livro “O Negro no Futebol Brasileiro (2014).

“Por conta do aumento de negros no elenco, o Fluminense começou a receber críticas dos sócios. E isso fez com que o clube brigasse pela profissionalização do futebol no início da década de 1930. Assim, os jogadores, oficialmente empregados, entravam nas Laranjeiras pela porta de funcionários e não mantinham contato com os sócios predominantemente brancos. O profissionalismo fez com que a questão da pele ficasse em segundo plano na hora de contratar jogadores”. (BARBOSA, 2016)

Pode-se dizer que desde sempre o futebol sofre com casos de discriminação racial, só que antigamente a propagação dos fatos por meio da mídia eram mais raros. Nos tempos atuais, com o avanço da tecnologia, os casos são divulgados rapidamente,

alcançando um público maior. Isso acaba levantando uma outra questão: será que o racismo aumentou de uns tempos pra cá, ou a tecnologia é que auxilia os casos a se tornarem públicos rapidamente, dando um maior dinamismo na notícia?

Conforme Barbosa (2018), Francisco Carregal, operário de uma fábrica de tecidos, foi o primeiro negro a entrar em campo numa partida de futebol no Brasil. A partida foi contra o Fluminense, time de aristocratas.

Segundo estudiosos, o início do profissionalismo no futebol brasileiro foi o grande responsável pela inclusão dos negros no esporte.

“Se em 2013 o futebol brasileiro celebrou os 80 anos do profissionalismo, a data também poderia ser lembrada como a da abertura das portas aos negros no esporte nacional. E, se ainda há bastante a evoluir em relação às relações profissionais, muitas vezes de fachada e não durando mais do que quatro meses, o mesmo pode se dizer em relação ao preconceito de cor. O racismo continua proporcionando episódios repugnantes dentro de campo. No entanto, é impossível não se reconhecer o protagonismo do negro nessas oito décadas de caminhada. E que ajudou a mudar a cabeça da sociedade brasileira”. (STEIN, 2013)

Os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo foram os primeiros a aceitarem os negros em seus times de futebol.

“É verdade que em 1933 os negros já se faziam presentes na elite do futebol brasileiro. Porém, em uma posição inferiorizada, com poucos exemplos de glorificação. Raros, mas crescentes a partir da década de 1920. Bangu e Ponte disputam entre si o título de “primeiro clube no país a aceitar negros”. Já o maior expoente dessa integração foi o Vasco. O título do Campeonato Carioca de 1923 é representativo por ter sido conquistado por um time de negros, operários e suburbanos. Um exemplo dentro de uma sociedade racista, que ajudou a transformar o contexto do futebol nos anos seguintes” (STEIN, 2013)

Podemos dizer que os “Camisas Negras”, como eram chamados na época, tornaram-se um marco pelo jeito como abordaram a questão do racismo dentro do esporte. Em apenas um ano, O Vasco conseguiu subir para a segunda divisão e logo depois conquistar o campeonato principal do Rio, incontestavelmente. E esse sucesso meteórico acabou refletindo nas arquibancadas, com milhares de novos torcedores indo aos jogos e posteriormente homenageando esse momento ímpar do clube com um hino da torcida:

Eu vou torcer,  
Aqui eu ergui meu templo para vencer  
Eu já lutei por negros e operários  
Te enfrentei, venci, fiz São Januário  
Camisas Negras que guardo na memória,  
Glórias, Lutas, vitórias esta é minha história  
Que honra ser  
Saiba eu sou vascaíno, muito prazer  
Jamais terás a Cruz, este é meu batismo  
Eu tive que lutar contra o teu racismo  
Veja como é grande meu sentimento  
E por aqui ergui este monumento  
Camisas Negras (Luta Contra o Racismo)  
Fonte - Site Letras de Músicas (2018)



Figura 16: Torcedores do Vasco protestando contra o racismo. Fonte-site IG(2018)

Segundo Barbosa (2018), o surgimento de negros e mulatos era cada vez maior em times como Vasco, Bangu, Bonsucesso, São Cristóvão – campeão em 1926. Mesmo assim, alguns clubes resistiam a essa adaptação. Os campeonatos ganhos por Flamengo, América e Bangu entre os anos 1920 e 1930 justificavam essa atitude.

“A adoção no profissionalismo no Brasil foi motivada por uma série de processos internos, mas só ganhou força pela influência crescente do futebol estrangeiro. A Itália passou a importar jogadores sul-americanos com origens italianas, os oriundi. Já a Espanha sequer pedia uma relação familiar. Foi assim que o Vasco perdeu Jaguaré e Fausto, ambos negros, para o Barcelona após conquistar o Carioca de 1929. A dupla só poderia atuar pelo Campeonato Espanhol caso se

naturalizasse. Ainda assim, a condição em que estavam era suficiente para disputar a Copa da Catalunha. Mais do que isso, para embolsar um bom dinheiro”. (STEIN, 2018)

Stein (2018) ainda nos diz que, a procura dos clubes europeus com maior poder aquisitivo foi mais sentida na Argentina e no Uruguai, onde muitos tinham sobrenomes italianos. Em 1931, os clubes argentinos acabaram se profissionalizando, incentivados pela perda em massa de jogadores. No ano seguinte foi a vez dos uruguayos. E, sem regras que delimitassem a participação de estrangeiros em seus torneios, os países vizinhos passaram a atrair os jogadores brasileiros, em especial os negros, os mais talentosos.

Para Stein (2016), a integração racial demorou a acontecer na seleção brasileira, com episódios até o fim da década de 1920 em que jogadores negros foram deixados de lado para dessa forma “projetar uma imagem composta pelo melhor da sociedade brasileira no exterior” – como declarou de forma infeliz o presidente Eptácio Pessoa, na ocasião do Campeonato Sul-Americano de 1921. No início dos anos 1930, a segregação era menor. E por isso que Domingos da Guia e Leônidas da Silva conseguiram o reconhecimento internacional. Tanto que após o mundial de 1938, o craque Leônidas o “Diamante Negro” devido a sua grande popularidade, acabou sendo homenageado com um chocolate homônimo pela empresa Lacta, sendo um dos produtos mais vendidos desse segmento até hoje e considerado “um dos primeiros passos do marketing esportivo brasileiro”. (GLOBOESPORTE.COM, 2018)



Figura 17: Zizinho, Leônidas e Jair, símbolos do negro e do mestiço no futebol brasileiro. Fonte: Site Trivela:

### 3.1 O mito da “democracia racial”

Como costuma-se dizer, “o exemplo vem de cima”. Pois é, não é só dentro das quatro linhas que o racismo acontece. Segundo estudiosos, a própria estrutura do esporte aponta para uma elite de maioria branca.

“Ao contrário do que algumas pessoas defendem, esse esporte não é um espaço onde prevalece a democracia racial. A democracia racial no futebol é um mito. Um exemplo disso é que negros e mestiços encontram-se sub-representados na estrutura de poder do futebol. As funções mais elevadas continuam reservadas aos integrantes de uma elite majoritariamente branca” (WELLE, 2016)

Podemos dizer que, a postura dos dirigentes e do alto escalão dos órgãos fiscalizadores também têm que mudar. É preciso pulso firme pra coibir certas atitudes, e uma punição mais severa. Senão, os casos de discriminação racial tendem a continuar dentro das quatro linhas e também nas arquibancadas.

Algumas pessoas acabam encontrando no futebol uma válvula de escape para seus problemas. É num jogo de futebol que o torcedor acaba extravasando todo o seu estresse, todo seu ódio, toda a sua angústia, seja da vida profissional ou social. Isso

acaba levando alguns torcedores a praticarem insultos e xingamentos sem pensarem na consequência.

"O futebol funciona como uma 'válvula de escape' para uma minoria de torcedores. As frustrações da vida cotidiana, como desemprego, moradia precária, desassistência nas áreas da saúde e educação, notícias sobre corrupção, levam uma parte da torcida a se manifestar agressivamente no estádio, onde essas pessoas acreditam estar protegidas pelo anonimato", afirma o jornalista Manuel Alves Filho, do grupo de pesquisas e estudos de futebol da Unicamp". (SITE RACISMO NO FUTEBOL, 2018)

Podemos concluir que essa paixão, esse fanatismo (que muitas vezes se transforma em ódio) com que o futebol é tratado aqui no Brasil, acaba fazendo com que uma fração dos torcedores cometa alguma discriminação racial, se utilizando do esporte como desculpa.

### **3.2 Quando o racismo entra em campo**

É difícil precisar quando exatamente o racismo se tornou predominante no Brasil e em especial no futebol. Para Cionello (2008) um dos aspectos primordiais para as desigualdades no país é ocasionado pelo racismo. Cionello (2008,p.2) afirma que: "Metade da população brasileira é negra e a maior parte dela é pobre".

Os valores que caracterizam de fato os valores étnicos elaborados de imediato por aspectos físicos foram empregados para designar diferenças tanto no aspecto social como também cultural (ABRAHÃO e SOARES, 2009)

Com o passar dos anos, a discriminação racial foi sendo combatida, pois criaram-se leis mais rígidas para combater e punir esta prática. Ainda assim, vivenciamos muitos casos de racismos no futebol hoje em dia. Além do caso do Vasco da Gama, outro time merece destaque nessa luta, a equipe nordestina do Santa Cruz de Pernambuco. Silva e Azevedo (2018, p.5) afirmam que: "[...], o Santa Cruz surge como proposta de inclusão social, sendo o primeiro clube do Estado pernambucano a permitir que um negro pudesse jogar futebol, provocando um marco histórico nesse Estado do Nordeste"

Ainda assim muitos casos de racismo nos envergonham nos dias atuais. De acordo com o portal Globo.com (2016), durante a partida de futebol entre Santos e Mogi Mirim pelo Campeonato Paulista, o volante santista Arouca que marcou um bonito gol na vitória de sua equipe foi insultado.

“Principal jogador do Santos na vitória por 5 a 2 sobre o Mogi Mirim, na noite desta quinta-feira, pela 12ª rodada do Campeonato Paulista, o volante Arouca foi chamado de "macaco" após o duelo. A manifestação de racismo foi flagrada pela rádio "ESPN". O camisa 5 preferiu não levar muito em conta o xingamento, apesar de ter se mostrado triste. O presidente da Comissão de Arbitragem da Federação Paulista de Futebol, Marcos Marinho, esperava que o episódio tivesse sido relatado na súmula para dar início a uma investigação, mas o árbitro Vinicius Gonçalves Dias Araújo não fez nenhuma observação sobre o caso no relatório do duelo”. (GLOBO.COM, 2016).

São vários os casos de racismo que adentram as quatro linhas futebolísticas, e muitas nem sequer são divulgadas.

“Casos de discriminação racial fazem parte da história do futebol desde que o esporte chegou ao Brasil. No início, o esporte adotado pela elite excluiu os negros. No Brasil, em alguns clubes eles eram proibidos de jogar até a década de 1950, como no caso do Grêmio. O Vasco da Gama foi o primeiro clube a aceitar oficialmente esportistas negros” (WELLE, 2016).

É claro que depois da mídia televisiva ficou muito mais fácil identificar e punir os agressores. Vários são os casos de torcedores que são identificados por câmeras de segurança, ou até mesmo por câmeras de emissoras, praticando atos de vandalismo, xingamentos e até crimes como homicídio.

“A imprensa tem colaborado para a divulgação dos casos de racismo que ocorreram no âmbito dos jogos de futebol, em especial àqueles que têm transmissão pela mídia televisiva. Muitas vezes há situações que podem ser identificadas como racismo, por ofender jogadores da raça negra, mas não se leva o caso ao judiciário, dificultando a verificação da caracterização desse crime e não de outro. Porém, as imagens registradas marcam a situação e os xingamentos racistas são mostrados descontextualizados de toda a partida de futebol.” (SALGADO, 2016).

Sabemos que o racismo é um mal antigo, que passa de geração a geração. Nos primórdios do futebol tínhamos poucos jogadores negros, pois já vimos anteriormente que o alto escalão que comandava o esporte queria que seus atletas fossem da elite também. Acontece que, historicamente, o futebol sempre foi um esporte de massa, e retratava com clareza a cara do povo brasileiro.

“A história do futebol brasileiro contém, ao longo de quase um século, registros de episódios marcados pelo racismo. Eis o paradoxo: se de um lado a atividade futebolística era depreciada aos olhos da “boa sociedade” enquanto profissão destinada a pobres, negros e marginais, de outro ela se achava investida do poder de representar e projetar a nação em escala mundial” (GOETHE INSTITUT, 2016).

O fato de ter jogadores negros se tornou um problema quando o Brasil começou a disputar torneios mundo a fora. A partir daí, os profissionais da área começaram a se dividir: de um lado o apoio a jogadores que mostrassem a verdadeira cara do nosso povo, de outro, os que apoiavam que nosso escrete canarinho fosse formado por jogadores da elite.

“A questão racial se torna um problema para o futebol quando o Brasil começa a participar de torneios internacionais, pois suscita um debate relativo a quem pode representar o país. Era uma disputa entre aqueles que defendiam que só jogassem atletas da elite, muito por conta dessa noção de que éramos um país degenerado, e outra corrente que acreditava que o Brasil tinha de se assumir do jeito que era. Gilberto Freyre, Mario Filho e Nelson Rodrigues foram grandes porta-vozes dessa visão, de que o país tinha que assumir a sua mestiçagem numa chave positiva” (SILVA, 2014, p.07).

Para Silva (2007, p.23) “o racismo no futebol brasileiro chegou ao clímax com a proibição ao Clube de Regatas Vasco da Gama de participar do campeonato carioca de 1924.”

Para o autor, a reação do Vasco em não aceitar as imposições dos grandes clubes poderia ser compreendida como uma manifestação mais organizada daquilo que já se manifestava na periferia. A recusa do Vasco em ingressar na AMEA foi um ataque direto ao núcleo central da representação social daquela época, o que gerou uma crise. Esta representação estava ligada ao sistema central - entendido aqui na acepção de

Abric (1994). Entretanto, a modificação da representação social não se deu imediatamente. De fato, a transformação desta representação ainda não se deu no futebol brasileiro.

Mas divergindo desse pensamento romântico acerca da luta contra o racismo, o vascaíno Soares investiga se de fato esse acontecimento ocorreu.

Para dar embasamento a essa informação de que a equipe vascaína venceu o racismo é de fundamental importância realizar uma pesquisa que apresente provas sobre atitudes racistas na prática da modalidade desse período. Não é correto afirmar que com apenas o elenco vascaíno de 1923 composto de mulatos, negros e brancos, essa segregação tenha sido superada (SORAES, 1999,p.120).

Soares (1999) parece tentar tapar o sol com uma peneira, ao argumentar que vários fatores não justificariam tal fato:

“ a) Se existisse segregação diretamente à questão racial, o Vasco não teria participado com essa equipe no campeonato de 1923; a) O Vasco não foi o primeiro clube de futebol a ter negros e mulatos em suas equipes de futebol (Rodrigues Filho, 1964; Soares 1998 apud SOARES 1999 p.120);c) na década de 20, negros e mulatos, ainda que poucos, já habitavam outros espaços sociais mais valorizados do que o esporte (tais como a literatura, a medicina, o direito, a política e o oficialato do exército- Freyre 1996, apud Soares 1999 p.120). A história do Vasco de uma “luta contra o racismo” relaciona três eventos [...]: a vitória do Vasco em 1923, a fundação da AMEA, como indicio ou prova da reação; e a não-participação do Vasco no campeonato promovido nesse ano pela nova entidade. Entretanto as narrativas que seguem a ambígua narrativa de Mario Filho sobre esses eventos parece que basta aos intelectuais na medida em que bem se ajusta ao discurso politicamente correto em voga” (SOARES,1999, p. 120).

A ideia atribuída à AMEA quando da sua criação com o Vasco da Gama superando as barreiras do racismo acaba se tornado um tema secundário nas calorosas discussões acerca do amadorismo no futebol. Desse modo a temática do amadorismo se torna um assunto menos debatido ou mesmo colocado como responsável pelo preconceito com atletas negros e mulatos dentro da modalidade. (SOARES, 1999).

### **3.3 A punição de Barbosa em 50**

Na final da Copa do Mundo de futebol em 1950 o Brasil perdeu para o Uruguai por 2 a 0. Na época, procuraram um bode expiatório para levar a culpa da derrota.

Muitos dizem que Barbosa, goleiro da nossa seleção na época, foi “crucificado” por falhar no primeiro gol.

Era um pensamento geral que este título mundial seria conquistado de maneira tranquila pela equipe brasileira, na medida que apenas um empate era mais do que suficiente para aquele título. A torcida brasileira estava tão confiante que até uma grande festa já estava sendo feita para celebrar a Copa de 1950, “lá em Bauru as famílias colocaram umas mesas bem no meio da rua e puseram um monte de guloseimas em cima delas, conforme registra o escritor e comentarista esportivo José Torero (2017, p.41).

O Maracanã emudecido também ficou marcado na nossa história. Pois a partir daquele jogo em diante, nossa identidade que foi constituída pela diversidade étnica, acaba por entrar em profundo colapso (GUTTERMAN, 2014). E com isso os jogadores negros passaram a ser alvos tanto dos torcedores brasileiros quanto da imprensa esportiva da época. Gutterman (2014) enfatiza que: “Barbosa e Bigode, eram negros e foram responsabilizados diretamente pela derrota, além do zagueiro Juvenal, que também falhou” .

Como salienta Gutterman 2014, um dos temas mais abordados foi originado justamente pela presença de atletas negros no elenco da seleção. Outros jogadores negros porém, foram perdoados pela torcida como Zizinho e Thomaz.

Pela primeira vez sediando uma edição de Copa do Mundo – e segundo país da América do Sul até então - e franco favorito para vencê-la, verificou-se que o principal derrotado não foi só a seleção, mas em especial o seu goleiro. Como salienta Gutterman 2014, um dos temas mais abordados foi originado justamente pela presença de atletas negros no elenco da seleção. Outros jogadores negros porém, foram perdoados pela torcida como Zizinho e Thomaz.

“Segundo Galeano, Barbosa comentou: “No Brasil, a pena maior por um crime é de trinta anos. Há quarenta e três pago por um crime que não cometi”. Galeano diz ainda que os anos se passaram e Barbosa nunca foi perdoado. Mas qual foi o crime de Barbosa? Perdoar Barbosa de quê? Perdoá-lo por ser negro?” (SILVA, 2007).

Foi notificado pelo mesmo autor um outro ato de discriminação racial envolvendo o goleiro Barbosa:

“Apesar de ter muitas dúvidas em relação ao evento que passo a descrever, minha interpretação aponta para um episódio em que se manifestou uma discriminação racial contra Barbosa. Em 1993, durante as eliminatórias para a copa do mundo de 1994, nos Estados Unidos, Barbosa quis dar ânimo aos jogadores da seleção brasileira e foi visitá-los na concentração. Entretanto, foi impedido de entrar. O fato foi amplamente divulgado pela mídia. Por que só ele foi impedido de entrar na concentração?” (SILVA, 2007).

Segundo o site Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2018), Barbosa passou por algumas situações de destaque, claro que a principal delas era de ter que se explicar por inúmeras vezes porque não conseguiu evitar o segundo gol uruguaio na final. Sabe-se que sua carreira de 27 anos foi marcada por essa bola que não defendeu.

“... quando trabalhava no Maracanã, durante o processo de modernização do estádio, uma das ações foi a troca das travas de madeira, então, foi presenteado com um fragmento da trave de madeira. Fez questão de utilizá-la num churrasco. E quando foi impedido de visitar a concentração da seleção brasileira véspera do jogo eliminatório da Copa de 1994 contra o Uruguai em 1993. Fato rapidamente abafado e minimizado pela CBF”. (SITE OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL, 2018).

Barbosa nasceu em Campinas/SP no dia 27 de março de 1921 e morreu em 7 de abril de 2000 na cidade de Praia Grande/SP aos 79 anos.

Seria necessário mais de dez anos para que essa angustia começasse a cicatrizar, na qual o seu princípio reporta-se à própria organização social vertical, representada pelo hierarquismo de um povo que viveu a escravidão durante quatro séculos (GUTTERMAN, 2014). Gutterman (2018) analisa que “o negro despertava (e ainda desperta) no Brasil sentimentos ambíguos. Serve para explicar o sucesso e o fracasso do país. E 1950 foi a prova definitiva disso.

Que a história repleta de títulos e grandes jogos construída pelo goleiro Barbosa, seja valorizada e que a cor de sua pele “perdoada” pela torcida brasileira. Caso ele ainda não seja, como afirma Freire (2018): Faremos um trabalho de magia negra para

transformá-la [...] Se bem que suspeito não existir magia capaz de dar jeito nisso, Mas a gente tenta.”

Quem presenciou suas atuações e a imprensa no período em que Barbosa jogou, afirmam que ele foi o maior goleiro da história do Club de Regatas Vasco da Gama e um dos mais representativos da história do nosso futebol. (NOGUEIRA e TAVES, 2011)

### **3.4 A Narrativa dos jogadores**

Ao analisar o racismo no futebol brasileiro, é importante contar uma breve trajetória de grandes atletas que ajudaram a construir o vitorioso futebol brasileiro, em especial os atletas negros que se tornaram ídolos do time do Vasco da Gama (RJ).

#### **Moacyr Barbosa do Nascimento**

Nesse seleto time de atletas marcantes, um em especial merece destaque especial pela sua trajetória no futebol brasileiro, conquistas e também momentos de revés que é cabível a todos os jogadores desse esporte tão passional.

O futebol é uma modalidade que possui nacionalmente um valor significativo. Isso motivou um crescimento no âmbito da pesquisa na temática nos últimos anos. A dimensão cultural, econômica e também social foram observadas ultimamente com mais atenção pela academia, na medida que o tema futebol possui múltiplas possibilidades de estudo, investigação.(RODRIGUES, 2003)

Ao começar essa narrativa, o nome escolhido foi do goleiro Barbosa que defendeu as cores da seleção brasileira de futebol com grande destaque até a Copa do Mundo de 1950 e do Club de Regatas Vasco da Gama-RJ.



Figura 18: Goleiro Barbosa com o uniforme do Vasco. Fonte Site Oficial do Vasco (2018).

Moacyr Barbosa Nascimento atuou pela equipe vascaína em duas oportunidades. Sua primeira passagem pelo clube foi de 1945 até o ano 1955. Num segundo momento atuou entre os anos de 1958 à 1960. O goleiro nasceu em Campinas e iniciou sua carreira futebolística no ano de 1940, atuando na função de ponta pela equipe do Comercial da Capital, porém em 1942, defendendo a equipe do Ypiranga, Barbosa já era goleiro. Alguns anos após, mais precisamente em 1945, o futuro ídolo chega ao Club de Regatas Vasco da Gama e entra na equipe de forma curiosa (SITE OFICIAL DO VASCO, 2018)

Conforme o site oficial do Vasco (2018),

“(...) O goleiro Rodrigues que era o titular da posição na época, abandonou após ganhar na Loteria Mineira. O jogador ajudou a conquistar o título invicto do carioca de 45, e logo depois encerrou seu ciclo na colina e no esporte. Tal período também foi importante por ser um momento muito especial na história do clube até hoje. Naquela

ocasião estava sendo formado um dos maiores times de todos os tempos, o Expresso da Vitória. Pelo Gigante da Colina, Barbosa conquistou entre 1945 e 1958, seis vezes o título carioca.”

Após conseguir entrar como titular em 1946, não saiu mais, colecionou excelentes atuações em campo e também títulos relevantes, como os cinco conquistas do campeonato estadual (1945,47,49,50,52 e 58), além do Campeonato Sul-Americano de Clubes de 1948 (SITE OFICIAL DO VASCO, 2018).

Nogueira e Taves (2011) explicitam que os que acompanharam a carreira de Barbosa, dizem que o goleiro vestia sempre camisas bem escuras e era muito recatado e fazia grandes defesas, mas de forma objetiva e não para sair bem nas fotografias dos jornais.

A fase mais marcante do goleiro foi durante campanha vitoriosa do 1º Sul-Americano de Clubes em que o time do Vasco conquistou de forma invicta o torneio. Na final contra a equipe do River Plate (ARG), Barbosa teve uma atuação impecável ajudando na manutenção do placar em 0 a 0, que garantiu a taça para os vascaínos. (SITE OFICIAL DO VASCO, 2018). O site ainda afirma que isso ocorreu “depois de ter alcançado a importante marca de 400 jogos pelo gigante da colina”

Não foi desmedida essa comemoração internacional, pois nunca o nosso futebol tinha obtido uma conquista dessa magnitude. Poucos espectadores daquele jogo restaram para lembrar esse fato e explicar o que foi essa equipe vascaína mais conhecida como expresso da vitória. (NOGUEIRA e TAVES, 2011).

Além de Barbosa, jogavam pelo Expresso da Vitória os seguintes atletas: Augusto, Ely, Danilo, Maneca, Ademir Menezes, Friaça e Chico, todos estes companheiros que também conquistaram a sul-americana de 1949 e a segunda colocação na Copa do Mundo de 1950. (NOGUEIRA e TAVES, 2011).

Vale salientar que depois de ter conseguido ultrapassar o número de 400 jogos pela equipe do Vasco, Barbosa se transformou num dos atletas que mais atuou pela história do clube (SITE OFICIAL DO VASCO,2018).

O goleiro e ídolo Barbosa, atuou 485 vezes somando todas as suas passagens pela equipe vascaína (GLOBOESPORTE.COM, 2018).

## Hideraldo Bellini

Não existe a possibilidade de se falar de grandes atletas vascaínos ou ídolos nacionais, sem mencionar esse defensor que conquistou nada menos do que duas Copas do Mundo, estamos falando de Hideraldo Bellini famoso jogador da seleção brasileira de futebol e Vasco da Gama.



Figura 19: Bellini. Fonte: Site Netvasco (2018)

De acordo com Portal IG 2018: “ [...]A trajetória de Bellini no Vasco pode ser considerada cinematográfica. Ali o capitão permaneceu por dez anos conquistando três títulos cariocas [...]”

Dotado de um alto porte físico, Bellini era conhecido pela sua inesgotável raça, seriedade, vigor, mas sempre com muito respeito aos adversários. Suas características serviram de inspiração para a confecção de uma estátua que fica localizada próxima de uma das entradas do Estádio Mario Filho. É também um dos grandes atletas da história da seleção (SITE OFICIAL DO VASCO, 2018).

Como atleta da seleção brasileira e capitão, marcou época ao erguer o troféu sobre a própria cabeça após recebê-la do Rei sueco Gustavo Adolfo mostrando que a taça possui um aspecto de sagrado e que passou a ser imitado por muitos outros atletas capitães (NOGUEIRA e TAVES, 2011)

Os autores Nogueira e Taves (2011, p.72) afirmam que: “tal gesto não fora pensado nem premeditado pelo zagueiro[...]”

“Os autores afirmam que: No momento em que ele subiu a tribuna de honra do estádio Nya Ullevi, em Estocolmo, Bellini nem imaginava direito o que pode fazer com o desejado objeto. O zagueiro não havia sido instruído sobre qualquer tipo de protocolo - o correto seria que ele a elevasse à altura do peito ou do rosto, como quem a usasse para tomar champagne e lhe desse um beijo - já que era uma taça de ouro, que tinha o formato de uma mulher alada. Entretanto, diante dos gritos dos fotógrafos brasileiros como Jader Neves, da Manchete, Luiz Carlos Barreto, de O Cruzeiro -, que por não conseguirem registrar direito o momento gritaram “Levanta!”, Bellini - gigante de 1,82m e 80 quilos, nos padrões da época - atendeu aos apelos e elevou a taça com ambas as mãos acima da cabeça, em direção ao céu, e, casualmente, olhou para o alto das tribunas e arquibancadas. Era 29 de junho de 1958. Desde então, nas mais variadas modalidades, nos mais variados campos, quadras, piscinas, pistas, toda vez que um atleta ou time ganha um troféu o eleva acima da cabeça[...].” (NOGUEIRA E TAVES,2011, p.72).

Após a conquista do segundo título mundial foi inaugurada a estátua de um atleta próximo do Maracanã, através de um empresário carioca chamado Abrão Medina.

Bellini foi convidado para atuar em equipes amadoras de em Itapira, sua cidade natal. Como possuía muita disposição para jogar, porém pouca técnica acabou sendo deslocado para a função de zagueiro e com isso acabou se destacando e ganhou o carinho dos torcedores. Após relativo destaque acabou indo atuar pela equipe do Sãojoãoense da cidade de São João (atuou nessa equipe de 1949-51). Chamando bastante atenção de olheiros acabou recendo uma oferta para jogar na equipe do Vasco da Gama em 1952 e para lá foi. (Site Lance 2018).

Naquele tempo, um defensor jamais tentaria uma jogada ofensiva e muito menos jogaria pelos lados do campo como ocorre nos tempos atuais. O zagueiro atuava fixo na área auxiliando o goleiro. (NOGUEIRA e TAVES,2011).

Não demorou para cair nas graças dos torcedores vascaínos devido à raça e ao profissionalismo. Em 1956 conquistou o campeonato carioca pelo Vasco como capitão da equipe e titular absoluto junto com os jogadores Carlos Alberto, Paulinho, Orlando e Coronel. Em 1957, ganhou dois títulos internacionais com o Vasco: Troféu de Paris e a Taça Teresa Herrera. No ano seguinte Bellini foi campeão do Torneio Rio-SP um dos embriões do atual Campeonato Brasileiro. O campeonato carioca que devido à Copa do Mundo acabou sendo disputado no segundo semestre, de tão competitivo teve que ter um turno a mais (que ficou conhecido como super super campeonato). Por seu alto nível de competitividade, dois supercampeonatos foram feitos para se o conhecer o grande vencedor daquele estadual. Como o Botafogo, Flamengo e Vasco ficaram rigorosamente iguais, depois de dois turnos de competição, um novo teve que ocorrer e por isso ficou conhecido como Supercampeonato. Porém mesmo assim os três clubes continuaram empatados. Para que houvesse o desempate, o time vascaíno venceu a equipe do Botafogo e empatou com os rubro-negros e acabou ficando com o título, na medida em que Botafogo e Flamengo ficaram no empate quando se confrontaram. (NOGUEIRA e TAVES,2011).

Conforme explicitado pelo site Globoesporte.com (2008), o ex-zagueiro da seleção brasileira e do Vasco, foi responsável por muitos títulos e histórias. Grande parte desse acervo incluindo a faixa de campeão mundial e cartões postais que Bellini enviava para seus familiares durante a Copa da Suécia se encontram sob os cuidados de sua sobrinha Valéria.

Não somente desses itens que a família de Bellini possui. Existem também fotografias novas e antigas que Bellini tirou com amigos, membros da família e também jogadores de futebol como o atleta Pelé. (GLOBOESPORTE.COM ,2018).

O rei do futebol aliás chorou a morte do amigo dos tempos de seleção brasileira. Segundo, Pelé por meio da Folha (2018):

“Lamento a morte de meu amigo Bellini. Na Copa de 58, ele foi um dos jogadores que me deram muitas orientações porque era um dos mais experientes [tinha 28 anos]. Eu tinha 17 anos e era muito jovem e tudo para mim era novidade. É uma perda muito grande para o futebol brasileiro[...].”

Seu outro colega de seleção Pepe falou:

“Eu tinha um respeito muito grande por ele. Era cinco anos mais velho do que eu e só me passava coisas boas.

Jogamos juntos na seleção e jogamos contra quando o Santos encontra o São Paulo. O Almir Pernambuquinho tinha adoração pelo Bellini porque melhorou seu comportamento com os Conselhos do Bellini. Era até padrinho de casamento do Almir. Em campo, era um cara forte pela frente. Era adepto do bumba meu boi, não era de sair jogando, chutando e mesmo na seleção.[...]" (FOLHA, 2018).

Em sua cidade natal Itapira por exemplo, o ex-capitão tem uma placa em sua homenagem. A empreitada foi concebida por meio de seu sobrinho Toninho Bellini que tinha acabado de se eleger prefeito da cidade. O site globoesporte.com (2018) afirma que: “[...]o gesto foi aprovado pela maioria dos habitantes[...]"



Figura 20: Placa em homenagem aos campeões de 1958 e a Bellini. Crédito Marcelo de Carvalho.

Fonte: Globoesporte (2018)

Em sua carreira Bellini atuou 430 vezes pelo time do Vasco da Gama e obteve 11 conquistas, além do bicampeonato mundial com a seleção brasileira, sendo o primeiro atleta do país a erguer uma taça de Copa do Mundo em 1958. (SITE OFICIAL DO VASCO, 2018)

## **Romário**

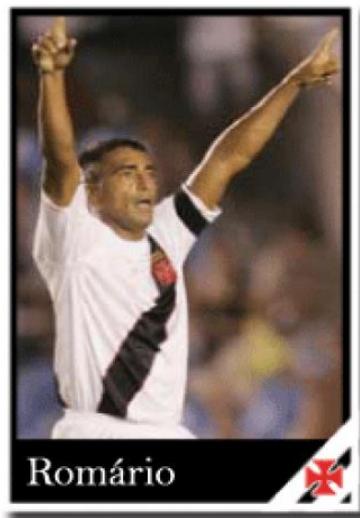


Figura 21: Romário atuando pelo Vasco. Fonte: Site Oficial do Vasco (2018)

Romário nasceu no Rio de Janeiro no dia 29 de janeiro de 1966, alguns dias após uma grande enchente ter ocorrido na cidade e ter deixado sem abrigo milhares de cidadãos e causado mais de 200 mortes. Filho de Seu Edvair e de Dona Lita foi criado na comunidade do Jacarezinho e posteriormente foi morar na Vila da Penha com seus pais (NOGUEIRA E TAVES, 2011).

De acordo com os autores o nome Romário surgiu de uma maneira curiosa:

“[...] a ideia de dar esse raro nome ao filho surgiu do gosto por um quadro bem popular no programa de César de Alencar, aos sábados à tarde, na Rede Nacional, o de Romário, o “Homem Dicionário”. O personagem era alguém que sabia tudo. Ele entrava no ar, depois que estrelas como Marlene e Emilinha cantavam acompanhadas pela orquestra ou por um conjunto. No quadro, qualquer pessoa do auditório passava uma semana pesquisando nos dicionários palavras, as mais complicadas possíveis, só para desafiarem Romário a dar significado preciso daqueles vocábulos. Se o pesquisador não soubesse, o autor da pergunta levava um prêmio em dinheiro. Sem se abalar, Romário respondia tudo certinho[...]” (NOGUEIRA E TAVES, 2011, p.137).

Quando criança, Romário atuou pela equipe amadora chamada Estrelinha que seu pai Edevair tinha criado justamente para seu filho poder jogar. Praticando o futebol com desenvoltura, acabou chamando a atenção de um olheiro e em seguida foi jogar pela equipe do Olaria no ano de 1979. Posteriormente após atuações destacadas

foi contratado para atuar pela equipe do Vasco da Gama dois anos depois (Nogueira e Taves 2011, p.138).

Em 1985 atuou pela primeira vez pelos profissionais do Vasco. Nesse mesmo ano jogou como o maior ídolo cruzmaltino de todos os tempos: Roberto Dinamite. No ano seguinte foi o artilheiro do estadual e ainda por cima conquistou a Taça Guanabara, entusiasmando jornalistas que já torciam por uma convocação de Romário para a Copa do Mundo que iria ocorrer naquele ano (NOGUEIRA E TAVES, 2011).

Três anos depois ajudou a seleção com a conquista da medalha de prata olímpica na Coreia do Sul e depois de ganhar o segundo título seguido do Campeonato Carioca, acertou com o time holandês do PSV Eindhoven, onde conquistou muitos títulos, além de ter sido muitas vezes artilheiro também (NOGUEIRA E TAVES, 2011).

Nogueira e Taves (2011) afirmam que: [...] graças ao seu brilho na Holanda, Romário foi contratado pelo Barcelona, colaborando para que o clube catalão vivesse um de seus mais vitoriosos períodos até então[...]

Apesar de todo o sucesso que posteriormente faria na equipe catalã Romário decide voltar ao Brasil:

“Apesar do sucesso no Barcelona, em âmbito mundial, em 1994, ele quis retornar ao futebol brasileiro e, mais especificamente, ao Rio. Só que em lugar de voltar à sua casa, em São Januário, foi atuar no arquirrival rubro-negro, que completava cem anos em 1995 e contou com a ajuda de várias empresas para comprar o passe junto ao Barcelona pelos mesmos US\$ 4,5 milhões que o time espanhol pagara ao PSV. Entretanto, o clube da Gávea passou em branco na temporada[...]" (NOGUEIRA E TAVES, 2011 ,p.139).

Conforme a Folha (2018) o craque retorna ao Vasco 11 anos após sua transferência para o PSV da Holanda e com uma série de privilégios, para acertar com o clube.

### **Juninho Pernambucano**



Figura 22: Juninho Pernambucano comemorando a Copa Mercosul. Fonte: Site Oficial do Vasco (2018)

Nascido em Recife no dia 30 de Janeiro de 1975, Antônio Augusto Ribeiro Reis Júnior, se casou bem jovem com a sua companheira Renata, é pai de duas meninas que se chamam: Maria Clara e Giovanna. De classe média e sendo filho de militar, Juninho estudou em escola particular e conseguiu até mesmo ser aprovado para o curso de Administração de Empresas. Diferente de outros jogadores, Juninho sempre foi avesso às festas e costumava ficar mais tempo em casa.

Possui uma irmã formada em medicina, uma outra em Educação Física e uma terceira formado no curso de Enfermagem (NOGUEIRA e TAVES, p.164/165).

Antes de ingressar e fazer sucesso pelo Vasco em 1995, Juninho já havia sido campeão pernambucano no ano anterior. Na época o jogador chegou como contrapeso do atacante Leonardo que viera com status de grande atleta, mas nunca chegou a ter a atuação que todos esperavam, diferentemente de Juninho Pernambucano que se tornou um dos craques do time vascaíno. Chegando na cidade carioca, “teve o apoio de um pernambucano que tinha acabado de se sagrar campeão do Mundo nos Estados Unidos: Ricardo Rocha. [...]” .

Nogueira e Taves explicitam que:

“No ano anterior à sua chegada, 1994, o Vasco tinha passado pelo trauma da morte do craque Dener, num acidente automobilístico na Lagoa. Mas tinha conquistado o inédito tricampeonato estadual. Juninho foi firmando-se aos poucos na equipe, até se tornar um dos jogadores indispensáveis na conquista do Campeonato Brasileiro de 1997, que consagrou outro craque vascaíno, o atacante Edmundo que se transformou

no maior artilheiro da história da competição ao marcar 29 gols” (NOGUEIRA e TAVES,2011,p.165).

Juninho participou de todas as grandes conquistas do período de 1997-2001, sendo grande destaque em duas: na Copa Libertadores de 1998 em que marcou o gol decisivo na partida contra o River Plate (válida pela segunda partida da semifinal da competição) e na Copa Mercosul quando após uma grande atuação, segurou e beijou a cruz de malta após o fim da competição (SITE OFICIAL DO VASCO, 2018).

No início do ano de 2001, Juninho passou por altos e baixos durante o período de apenas 30 dias. No mês de Janeiro marcou o primeiro gol na decisão que levaria o Vasco à conquista da Copa João Havelange 2000, pelo placar de 3x1 sobre a competitiva equipe do São Caetano no Maracanã. Mas como estava insatisfeito com os constantes atrasos salariais, não comemorou o seu gol com tanto entusiasmo, abraçou apenas o atacante Romário, dando indício de que o clima do jogador com os dirigentes do clube não estava muito bem:

“Em fevereiro, ele foi proibido de treinar com o time e obrigado a ir em São Januário em horário diferente dos demais jogadores. Seu contrato terminou em 20 de janeiro, e ele se recusou a iniciar o Rio-São Paulo de 2001 antes de renová-lo, como queria Eurico Miranda. Estava triste pela falta de reconhecimento profissional, depois de quase seis anos de muitas conquistas pelo Vasco. Apesar de ser um dos principais jogadores do time, ele só recebia R\$ 30 mil mensais, abaixo de outros jogadores de seleção brasileira no elenco do Vasco” (NOGUEIRA e TAVES,2011,p.165).

Antes do jogo contra a equipe paulista, Juninho já se pronunciava como se estivesse saindo do clube vascaíno. Não obedecendo a proibição de dar entrevistas a respeito do acidente ocorrido na arquibancada do estádio do Vasco contra o São Caetano no segundo jogo da final do Campeonato Brasileiro daquele ano e também sobre os problemas financeiros que o clube atravessava (NOGUEIRA e TAVES, 2011).

Devido a todos esses imbróglis com a diretoria administrativa do clube, Juninho acabou não atuando mais pelo Vasco da Gama. Sendo assim, o seu último jogo com a camisa vascaína foi a partida final da Copa João Havelange 2000 contra a equipe do São Caetano, que foi realizada no dia 18 de Janeiro de 2001 devido ao incidente ocorrido no estádio de São Januário. (NOGUEIRA e TAVES,2011).

O Vasco da Gama foi o time em que Juninho Pernambucano mais vezes atuou: foram 393 partidas com 76 gols marcados ao todo. (GLOBOESPORTE.COM, 2018).

### **Roberto Dinamite**



Figura 23: Roberto Dinamite- Fonte: Site Oficial do Vasco (2017).

Ao trazer grandes atletas da centenária história vascaína, não podemos esquecer do maior ídolo da história do Vasco e também seu maior goleador: Carlos Roberto Dinamite de Oliveira ou simplesmente, Roberto Dinamite.

Hoje em dia é muito remota a possibilidade de um jogador de qualidade indiscutível como a de Dinamite atue pela mesma equipe durante a maior parte de sua carreira:

“Pelo Vasco foi campeão brasileiro em 1974 e campeão estadual de 1977, 1982, 1987,1988 e 1992. É, simplesmente, o maior artilheiro da história dos campeonatos brasileiros, com 190 gols, e o quarto maior do mundo em campeonatos nacionais, com 470 gols, de acordo com a Federação Internacional de História e Estatística do Futebol. Pelo Vasco, ele ainda se sagrou campeão da Taça Guanabara em 1976,1977,1987,1990,1992”(NOGUEIRA e TAVES, 2011,p.117).

Afirmar que Roberto é o atleta mais marcante que passou pelo Vasco não é nenhum absurdo. Atuou pela equipe carioca de 1971 até 1980, teve uma segunda passagem de 1980-1989, além de sua última temporada como jogador profissional no ano de 1992. Nesse ano aliás, o ídolo vascaíno ainda disputou a Taça Guanabara. E é

justamente pela equipe do Vasco que Roberto afirma que marcou o gol mais lindo de toda a sua trajetória como atleta profissional.

Em entrevista ao sportv (2018) Dinamite falou sobre a sua infância:

“Foi uma infância parecida com a da grande maioria das crianças do Brasil, filho de funcionário público e de dona de casa, num bairro de Duque de Caxias, com um campo de futebol em frente, na escola pública, e tive do meu pai e da minha mãe meu grande referencial, duas pessoas lutadoras. Antes de ser jogador, e pesar esses 54 kg, tive duas cirurgias muito sérias. [...]”

Quando tinha apenas 14 anos de idade Roberto foi com o seu amigo Fernando treinar em São Januário. Nesse tempo, era apenas um jovem muito tímido que estudava em Duque de Caxias, na escola Cruzeiro do Sul e se divertia brincando com pipa, caçando preás e pescando (NOGUEIRA e TAVES, 2011).

Logo em sua primeira partida pela equipe do infantil do Vasco, Dinamite fez 4 gols e foi imediatamente aprovado no teste. Para focar em sua carreira futebolística não pôde dar prosseguimento aos estudos. No ano de 1971 acabou não só sendo o artilheiro como também venceu o campeonato juvenil, ainda nesse ano, foi alçado para os profissionais durante uma partida válida pelo Campeonato Brasileiro e ainda marcou um gol.

No segundo jogo pelo Vasco contra a equipe gaúcha do Internacional-RS, marcou o gol que o deixaria famoso por toda a carreira, pois foi nela que o jornalista Aparício Pires acabou criando o apelido “Dinamite”.

Apesar de todo o sucesso inicial, o futuro ídolo vascaíno só se tornou titular de fato no ano de 1974. Esse elenco que possuía atletas extraclasse como: Andrada, Alcyr, Zanatta, Ademir e Jorginho Carvoeiro.

No imaginário do ídolo os jogos contra o Flamengo, são as melhores lembranças que possui, em especial: a Taça Guanabara de 1976 e o Carioca de 1977 vencidas pelo time vascaíno.

Três anos depois o artilheiro acabou se transferindo para a equipe espanhola do Barcelona-ES, porém não conseguiu render o que dele se esperava e com isso acabou ficando pouco tempo na Europa. Retornou ao clube carioca três meses depois. Em seu

retorno não decepcionou, marcou os cinco gols do Vasco na partida contra o Corinthians, válida pelo Campeonato Brasileiro no dia 4 de maio de 1980.

No ano seguinte, o Vasco de Dinamite passou para a decisão contra o Flamengo, mas com um regulamento controverso era necessário superar os rubro-negros em três confrontos para conseguir o título. Neste campeonato que ficou marcado pelo ladrilheiro, Dinamite, relatou que na primeira partida o Vasco venceu por 2x0 com dois gols dele. Na partida seguinte ocorreu o empate entre as duas equipes e finalmente no terceiro e último jogo a equipe vascaína estava sendo derrotada pelo placar de 2x0 até os 38 minutos do segundo tempo quando o Vasco marcou um gol e inesperadamente um ladrilheiro entrou no gramado e automaticamente estagnou o time cruzmaltino.

Seis anos depois o já veterano atacante teve o seu passe livre e nem com essa condição abandonou o time.. Em 1988 Roberto quase não renovou com o Vasco, mas Eurico Miranda interviu e com isso o Vasco conseguiu o bicampeonato carioca. Dinamite saiu do Vasco no ano de 1989 e acertou até o fim daquele ano com a equipe da Portuguesa de Desportos para a disputa do campeonato nacional.

Mas como grande ídolo que é Roberto Dinamite não poderia se aposentar dos gramados sem vestir novamente a camisa do Vasco da Gama. Isso ocorreu em 1992, e não foi só isso, acabou sendo campeão da Taça Guanabara e estadual daquela edição. Foi decisivo nas partidas e voltou a ser idolatrado pelos torcedores. Sua última partida foi contra o Flamengo no mês de dezembro de 1992 (NOGUEIRA e TAVES, 2011).

Até os dias atuais mantém o recorde de maior artilheiro da história do Campeonato Brasileiro com 190 gols, do campeonato carioca com 279 e também como maior goleador do estádio de São Januário:184 gols. Jogou 1110 jogos com a camisa do Vasco e marcou 708 gols e dentre seu portfólio de títulos estão: Campeonato Brasileiro (1974), Campeonato Carioca (1977,1982,1987,1988,1992), Troféu Ramon de Carranza (1987 e 1988) entre outros (SITE OFICIAL DO VASCO,2018).

Todos esses grandes ídolos vascaínos deram uma parcela de contribuição para que o Club de Regatas Vasco da Gama e seu estádio pudessem ter importância que possuem no cenário nacional e internacional, seja pelas grandes atuações ou mesmo pela repercussão que São Januário pôde ter com eles.

## CAPÍTULO 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estádio de São Januário do Vasco da Gama, na cidade do Rio de Janeiro, constitui um patrimônio arquitetônico. Projetado pelo arquiteto português Ricardo Severo da Fonseca e executado pela firma dinamarquesa Cristiani & Nielsen, foi inaugurado em 1927. Teve sua fachada em estilo neocolonial tombada pela cidade do Rio de Janeiro, através da Lei 1563/96 aprovada pela Câmara Municipal. A fachada de quase 300 metros de frente tem o frontão curvilíneo, varandas coloniais, uma fileira de janelas com arcos, telhas canais e algumas áreas internas ornamentadas por desenhos em azulejos concebidos pelo desenhista e pintor português Jorge Colaço. Por essa razão, considerando o seu valor arquitetônico, o Vasco realizou um movimento junto ao INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural e ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para o tombamento do seu estádio de valor histórico, cultural, esportivo e social, mas até o ano 2018, contrariando o que circula nas redes sociais, ele não constava na lista de bens preservados e protegidos, quer nacionalmente pelo IPHAN, quer no âmbito estadual pelo INEPAC, mas apenas pela prefeitura carioca.

Um dos objetivos dessa pesquisa foi justamente identificar as razões pelas quais o Estádio de São Januário pode ser considerado um patrimônio histórico estadual e nacional. “*O diabo é que precisamos por tudo em termos de memória* – diz Nelson Rodrigues, que abriu essa dissertação com uma de suas frases de efeito, quando confessa ser “*um dos que creem que o homem é, sobretudo, passado. O presente pouco importa e o futuro menos ainda*”. Muito além do seu valor arquitetônico, a dissertação ressaltou aqui o papel do estádio do Vasco como patrimônio de dimensões imateriais e simbólicas, capaz de “*por tudo em termos de memória*”. Portanto, como um lugar de memória.

Com apoio na documentação existente em arquivos, na revisão bibliográfica e até em algumas entrevistas informais com dirigentes e torcedores vascaínos, situamos o Estádio de São Januário como palco das lutas políticas e sociais e das manifestações do Poder político especialmente no período autoritário do Estado Novo de Getúlio Vargas e ainda como cenário de apresentações artísticas e de expressão da cultura popular, que

abrigou apresentação do coral idealizado por Villa-Lobos com 40 mil participantes e as festividades do carnaval, além de ser encarado pelo Ministério da Educação como um gigantesco auditório, que abrigou professores concursados e outras atividades pedagógicas e desfiles escolares. Discutimos também como a questão do racismo foi encarada pelo clube e pelas portas abertas de seu estádio a negros, mulatos, pobres e suburbanos.

A questão colocada inicialmente foi saber quais eram os objetos e documentos, manuscritos e imagéticos, que permitiam reconstituir essa trajetória histórica e como estão conservados. Consultamos o Arquivo do Centro de Memória do Vasco que guarda documentos únicos, alguns já publicados, outros inéditos. Complementamos com o exame de jornais na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional para acompanhar o noticiário e como a mídia repercutiu alguns eventos de importância histórica, dando mais ênfase a uns que a outros. O Museu do Futebol em São Paulo foi visitado virtualmente e a ele foi dado grande espaço nessa dissertação, não tanto pelas informações fragmentadas sobre o Estádio São Januário, mas pela contextualização da história do futebol no Brasil. O Acervo do CPDOC-FGV: futebol, memória e patrimônio foi consultado já no final da pesquisa, mas mereceu destaque, assim como o Núcleo de Sociologia do Futebol da Uerj, pelo caráter pioneiro de ambos na abordagem teórica e por terem trazido para dentro da reflexão acadêmica tema tão importante até então discriminado pelos centros de pesquisa.

Temos consciência de que esses acervos merecem uma exploração muito mais profunda da que fizemos aqui, no tempo tão curto disponível para a conclusão do mestrado, que nos permitiu apenas tomar conhecimento de sua existência e explorar a documentação de forma menos intensa do que desejávamos. Pretendemos realizar tal aprofundamento numa futura tese de doutorado se for possível.

Da mesma forma, antes de redigir as considerações finais, a releitura da dissertação, assim como a última reunião de orientação, deixaram claro para mim que a questão teórica poderia ter sido mais amadurecida e mais integrada na análise dos dados. Autores do campo da memória social com os quais convivi esses dois anos em diferentes disciplinas do Programa de Pós Graduação em Memória Social, foram úteis por terem chamado minha atenção, com visões diferentes, para os locais consagrados, como o estádio de São Januário, palco não só de eventos esportivos – o que por si só já indicaria sua relevância - mas também de manifestações históricas

envolvendo a vida de muitas pessoas. Ficou uma certa insatisfação por ter exposto as ferramentas conceituais à parte, sem nem sempre usá-las com maior propriedade na análise dos dados.

De qualquer forma, o “boom da memória” sinalizado por Huyssen e inserido no corpo da dissertação, foi proveitoso para entender o processo, nos tempos atuais do mundo contemporâneo, do inchaço da memória, diante do crescimento dos novos meios tecnológicos midiáticos que acabam provocando o “medo de esquecer” e levando a procurar e recuperar memórias a partir das experiências vividas.

Uma dessas experiências está relacionada ao papel desempenhado pelo Clube e por seu estádio no combate ao racismo, numa época em que um jogador mulato, antes de entrar em campo, cobria o rosto com pó-de-arroz para disfarçar sua cor. Mudaram as formas de manifestar o preconceito, tanto nas manifestações esportivas como em outras instâncias da sociedade brasileira, mas o racismo continua presente no esporte, na cultura e no cotidiano das pessoas. Conhecer a experiência e a luta travada historicamente nesse campo no âmbito esportivo pode ajudar a enfrentá-lo no presente.

Se tivéssemos de destacar aqui uma única conclusão, diria que a pesquisa realizada contribuiu para organizar e sistematizar dados que fortalecem a ideia de que o Estádio São Januário é efetivamente um patrimônio histórico não apenas dos cariocas, mas do Rio de Janeiro e do Brasil. Digo isso não apenas como vascaíno, mas sobretudo como um pesquisador iniciante que dá seus primeiros passos, ainda de forma iniciante, para produzir conhecimentos, consciente de que “a luta do homem contra o poder – como quer Milan Kundera – é a luta da memória contra o esquecimento”.

Espero que tenha sido útil o esforço e afincos para que esse referido trabalho sirva como fonte de consulta aos interessados na história do estádio Vasco da Gama, na discussão sobre o patrimônio que representa e na luta contra as manifestações de racismo no futebol. Por essa razão reunimos aqui, no final, dados dispersos sobre as biografias de grandes atletas (brancos e negros) que jogaram pela equipe vascaína e ajudaram cada um com sua parcela de contribuição, para enriquecer ainda mais a história desse estádio quase centenário do nosso futebol, como também ser uma ferramenta de resistência, para não se deixar esquecer que a luta contra o preconceito é um ato contínuo e que o estádio de São Januário contribuiu para esse enfrentamento. Não foram apenas Getúlio Vargas, Villa-Lobos, o carnaval, as atividades no campo da

educação e da cultura realizadas naquele palco que conferiram ao estádio a condição de patrimônio histórico, mas seus atletas que despertaram na multidão de espectadores a alegria e o prazer do espetáculo futebolístico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Rosângela de Sena. *De Copa a Copa: Memórias do Estádio de Futebol do Maracanã*. Rio de Janeiro, 2014. (TESE DE DOUTORADO NO PPGMS)
- AZEVEDO, Nadia Pereira Gonçalves de.; Silva Daxelon Sérgio da. **Análise Discursiva da Identidade de torcedores do Santa Cruz Futebol Clube em suas posições-sujeito**. São Paulo: Intersecções:2018
- AZEVEDO, Fernando de. *A Educação entre dois Mundos*. Edições Melhoramentos, Obras completas, volume XVI,1948, São Paulo,p.47
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I, Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense: 1987.
- BILHÃO, Isabel. **“Trabalhadores do Brasil!”: as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 62, p. 71-92 – 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel,1989. p.17-59.
- CABRAL, Sérgio. **As Escolas de Samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.
- CALABRE, Lia. *Políticas públicas culturais de 1924 a 1945: o rádio em destaque*. Estudos Históricos, nº 31, vol.1, 2003. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh> Acesso em: Nov. de 2018.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.
- CASTRO GOMES, Ângela. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Iuperj/Vértice, 1988.
- CONTURSI, Maria Eugenia; FERRO, Fabiola. *La Narración: Usos y Teorias*. Bogotá: Norma (2000)
- CORNELSEN, Elcio; CAMPOS, Priscila A.F.; SILVA, Silvio Ricardo (orgs). **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**. Rio de Janeiro. Jaguatirica, 2017.
- DAMASCENO, André Oliveira. *O Anchieta modernista: A trajetória musical-pedagógica de Villa-Lobos (1930-1959)*. Unicamp. Campinas. 2014.
- DRUMOND, Maurício. *Getúlio Vargas, São Januário e o Primeiro de Maio*. Histórias do Sport. 2012.

FERNANDES, Valéria Dal Cim. *Um Estudo Sobre a Condução do Primeiro de Maio no Estado Novo (1938-1945)*, Revista Vernáculo, n.27. 2011.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Crônicas e Memórias que Resistem. In. DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô. **Por que memória social?** Rio de Janeiro: Híbrida,2016,p.99-128. (Revista Morpheus:estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial v.9,n.15,2015) Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/pub119.pdf>. Acesso:08/10/18

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 2005.

HELAL, R.; CESAR C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol, in HELAL, R., A. J. Lovisolo, H. **A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria**, Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

HOBSBAWN, Eric. *A Invenção das Nações*. São Paulo: Paz e terra, 1984:2-21.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Aeroplano. Rio de Janeiro. 2000.

MALHANO, Clara E.S.M.B.; MALHANO, Hamilton Botelho. *Memória Social dos Esportes: São Januário – Arquitetura e História*. Editora Tempo. Rio de Janeiro. 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar,1970.

MARQUES, E. *Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Revan/Fapesp. 2000.

NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, v. 10, 1993.

NORA, Pierre. *Entre Memoire et Histoire - La problematique des lieux*. Les lieux des Memoires. VI: La Republique. Paris: Gallimard,1984: XIX.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Francisco X..F. **Futebol e Teoria Social: A Formação do Futebol no Sport Club Internacional (1997-2001)**.Porto Alegre, 2003.

RODRIGUES, Nelson. *A Pátria em chuteiras. Novas Crônicas de futebol*. São Paulo. Cia. Das Letras. 1994.

SCHEMES, Claudia. *Festas Cívicas e esportivas: Um estydi comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e perón (1946-1955)*. Novo Hamburgo: Feevale, 2004,p.118).

SEKI, Lucy. *Jene Ramyjwena juru pytsaret. O que habitava a boca de nossos ancestrais*. Rio de Janeiro. Museu do Índio/Funai. 2010

SILVA, Eliazar João. *De esporte das elites ao esporte popular*. Editora Fronteiras. Dourados MS. 2012.

SILVA, Ana Paula da. *Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*. EDUFF. 2014.

SILVA, Carlos Alberto. *A linguagem racista no futebol brasileiro*. UNISUAM. Rio de Janeiro. 2007.

TORERO, José Roberto. *Um História de Futebol*. Companhia das Letrinhas. São Paulo.2017.

VENANCIO, Pedro. *Nasce o Gigante da Colina*. Rio de Janeiro. Maquinária Editora, 2014. 127 p.

VERDÚN, Vicente. *El Fútbol - Mitos, Ritos Y Simbolos*. Madrid, Alianza Editorial, 1980. 208 p.

#### Sites Pesquisados:

ABRAHAO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o frango de Barbosa: **questões sobre o racismo no futebol brasileiro**. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/3033/5132>  
Acesso: 04/09/18

ACERVO O GLOBO. *No Dia do Trabalho, Vargas e JK reuniam multidão no Estádio de São Januário*. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/no-dia-do-trabalho-vargas-jk-reuniam-multidao-no-estadio-de-sao-januario-12350443> Acesso em: 17/02/2018.

BARBOSA, Felipe. *Como o Bangu ajudou na inclusão de negros no futebol brasileiro*. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/2015-11-19/como-o-bangu-ajudou-na-inclusao-de-negros-no-futebol-brasileiro.html> Acesso em: 13/03/2018.

BILHÃO, Isabel. “Trabalhadores do Brasil!”: as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v31n62/a06v31n62/> Acesso: 06/07/18 às 10:41

BLOG MEMÓRIA DO TORCEDOR VASCAÍNO. *Vargas em São januário 1935 - Congresso de Educação*. Disponível em: <http://memoriadorcedor.blogspot.com.br/2017/03/vargas-em-sao-januario-1935-congresso.html> Acesso em: 12/01/18 às 1:21

BORGES, Mirelle Ferreira. **Villa-Lobos, o músico educador.** Disponível em: [http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2008\\_BORGES\\_Mirelle\\_Ferreira-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2008_BORGES_Mirelle_Ferreira-S.pdf) Acesso:30/08/18

BONAVIDES, Paulo. **Reflexões sobre a nação, Estado social e soberania.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a13v2262.pdf>. Acesso: 30/08/18

CARVER, George Washington. **O poder oculto do Esporte.** Disponível em: <http://opoderocultodoesporte.blogspot.com.br/2010/08/> Acesso em: 18/02/2018.

CENTRO DE MEMÓRIA SÃO JANUÁRIO. **1904 - 1º Presidente não branco: Cândido José de Araujo.** Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/conteudo/detalhe/29/1904-1-presidente-nao-branco-candido-jose-de-araujo> Acesso em: 18/02/2018.

CENTRO DE MEMÓRIA SÃO JANUÁRIO. **O Vasco nas comemorações de 7 de setembro.** Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/noticia/detalhe/15634/o-vasco-nas-comemoracoes-de-7-de-setembro> Acesso em: 17/02/2018.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco,1997.

DUARTE, Marcelo. **O curioso 1º de maio de 1944 com Getúlio Vargas no Estádio do Pacaembu.** Disponível em: <http://spcuriosos.uol.com.br/o-curioso-1o-de-maio-de-1944-no-estadio-do-pacaembu/> Acesso em: 17/02/2018.

FAPERJ. **Memória Social dos Esportes.** Disponível: <http://www.faperj.br/?id=159.3.9> Acesso:21/01/19

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Bau Velho: Um museu do Futebol.** Disponível em: <http://www.taquiprati.com.br/cronica/1045-bau-velho-um-museu-do-futebol?reply=20295> Acesso em: 17/02/2018.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Ai de Ti, sangrando Coração.** Disponível em: <http://www.taquiprati.com.br/cronica/958-ai-de-ti-haiti-sangrado-coracao>. Acesso: 29/07/18

Galeria do Samba. **Galeria do Samba Rio de Janeiro.** Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/portela/1944/> Acesso:29/11/18

GE. **Histórias Incríveis: O mito Leônidas, diamante da bola, batiza chocolate.**

Disponível:<http://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2013/09/historias-incriveis-o-mito-leonidas-diamante-da-bola-batiza-chocolate.html> Acesso:22/01/19

GE. **1945: O ano em que São Januário virou o Caldeirão da Portela.** Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/1945-o-ano-em-que-sao-januário-virou-o-caldeirão-da-portela.ghtml> Acesso em: 27/11/18

GE. **Martin ameaça posto de Prass de goleiro com mais jogos neste século no Vasco.** Disponível: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/martin-ameaca-posto-de-prass-de-goleiro-com-mais-jogos-neste-seculo-no-vasco.ghtml> Acesso: 02/09/18

GE. **Por exigência do pai, Bellini conciliou futebol com emprego de cabeleireiro.** Disponível: <http://globoesporte.globo.com/sp/campinas-e-regiao/noticia/2014/03/por-exigencia-do-pai-bellini-conciliou-futebol-com-emprego-de-cabeleireiro.html> Acesso 02/09/18

GE. **Família abre baú de Bellini com faixa de 1958, postais da europa e fotos.** Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/campinas-e-regiao/noticia/2014/03/familia-abre-bau-de-bellini-com-faixa-de-1958-postais-da-europa-e-fotos.html>. Acesso: 05/09/18

GE. **Gigantes na Colina: Fifa confirma que Vasco receberá Argentina e Alemanha.** Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/07/gigantes-na-colina-fifa-confirma-que-vasco-recebera-argentina-e-alemanha.html> Acesso em: 09/ 01/18 às 15:08

GE. **Arouca é chamado de 'macaco' após goleada do Santos: 'Bom nem ouvir'.** Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2014/03/arouca-e-chamado-de-macaco-apos-goleada-do-santos-bom-nem-ouvir.html> Acesso em: 13/03/2018.

GOETHE INSTITUT. **Futebol e racismo: o mito da democracia racial em campo. Futebol e cultura.** Disponível em: <http://www.goethe.de/ins/br/sap/prj/fus/ges/pt9657066.htm> Acesso em: 13/03/2018.

INCONDICIONALMENTE VASCO. **Inauguração de São Januário.** Disponível em: <https://incondicionalmentevasco.files.wordpress.com/2012/04/inaugurac3a7c3a3o-de-sc3a3o-januc3a1rio-img.jpg> Acesso: 21/01/19

JORNAL DO BRASIL. **Prefeito sanciona criação do bairro Vasco da Gama.** Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1998, p.23

MACHADO, Felipe Morelli; Banchetti, Luciano Deppa. **Nas arquibancadas e nas tribunas! O binômio futebol/política na vivência dos estádios durante o governo Vargas: Pacaembu e São Januário.** São Paulo, 2009. Disponível [http://m/nemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/175/pdf\\_160](http://m/nemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/175/pdf_160) Acesso em: 08/08/18

MENEZES, Cynara. **As origens elitistas e racistas do futebol, por Mário Rodrigues (o irmão de Nelson).** Disponível em: <http://www.socialistamorena.com.br/as-origens->

[elitistas-e-racistas-do-futebol-por-mario-rodrigues-o-irmao-de-nelson/](#) Acesso em: 18/02/2018.

MURAD, Maurício. Núcleo de Sociologia do Futebol-UERJ. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2093/1232>

NEVES, Margarida de Souza. *Lugares de Memória no Brasil*. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria.htm> Acesso em: 17/02/2018.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. *Barbosa o injusticado*. Disponível em: <http://observatorioracialfutebol.com.br/barbosa-o-injusticado/> Acesso em: 20/03/2018.

PERES, Walmer. *São Januário: palco da história política, cultural e social do Brasil*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/sao-januário-palco-da-historia-politica-cultural-e-social-do-brasil.ca1e66dddbf28af0ad5d6840925f037317smxres.html> Acesso em: 17/02/2018.

SALGADO, Gisele Mascarelli. *Uma outra lei sob as quatro linhas: casos de racismo no futebol*. Artigo acadêmico. Disponível em: [http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=11302](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11302) Acesso em: 13/03/2018.

SILVA, Mariângela Benine Ramos. **Ritos, Rituais e Cerimônias e suas implicações políticas nas organizações contemporâneas**. Disponível em: [http://www.abrapcorp.org.br/anais2008/gt2\\_benine.pdf](http://www.abrapcorp.org.br/anais2008/gt2_benine.pdf)

SITE FGV CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/>. Acesso 30/07/18

SITE FOLHA. **São Januário: palco da história política, cultural e social do Brasil**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1511200911.htm>. Acesso em 30/08/18

SITE FOLHA. **É uma perda muito grande, diz Pelé sobre Bellini; veja mais repercussão**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/03/1428530-bellini-era-e-tinha-a-imagem-de-um-grande-jogador-diz-evaristo-de-macedo.shtml>. Acesso: 04/09/18

SITE IG. **Torcedores do Vasco protestam contra o racismo**. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/torcedores-do-vasco-protestam-contra-o-racismo-confira-fotos/n1597703405843.html>. Acesso 02/09/18

SITE IG. **Conheça a história de Bellini, o capitão do primeiro título mundial**. Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/futebol/2014-03-20/conheca-a-historia-de-bellini-o-capitao-do-primeiro-titulo-mundial.html>. Acesso 03/09/18

SITE LETRAS DE MÚSICAS. **Quando meu Vasco joga(Guerreiros do Almirante)**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/guerreiros-do-almirante/1221772/>

SITE LETRAS DE MÚSICAS. **Camisas Negras (luta contra o racismo)**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/vasco-da-gama/1269000/>

SITE LANCENET. **São Januário 90 anos: arquitetura bela e projeto para 100 mil pessoas**. Disponível em: <http://www.lance.com.br/vasco/sao-januario-anos-arquitetura-bela-projeto-para-100-mil-pessoas.html> Acesso 17/02/2018.

SITE LANCENET. TIM 4G. **Bellini, um zagueiro que virou até estátua**. Disponível em: <https://www.lance.com.br/tim4g/tim-bellini-zagueiro-que-virou-ate-estatuta.html>. Acesso 03/09/18

SITE MUSEU DO FUTEBOL. **Biblioteca e Midiateca**. Disponível em: <https://www.museudofutebol.org.br/pagina/biblioteca-e-midiateca>

SITE MUSEU DO FUTEBOL. **Conheça o CRFB**. Disponível em: <https://www.museudofutebol.org.br/pagina/conheca-o-crfb>

SITE MUSEU DO FUTEBOL. **João Saldanha entre livros**. Disponível em: <https://medium.com/museu-do-futebol/jo%C3%A3o-saldanha-entre-livros-d5ef23322f53>

SITE MUSEU DO FUTEBOL. **Missão, visão e valores**. Disponível em: <https://www.museudofutebol.org.br/pagina/sobre-o-museu-do-futebol>

SITE MUSEU DO FUTEBOL. **O Museu Educativo**. Disponível em: <https://www.museudofutebol.org.br/pagina/o-programa-educativo>

SITE MUSEU DO FUTEBOL. **Museu Amigo do Idoso- Museu do Futebol**. Disponível em: <https://www.museudofutebol.org.br/pagina/museu-amigo-do-idoso>

SITE NETVASCO. **No dia em que estaria completando 84 anos, Bellini ‘ganha’ foto colorizada artificialmente**. Disponível: <http://www.netvasco.com.br/n/148054/no-dia-em-que-estaria-completando-84-anos-bellini-ganha-foto-colorizada-digitalmente>  
Acesso:08/12/18

SITE NETVASCO. **Vasco inaugurou o novo espaço do Centro de Memória em São Januário**. Disponível em: <http://www.netvasco.com.br/n/150846/vasco-inaugurou-o-novo-espaco-do-centro-de-memoria-em-sao-januario> Acesso:05/05/18

SITE NET VASCO. **Fachada de São Januário é tombada apenas por órgão municipal**. Disponível em: <http://www.netvasco.com.br/n/100038/fachada-de-sao-januario-e-tombada-apenas-por-orgao-municipal> Acesso em: 12/01/18.

SITE NET VASCO. *Em 1945, líder comunista Luiz Carlos Prestes reuniu 100 mil pessoas em comício em São Januário; veja foto e discurso.* Disponível em: <http://www.netvasco.com.br/n/140467/em-1945-lider-comunista-luiz-carlos-prestes-reuniu-100-mil-pessoas-em-comicio-em-sao-januario-veja-foto-e-discurso> Acesso em 09/01/18 às 19:21.

SITE NET VASCO. **Há 65 anos, São Januário sediava o desfile oficial das escolas de samba.** Disponível: <http://www.netvasco.com.br/news/noticias15/75400.shtml> Acesso em: 28/11/18 às 13:34

SITE NET VASCO. **Patrimônio- Sede de São Januário.** Disponível em: <http://www.netvasco.com.br/historia/patrimonio/> Acesso:21/01/19 às 13:34

SITE RACISMO NO FUTEBOL. **Análise Final.** Disponível: <https://racismonofutebol.wordpress.com/analise-final/> 21/12/18 às 14:32

SITE SCAV ESPORTES. **Futebol de todos os tempos- Carlos Alberto o homem do pó de arroz.** Disponível: <http://rcavesportes.blogspot.com.br/2015/05/fluminense-1914-carlos-alberto-o-homem.html> Acesso 20/10/18 às 12:34

SITE SPORTV. **Dinamite faz 60 anos, faz balanço da vida e relembra infância e carreira.** Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2014/04/dinamite-faz-60-anos-no-domingo-e-diz-que-balanco-da-vida-e-muito-positivo.html> Acesso em: 08/10/18 às 14:23

SITE REVISTA ÉPOCA. **O que diz o Carnaval.** Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/opiniao/roberto-damatta/noticia/2013/02/o-que-diz-o-carnaval.html> Acesso: 01/12/18 às 12:31

SITE TRIVELA. *Como os jornais e revistas da época, há 90 anos, retrataram a inauguração de São Januário.* Disponível em: <http://m.trivela.uol.com.br/como-os-jornais-e-revistas-da-epoca-ha-90-anos-retrataram-a-inauguracao-de-sao-januario/> Acesso em: 13/01/18 às 21:21.

SITE VASCO DA GAMA. **Juninho Pernambucano- Antônio Augusto Ribeiro Reis Júnior.** Disponível: <http://www.vasco.com.br/site/conteudo/detalhe/111/juninho-pernambucano-antonio-augusto-riberiro-reis-junior>

SITE VASCO DA GAMA. **Barbosa- Moacir Barbosa Nascimento.** Disponível: <http://www.vasco.com.br/site/conteudo/detalhe/88/barbosa-moacir-barbosa-nascimento> Acesso 02/12/18

SITE VASCO DA GAMA. **Morte de Barbosa completa 13 anos.** Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/noticia/detalhe/4720/morte-de-barbosa-completa-13-anos> Acesso: 30/08/18 às 15:42

SITE VASCO DA GAMA. **O Vasco nas comemorações de 7 de setembro.** Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/noticia/detalhe/15634/o-vasco-nas-comemoracoes-de-7-de-setembro> Acesso em: 09/01/18 às 22:23.

SITE VASCO DA GAMA. **Bellini-Hideraldo Luiz Bellini.** Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/conteudo/detalhe/90/bellini-hideraldo-luiz-bellini-> Acesso em 01/09/18

SITE VASCO DA GAMA. **Sepultamento do Ídolo Bellini será neste sábado em Itapira.** Disponível em: 07/09/18

SITE VASCO DA GAMA. Romário- Romário de Souza Faria. Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/conteudo/detalhe/125/romario-romario-de-souza-faria-> Acesso 05/09/18

SITE VASCO DA GAMA. **Há 41 anos, Dinamite marcava o seu primeiro gol pelo Vasco.** Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/noticia/detalhe/3863/ha-41-anos-dinamite-marcava-seu-primeiro-gol-pelo-vasco>

SITE VASCO DA GAMA. **Roberto Dinamite- Carlos roberto de Oliveira.** Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/conteudo/detalhe/124/roberto-dinamite-carlos-roberto-dinamite-de-oliveira-> Acesso 08/10/18

SOARES, Antonio Jorge. **O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: Uma história de Identidade.** Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v13%20n1%20artigo8.pdf> Acesso:28/09/18

STEIN, Leandro. **Como futebol e sociedade se uniram para integrar os negros.** Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/como-futebol-e-sociedade-se-uniram-na-abertura-aos-negros-no-brasil/> Acesso em : 13/03/2018.

TEIXEIRA, João Paulo Vieira. 1923: **Investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca.** Disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_15/contemporanea\\_n15\\_03\\_Teixeira.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_15/contemporanea_n15_03_Teixeira.pdf) Acesso:03/09/18

WELLE, Deutshe. **Futebol, racismo e o mito da “democracia racial”.** Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/futebol-racismo-e-o-mito-da-democracia-racial-1282.html> Acesso em: 13/03/2018.

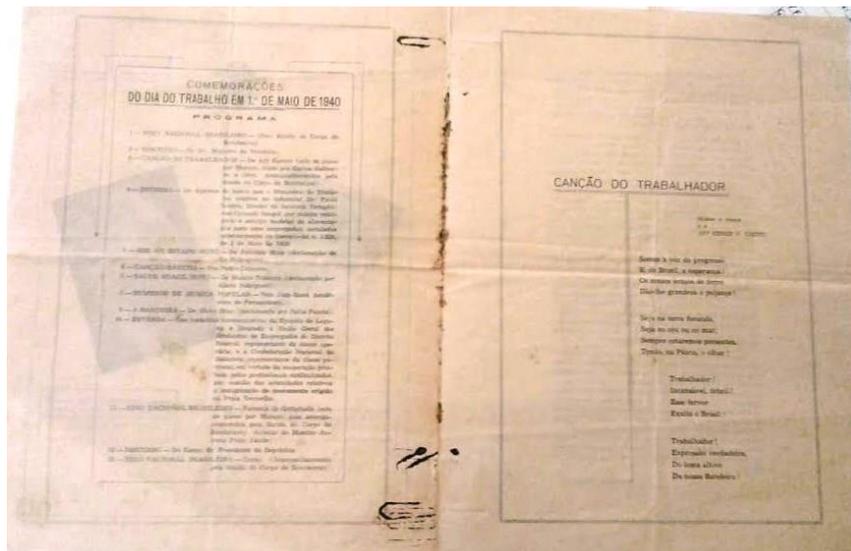
SITE NETVASCO. Patrimônio.Ds

Anexos

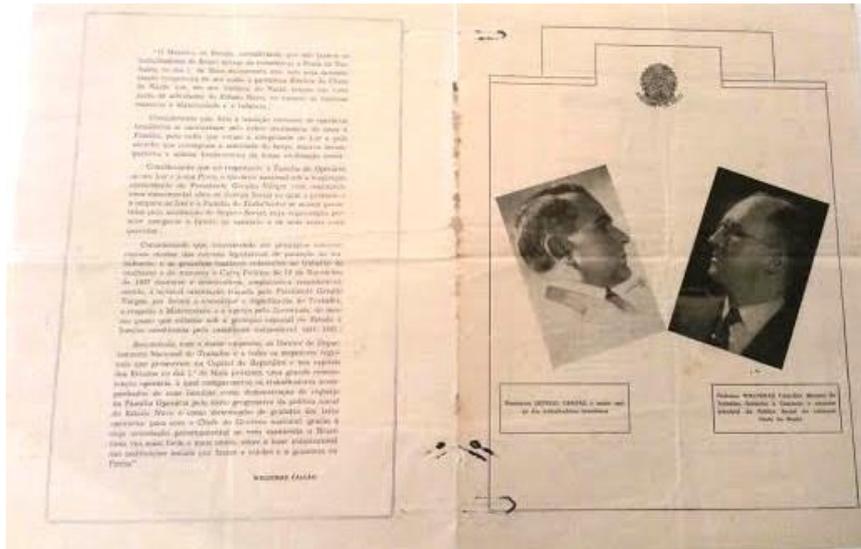
Lista de Documentos e periódicos coletados



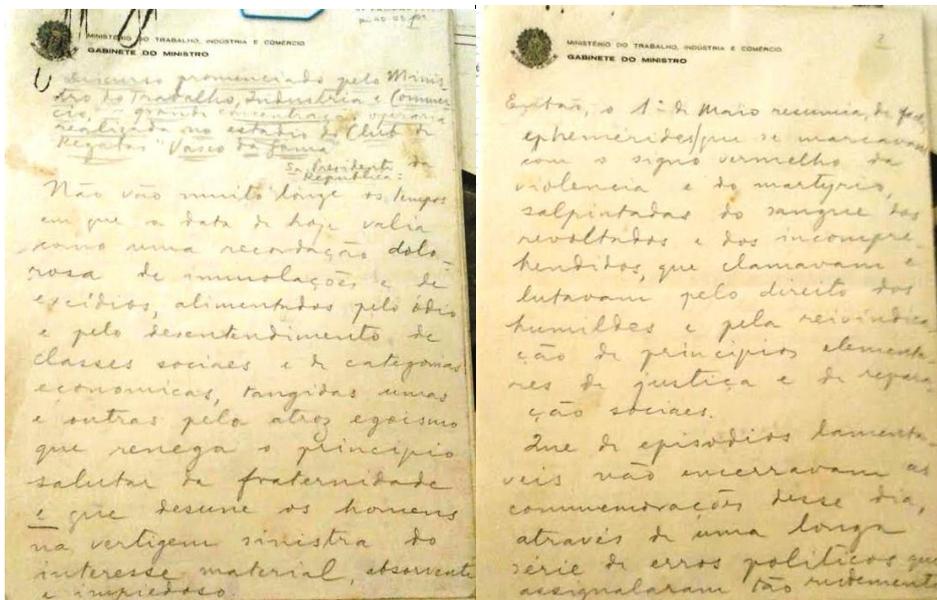
Revista Ensaio de Opinião- Discurso do Dia do Trabalho 1952(Arquivo CPDOC)



Dia do Trabalhador 1 Maio de 1940- Canção do Trabalhador- (Arquivo CPDOC)



Dia do Trabalhador 1 Maio de 1940- Canção do Trabalhador- (Arquivo CPDOC)



Dia do Trabalhador 1 Maio de 1940- Canção do Trabalhador Páginas 1 e 2- (Arquivo CPDOC)






 MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
 GABINETE DO MINISTRO 11

não grande deixar a abjectiva.  
 A esse physionomista girando a  
 traço marcante de seu papel  
 social, reportam com os prognos-  
 ticos mais seguros quanto ao  
 certo de seu funcionamento.  
 O governo Nacional, que impri-  
 mui ao Brasil, sob a direção  
 firme de V. Ex., o rumo certo  
 de uma marcha ascensional  
 cominto de um futuro auspicioso  
 e feliz; esse mesmo governo  
 que extingue de vez as querelas  
 partidárias e que derruba a  
 sem de unidade da pátria, as  
 míseras barreiras dos regionalis-  
 mos maltaos, que alicerçam  
 nojamente a ordem social  
 na colaboração recíproca e  
 na harmonia entre as classes  
 produtoras e trabalhadoras a


 MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
 GABINETE DO MINISTRO 12

que ainda agora marca uma etapa triunfa-  
 phal para a obtenção de nossa  
 emancipação econômica, mere-  
 da fundação de grande siderurgia  
 nacional - esse governo  
 pode confiar tranquillamente  
 em a nova organização jurídica  
 que, para garantia de nossa  
 legislação social, passa a  
 integrar-se definitivamente  
 em nosso aparelhamento legal.  
 Os antecedentes históricos a que  
 ella se prende, as características  
 principais de seu funcionamento  
 e os nobres jurdicos em que  
 foi plasmada, representam a  
 melha segurança do pleno cum-  
 primento de sua missão social  
 politica.  
 As palavras que V. Ex. vai proferir,  
 Sr. Presidente Getúlio Vargas,

Dia do Trabalhador 1 Maio de 1940- Canção do Trabalhador Páginas 11 e 12- (Arquivo CPDOC)


 MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
 GABINETE DO MINISTRO 13

instalando em todo o Brasil  
 nesta hora historica do mundo,  
 a justiça de trabalho na pleni-  
 tudine dos orgaos que a compoem.  
 Valam como a effirmação de que  
 a V. Ex. não atemorizaram jamais  
 as sombrias prophcias do que  
 vislumbravam no palco ator-  
 mentado da civilização humana  
 o drama angustioso das lutas  
 de classes, alimentadas pelo  
 odio e pela ambição.  
 Aquelle espirito de destruição,  
 de que nos fala Sombart, filho  
 da revolta dos factores economicos  
 contra os singelos codigos legislativos  
 hipocritas, e que chegara a reconstruir a vida  
 dentro de <sup>uma</sup> tempera maldicosa de egoismos  
 vincando a maldicção a era  
 do Capitalismo, não fogem attingir


 MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
 GABINETE DO MINISTRO 14

indolentemente a terra brasi-  
 leira, porque, graças a Deus,  
 soube V. Ex., com mão segura  
 e sabie vista das cousas, oppo-  
 r-se ao ante-mural de justiça social  
 armando o Brasil dessa coragem  
 inextinguivel de leis garantidoras  
 dos direitos do trabalho, postos em  
 exacta equação com os interesses  
 do capital.  
 Hoje V. Ex. encina o edificio da  
 Legislação Social com a cupula  
 de justiça especializada que a  
 val vindicar em nobres organi-  
 cos e decisivos.  
 Fazendo-o, bem pôde V. Ex., Sr. Pre-  
 sidente Getúlio Vargas, parodiaria  
 a phrase daquelle grande Chefe  
 espartano quando indagava si  
 o estremo magnifico de  
 Persia, que tanto se exultava, era

Dia do Trabalhador 1 Maio de 1940- Canção do Trabalhador Páginas 13 e 14- (Arquivo CPDOC)

MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
GABINETE DO MINISTRO

15

maior do que elle, quando era  
peste...  
tanto aos povos civilizados  
exemplo da solução dos mais deli-  
cados problemas sociais sob o influxo  
da justiça e da fraternidade Chris-  
tã, o Brasil já tem o direito de  
affirmar que nenhuma nação ha  
se julga-se maior que nossa  
Patria quando esta se eleva e  
engrandece na integral concre-  
tização e na pratica constante  
da justiça, ideal que resume  
e explica toda a belleza deste  
espectaculo, em que vale accen-  
tuar, Sr. Presidente, a fidelidade  
do V. Ex. ao seu passado e a lealdade  
de com que sua directriz governa-  
mental cimenta, na justiça  
social, a estrutura luminosa da  
nacionalidade.

MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
GABINETE DO MINISTRO

16

- Invenia V. Ex. Sr. Presidente da  
Republica, seclamar installados  
no paiz os orgaos de justiça  
do Trabalho.

Dia do Trabalhador 1 Maio de 1940- Canção do Trabalhador Páginas 15 e 16- (Arquivo CPDOC)